



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
CURSO DE BACHARELADO EM URBANISMO

BRUNA SANTOS SOUZA

**AS DESIGUALDADES DE GÊNERO NO ESPAÇO URBANO – UM
ESTUDO SOBRE A MOBILIDADE DAS MULHERES NA RUA
SILVEIRA MARTINS, SALVADOR - BA**

Salvador
2017

BRUNA SANTOS SOUZA

**AS DESIGUALDADES DE GÊNERO NO ESPAÇO URBANO – UM
ESTUDO SOBRE A MOBILIDADE DAS MULHERES NA RUA
SILVEIRA MARTINS, SALVADOR - BA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Urbanismo da Universidade do Estado da Bahia.

Orientadora: Professora Dra. Liliane Ferreira Mariano da Silva.

Coorientador: Urbanista João Soares Pena.

Salvador
2017

Universidade do Estado da Bahia

Sistema de Biblioteca

Ficha Catalográfica - Produzida pela Biblioteca Edivaldo Machado Boaventura

Souza, Bruna Santos.

As desigualdades de gênero no espaço urbano: Um estudo sobre a mobilidade das mulheres na Rua Silveira Martins, Salvador - BA / Bruna Santos Souza.-- Salvador, 2017.

92 fls : il.:

Orientador: Liliane Ferreira Mariano da Silva Coorientador: João Soares Pena.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Exatas e da Terra, 2017

1. Patriarcalismo. 2. Espaço Urbano. 3. Mobilidade urbana das mulheres. 4. Gênero. I. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Exatas e da Terra.

CDD: 307.76

BRUNA SANTOS SOUZA

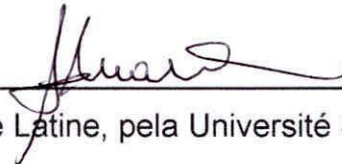
**AS DESIGUALDADES DE GÊNERO NO ESPAÇO URBANO – UM
ESTUDO SOBRE A MOBILIDADE DAS MULHERES NA RUA
SILVEIRA MARTINS, SALVADOR - BA**

Monografia apresentada para obtenção de grau de Bacharel em Urbanismo da
Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Aprovada em 27 de novembro de 2017.

Banca Examinadora:

Liliane Ferreira Mariano da Silva

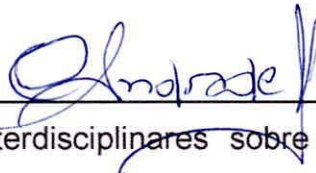


Doutora em L'Etudes de l'Amerique Latine, pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris
III.

Professora do Curso de Urbanismo.

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Cláudia Andrade Vieira



Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo -
PPGNEIM/UFBA.

Professora Adjunta do eixo Produção Científica no Departamento de Educação.

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Gabriela Leandro Pereira



Doutora em Arquitetura e Urbanismo, pelo Programa de Pós-Graduação da
Universidade Federal da Bahia.

Professora Adjunta do curso de Arquitetura e Urbanismo

Universidade Federal da Bahia - UFBA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao Universo, por ter, de alguma forma, influenciado na minha decisão de cursar Urbanismo na UNEB, onde definitivamente, me tornei um ser humano melhor, decorrente principalmente das pessoas que conheci. Posso ver claramente o quanto o ambiente acadêmico me transformou e me ajudou a construir um pensamento mais crítico, parte essencial na decisão do tema da minha monografia.

Aos meus pais, por terem me proporcionado todas as condições possíveis para que essa graduação acontecesse. Especialmente à minha mãe, por ter me apoiado incondicionalmente em todas as minhas decisões dentro da universidade, por ser uma mulher forte e inspiradora, por sempre me ouvir incansáveis vezes quando estava aflita e ansiosa quanto ao meu trabalho.

À Liliane Mariano, minha orientadora querida, que diante de tantos problemas pessoais, nunca mediu esforços para me ajudar.

Ao meu coorientador, João Pena, que venceu todas as barreiras, físicas inclusive, fuso horário, e outras limitações ocasionadas pelo seu doutorado em Amsterdã. Definitivamente, foi uma pessoa mais do que essencial para a construção dessa monografia. Foi quem viu meu trabalho nascer do zero, somente com algumas ideias vagas, sem estrutura, e me ajudou a encontrar um caminho. Não existem palavras para agradecer por todo apoio durante esse tempo.

À Claudia Vieira, que além de servir de inspiração, sempre se mostrou a disposição para me ajudar no que fosse possível, e foi parte importantíssima na estruturação da monografia, com suas sugestões preciosas.

A todos os meus amigos, que fizeram parte dessa trajetória, que me incentivaram, apoiaram e me acalmaram nos momentos mais difíceis, Lucas, Vanessa Beckman, Ramone, Vanessa Pinto, Apoena e Ludmilla, vocês são parte fundamental nessa conquista, eu definitivamente não teria conseguido se não fosse pelo apoio de vocês. Meu maior presente durante esse tempo, foi ter tido o privilégio de conviver com vocês, foi o que tornou esse percurso acadêmico mais leve e divertido, nossa amizade não tem preço.

A todos os meus professores do curso de Urbanismo, cada um com sua contribuição, foi parte imprescindível para a minha formação, não só acadêmica, mas pessoal,

especialmente professora Débora Nunes, por ser um dos seres humanos mais admiráveis e incríveis que já conheci, por ter me ensinado a pensar fora da lógica mecanicista e a compreender os novos paradigmas, novas formas de se viver.

À todas as meninas do SEMAP, que sempre me deram forças e me acobertaram no estágio, quando eu precisava de um pouco de tempo livre para produzir.

A todos que, direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

À todas as mulheres da minha vida, tias, primas, avós, amigas, conhecidas, colegas, por terem me inspirado de alguma forma. E, por fim, à todas as mulheres que não conheço, mas que não aceitam viver nessa atual conjuntura da sociedade, que lutam e resistem, juntas somos mais forte!

“É preciso ter coragem para ser mulher nesse mundo. Para viver como uma. Para escrever sobre elas.”

Think Olga

RESUMO

Durante muitos anos de construção da nossa sociedade, às mulheres foram delegados papéis de submissão. Pautado pelo patriarcalismo, esse pensamento se perpetuou por séculos, trazendo consequências para todas as esferas da sociedade, principalmente na forma como o espaço urbano foi sendo concebido e apropriado de forma desigual. Este trabalho tem como objetivo, compreender de que forma essa construção afeta na mobilidade urbana das mulheres pela cidade, problematizando os diferentes recortes sociais/raciais dentro da questão de gênero, utilizando como objeto de estudo a Rua Silveira Martins, no Bairro do Cabula na cidade de Salvador – Bahia. Através da aplicação de questionários, observação direta e levantamento de dados, sistematizar uma aproximação das suas demandas, para demonstrar a importância de se entender as especificidades dos grupos sociais mais vulneráveis, como agentes transformadores e produtores do espaço, portanto, justificar a necessidade de incluir as mulheres como elemento importante e integrante na construção de cidades justas e igualitárias.

Palavras-chave: Patriarcalismo; Espaço Urbano; Mobilidade urbana das mulheres; Gênero; Cidades;

ABSTRACT

During many years of building our society, women have been delegated roles of submission. Guided by patriarchy, this thought has been perpetuated for centuries, bringing consequences to all spheres of society, especially in how urban space was being designed and appropriated unequally. This study aims to understand how this construction affects the urban mobility of women in the city, problematizing the different social / racial cuts within the gender issue, using as object of study the Silveira Martins Street, Bairro of the Cabula in the city of Salvador - Bahia. Through the application of questionnaires, direct observation and data collection, systematize an approximation of their demands, to demonstrate the importance of understanding the specificities of the most vulnerable social groups, as transforming agents and producers of space, so, justify the need to include women as an important and integral element in the construction of fair and egalitarian cities.

Keywords: Patriarchy; Urban Space; Women's urban mobility; Genre; City.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mulheres protestando contra a censura na ditadura militar.	13
Figura 2: Disparidades de gênero no Brasil	155
Figura 3: Quem faz o quê em casa?	188
Figura 4: A jornada de trabalho das mulheres.....	20
Figura 5: Vitimização de mulheres brasileiras.	266
Figura 6: Dentre as que sofreram violência... ..	27
Figura 7: Assédio	28
Figura 8: Vagão rosa.....	29
Figura 9: Lógica da mobilidade feminina.	38
Figura 10: Mobilidade à pé – Obstáculos	39
Figura 11: Mobilidade à pé – Obstáculos 2	40
Figura 12: Muros – Rua Silveira Martins	48
Figura 13: A noite na Silveira Martins.	50
Figura 14: Vulnerabilidade da mulher no espaço urbano	51
Figura 15: Melhorias para a vivência da mulher no espaço urbano.	64
Figura 16: Para repensar a cidade.	64

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização Bairro do Cabula, Salvador - BA.....	31
Mapa 2: Distribuição de Serviços e Equipamentos Urbanos.....	33
Mapa 3: Rua Silveira Martins.....	34
Mapa 4: Distribuição de pontos de ônibus – Rua Silveira Martins.....	37
Mapa 5: Setores Fiscais, Bairro do Cabula.....	43
Mapa 6: Rua Silveira Martins – Dinâmica do Uso do Solo Urbano.....	44
Mapa 7: Condomínios fechados – Rua Silveira Martins.....	45
Mapa 8: Vazios Urbanos e áreas verdes – Rua Silveira Martins.....	46
Mapa 9: Rua Silveira Martins – Dinâmica do Uso do Solo Urbano 2.....	47
Mapa 10: Rua Silveira Martins – Dinâmica do Uso do Solo 3.	49
Mapa 11: Lugares de vulnerabilidade feminina – Rua Silveira Martins	59
Mapa 12: Lugares de vulnerabilidade feminina 2 – Rua Silveira Martins	60

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Perfil das mulheres entrevistadas	54
Gráfico 2: Qual a sua relação com o Bairro?.....	55
Gráfico 3: Realização das tarefas domésticas.	55
Gráfico 4: Resultado dos questionários.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS GÊNEROS	5
1.1 A SOCIEDADE PATRIARCAL	5
1.2 OS PAPÉIS SOCIAIS DAS MULHERES.....	7
1.2.1 Os papéis sociais das mulheres negras.....	10
CAPÍTULO 2 - UM PANORAMA DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL	13
2.1 LUTAS E CONQUISTAS.....	13
2.2 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO	16
2.3 AS MULHERES NO ESPAÇO URBANO	23
CAPÍTULO 3 – COMO AS MULHERES CIRCULAM NA RUA SILVEIRA MARTINS – CABULA, SALVADOR – BA.....	31
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	31
3.1.1 Mobilidade urbana sob a perspectiva feminina	34
3.1.2 (In)segurança.....	41
3.1.3 Espaços públicos e a relação de gênero.....	52
3.2 PERFIL DAS ENTREVISTADAS E ANÁLISE DOS DADOS	53
3.3 OS OLHARES FEMININOS SOBRE OS LUGARES.....	63
QUESTIONAMENTOS FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO	72

INTRODUÇÃO

O espaço urbano tem relação com as interações sociais que nele acontecem, ele é produzido socialmente e está sempre em constante transformação. Ou seja, a cada momento histórico, existe uma construção social contextualizada com sua época. Se existem desigualdades que permeiam a sociedade, elas são rebatidas diretamente na configuração do espaço e na forma com as pessoas vivenciam a cidade.

As diferenças sociais de gênero tem sido construídas ao longo do tempo. O fato de haver hoje, desigualdades que colocam a mulher com papel de menor relevância na sociedade, acontece porque foram culturalmente produzidas e historicamente homens e mulheres foram socializados em papéis diferentes. À mulher, o espaço privado, o lar; ao homem, a vida pública, o trabalho produtivo e representativo. Essa questão, no entanto precisa ser aprofundada, além do gênero, já que raça e classe social interferem diretamente na forma como as mulheres vivenciam a cidade.

As mulheres negras tiveram uma construção social totalmente diferente, oprimidas não só pelas relações de gênero, mas também pelo racismo, para elas, estar no espaço público sempre foi uma realidade, seja para o trabalho escravo, ou para seu próprio sustento. Ainda hoje, essa herança cria barreiras que impedem as mulheres negras de terem uma vivência justa do espaço urbano, mais do que para as mulheres brancas, já que estas ainda estão em posições de privilégios, quanto à sua raça/etnia.

As formas e possibilidades de viver a cidade são diferentes para determinados grupos sociais. Para as mulheres, os recursos urbanos não são suficientes ou não consideram suas particularidades, mesmo depois de conquistarem diversos direitos e ocuparem espaços mais relevantes, em diversas esferas políticas, econômicas e sociais, e principalmente, da sua emancipação em relação ao domínio masculino dentro da família, do casamento e da sociedade como um todo. Porém, com a sobreposição de papéis, de mãe, dona de casa e trabalhadora, atividades que requerem determinadas condições espaciais, como: infraestrutura viária, redes de serviços, espaços públicos e equipamentos urbanos que dêem suporte à essa rotina.

Para que a cidade seja funcional às mulheres, é preciso que suas necessidades sejam levadas em consideração, tratá-las também como agentes de transformação do espaço, e assegurar que sua circulação e permanência seja feita de forma livre e

segura. No entanto, os aspectos físicos de infraestrutura urbana não são os únicos entraves para as suas vidas na cidade. As barreiras culturais, os assédios constantes, o medo, a sensação de vulnerabilidade, insegurança, e além disso tudo, a culpabilização que recai sobre elas sempre quando acontece qualquer tipo de violência sexual: a roupa que estava usando, o horário em que estava na rua, o local que estava frequentando, se estava alcoolizada, ou seja, sempre existe um motivo para que a mulher seja culpada da violência que sofre. O direito de ir e vir, o direito à cidade, ainda não foi plenamente conquistado para as mulheres.

Mesmo sendo maioria enquanto população absoluta no Brasil, esses números não são refletidos quando se trata de ocupar lugares de poder e decisão. Esse é um fator que também fomenta as desigualdades de gênero no espaço, porque quando não há representatividade, as necessidades/percepções não são foco das decisões, e na maioria das vezes, as especificidades não são levadas em consideração.

Diante dessa problemática, este trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão de como a construção social do papel das mulheres trouxe diversas implicações na sua mobilidade pela cidade, utilizando com objeto de estudo a Rua Silveira Martins, no Bairro do Cabula, Salvador – BA, para entender de perto as demandas das mulheres. Desta forma, contribuir para uma reflexão acerca da importância do papel do planejamento urbano na atuação à luz de novas perspectivas, contemplando as questões de gênero, raça e classe, para a construção de cidades democráticas.

Para tanto, a estruturação do trabalho foi feita em três capítulos: No primeiro, “Construção Social dos Gêneros”, foi feito um apanhado geral de como surgiu a sociedade patriarcal, como se construiu o papel social dos gêneros, em que se estrutura, quais as heranças desse sistema e quais implicações tem na vida cotidiana das mulheres, na relação com o espaço urbano. Além disso, é abordada também a questão racial, e o papel social de mulheres negras, já que estas sempre viveram realidades diferentes das suas irmãs brancas.

No segundo capítulo, “Um panorama da desigualdade de gênero no Brasil” é construída uma contextualização das relações sociais de gênero no Brasil, as lutas e conquistas das mulheres ao longo da história brasileira, além disso, é retratado também como as diferentes relações sociais entre homens e mulheres constroem a divisão sexual do trabalho. Por fim, abordamos a interação das mulheres com o espaço urbano, como as desigualdades se refletem na apropriação do espaço, e como

este espaço é pensado por homens e para homens, como as mulheres vivem na cidade, quais as suas demandas, necessidades e percepções.

Por fim, o terceiro capítulo, “Como as mulheres circulam na Rua Silveira Martins, - Cabula, Salvador – ‘BA’”, através da abordagem dos capítulos anteriores, em que foi construído um aporte teórico, contextualizando as questões de gênero no espaço urbano, aqui, é feito um estudo de caso com o objetivo de aproximar, espacializar e compreender melhor como as mulheres se deslocam pela cidade, abordando questões como (in)segurança e a relação de gênero nos espaços públicos. Além da observação direta através de caminhadas pelo Bairro, foram realizadas entrevistas e questionários, para traçar o dia a dia dessas mulheres e compreender como as desigualdades na mobilidade urbana afetam diretamente no seu direito à cidade.

Como construção metodológica, foi feita uma abordagem dedutiva com procedimentos histórico, exploratório, descritivo e estatístico, além disso, a técnica utilizada foi a pesquisa bibliográfica para os dois primeiros capítulos e pesquisa de campo, observação direta com entrevistas e questionários, para o estudo de caso.

A bibliografia foi apoiada em estudos conceituados sobre a temática, autoras como Heleieth Saffioti e Joan Scott que são referências na discussão sobre feminismo, patriarcalismo e gênero, trouxeram uma contribuição importante para o embasamento teórico do trabalho. Para retratar a relação de gênero com a cidade, foi recorrido à diversas teses, obras, monografias, artigos e trabalhos apresentados com a mesma discussão. Foi importante para entender qual a linha de pensamento que os trabalhos já apresentados têm seguido e o que precisa ainda ser mais discutido e aprofundado.

Para entender a mobilidade das mulheres na cidade e como elas se sentem diante das desigualdades de gênero no espaço urbano, foram realizadas entrevistas e aplicação de questionários com mulheres que têm alguma relação com o Bairro do Cabula. O público atingido em sua maioria, foram estudantes da UNEB, já que uma parte da aplicação dos questionários foi feita por meio de redes sociais em grupos da universidade, a outra parte no entanto, foi realizado através do contato visual, com entrevistas feitas pessoalmente, através de caminhadas pelo Bairro. Além disso, foi utilizado como referência, a escritora Jane Jacobs para retratar o tema de segurança urbana, e o trabalho “Manual de Análisis Urbano. Género y Vida” do coletivo espanhol Hiria Kolektiboa, que traz pontos essenciais para se pensar a segurança urbana pela ótica das mulheres.

Como produto, para o diagnóstico do Bairro, foram feitos registros fotográficos e construção de gráficos e mapas, para se ter uma melhor visualização da problemática das mulheres na área de estudo. Com essa metodologia, buscou-se contribuir para uma outra forma de se pensar a cidade, trazendo a importância de incluir os grupos sociais excluídos, aqui, as mulheres, para todas as esferas do planejamento urbano, e traçar novos caminhos para o urbanismo, de transformação do espaço pela perspectiva de gênero.

CAPÍTULO 1 - CONSTRUÇÃO SOCIAL DOS GÊNEROS

1.1 A SOCIEDADE PATRIARCAL

Sabe-se que historicamente a mulher teve seu papel na sociedade restrito e subjugado pelos homens. A divisão de papéis através do gênero que se perpetua até os dias atuais, onde atividades são delegadas à homens e mulheres de forma desigual, acontece porque foram socialmente construídos e são estruturados pelo patriarcalismo.

As raízes do patriarcado estão na estrutura familiar e na reprodução sócio-biológica da espécie. A origem da palavra “família”, vem do vocábulo latino “Famulus”, que significa “servo” ou “escravo”. Essa nova forma de união entre indivíduos, estabeleceu-se institucionalmente na Roma Antiga. A relação de servo era dada entre a mulher e o marido, em que ela deveria ser submissa e obdecer às vontades do homem.

O patriarcado refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. [...] o conceito de gênero carrega uma dose apreciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal, forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana. É a esta estrutura de poder, e não apenas à ideologia que a acoberta, que o conceito de patriarcado diz respeito. (SAFFIOTI, 2004, p.136)

Segundo Barreto (2004) o patriarcalismo é caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, mas que permeia por toda a organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura. Desta forma, o patriarcado fundamenta a estrutura da sociedade como um todo, recebendo o auxílio institucional e fazendo com que relações interpessoais e personalidades sejam marcados pela dominação e violência.

Essa estruturação social, caracterizada pela supremacia masculina, da inferiorização da mulher enquanto ser social, da redução do seu papel apenas para a procriação, teve seu início na História Antiga e Idade Média, mas perpetuam seus valores até os dias atuais, permanecendo a herança. Segundo Alambert (1997), na Roma Antiga, as mulheres após o seu nascimento, eram numeradas seguindo a ordem de quem nascia primeiro, não tinham direito ao próprio nome e era o nome do pai que vinha à frente

de cada número. Além disso, o pai também detinha poder sobre a vida e a morte de todas que viviam sob seus cuidados.

Segundo Richard Sennet (1991), na Atenas de Péricles¹ as mulheres eram vistas como lentas de entendimento e inabilitadas de falarem, ficavam limitadas ao espaço doméstico, não possuíam espaço na cidade e poucas vezes saíam em público. Ainda, é importante salientar que a concepção de cidadania que os gregos tinham, era como uma qualidade de homens livres, isto é, pessoas qualificadas a desenvolverem atividades políticas, enquanto as mulheres e os escravos eram colocados à margem dessas questões e da vida pública. Nesse cenário, o âmbito privado representava o lugar de trabalho e de vida das mulheres e escravos. A posição do homem na pólis se baseava pela dominação no trabalho dos escravos e no serviço das mulheres, as quais continuavam presas a esfera privada. O espaço da democracia era a ágora, local onde se realizavam os debates e ações políticas. Contudo, a determinação de quem era cidadão e, conseqüentemente, exercia o direito à voz na ágora era restrita e excluía as mulheres.

A fisiologia grega justificava direitos desiguais e espaços urbanos distintos para corpos que contivessem graus de calor diferentes, o que se acentuava na fronteira entre os sexos, pois as mulheres eram tidas como versões mais frias dos homens. Elas não se mostravam nuas na cidade. Mais: permaneciam confinadas na penumbra do interior das moradias, como se isso fosse mais adequado a seus corpos do que os espaços à luz do sol. Em casa, elas vestiam túnicas leves que as cobriam até os joelhos, ou linhos rústicos e opacos, até os tornozelos, quando saíam à rua. Similarmente, o tratamento dado aos escravos (SENNET, 1997, p. 32)

Além da desigualdade de acesso ao conhecimento e das diferentes funções atribuídas a homens e mulheres, a fisiologia humana também era um fator que diferenciava o direito a apropriação e uso dos espaços urbanos. A nudez por exemplo, tinha um grande valor na sociedade e era extremamente glorificada. Os espaços públicos eram os locais onde os corpos eram exibidos, porém as mulheres não eram permitidas. Para elas a nudez não era admitida. Segundo Mariano (2016), acreditava-se que os corpos tinham graus de calor diferentes e como a mulher era tida como a versão mais fria do homem, não poderia se expor à nudez.

¹ Péricles foi um célebre e influente estadista, orador e estrategista (general) da Grécia Antiga, um dos principais líderes democráticos de Atenas e a maior personalidade política do século V a.C.

O ambiente ideal para seus corpos frios era o espaço doméstico, nele as mulheres eram confinadas na maior parte do tempo com vestimentas que as cobriam até os joelhos e, se precisassem, por conta das tarefas de manutenção da casa, que acessar as ruas, cobriam-se até os tornozelos. (MARIANO, 2016, p. 46)

Saffioti (2004) acredita que o sistema patriarcal e sua ideologia impregnam a sociedade e o Estado. Para a autora, esse sistema de dominação é tão intrínscio às relações sociais que “nem sequer a presença do patriarca é imprescindível para mover a máquina do patriarcado. A legitimidade atribui sua naturalização” (SAFFIOTI, 2004, p. 101). Ou seja, este processo de naturalização da dominação acabou por tornar invisíveis alguns fenômenos do patriarcalismo. A autora cita alguns elementos que são fundamentais para a sua caracterização. Sendo eles:

1. Não trata-se de uma relação apenas privada, mas civil;
2. Tem uma base material;
3. Corporifica-se;
4. Representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia, quanto na violência.

Esses elementos citados por Saffioti (2004, p.57), demonstram que o patriarcado está inserido em diversas esferas da sociedade e não se mostra somente em um único espaço. Está atrelado ao sistema de estruturas e práticas sociais onde homens dominam, oprimem e exploram as mulheres.

1.2 OS PAPÉIS SOCIAIS DAS MULHERES

Para que seja possível o entendimento do papel social das mulheres na sociedade, e conseqüentemente sua vivência na cidade, é preciso esclarecer alguns conceitos que foram construídos ao longo da história. Segundo Saffioti (1992):

[...] a origem do gênero não é temporalmente discreta precisamente porque o gênero não é subitamente originado num certo momento no tempo, depois do qual ele adquire uma forma fixa. [...] não se pode traçar o gênero até uma origem definível, porque ele próprio é uma atividade criadora ocorrendo incessantemente [...] o gênero é uma maneira contemporânea de organizar normas culturais passadas e futuras, um modo de a pessoa situar-se em e através destas normas, um estilo de viver o corpo no mundo. [...] o gênero é

uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, ou seja, um campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas. O corpo de uma mulher é essencial para definir sua situação no mundo. Contudo, é insuficiente para defini-la como mulher. Esta definição só se processa através da atividade desta mulher na sociedade. Isto equivale dizer [...] que o gênero se constrói-expressa através das relações sociais (SAFFIOTI, 1992, p. 189).

Para Scott (1988, p.32, tradução nossa), gênero é "uma categoria social imposta sobre os corpos sexuados."² Ou seja, a estrutura da desigualdade existente, não se dá pela diferença biológica entre homens e mulheres, mas nos significados construídos culturalmente. Em outros termos, a partir dessa diferença sexual, há um processo de construção da expectativa sobre o que é ser homem e o que é ser mulher.

Gênero é a organização social da diferença sexual percebida. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. (SCOTT, 1994, p. 13)

Então, percebemos que a definição de homem, ou mulher, não é definido pelo sexo biológico de cada um, e sim pelas relações sociais e culturais que são construídas ao longo do tempo. Essas relações foram capazes de determinar conforme a identidade de gênero do indivíduo, qual seria o seu papel na sociedade.

Scott (1990) pondera que foi só no final do século XX que a categoria gênero surgiu como uma preocupação teórica, já que se encontrava ausente na maioria das teorias sociais, desde o século XVII até o início do século XX. Neste intervalo de tempo as discussões se resumiam ao debate sobre a oposição entre masculino e feminino, mas não existia investigações e estudos sobre gênero, a fim de alistar as relações sociais entre os indivíduos.

Scott (1990, p.14) sinaliza: "o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder"

² "a social category imposed on a sexed body"

Além disso, sinaliza quatro elementos necessários para se entender a categoria gênero:

- Os símbolos culturais que remetem a representações simbólicas, como as figuras religiosas de Eva e Maria;
- Os conceitos normativos encontrados na religião, na política, na ciência e na educação, que oferecem conceituação do feminino e do masculino;
- A educação e o sistema político;
- E a identidade subjetiva que deve ser compreendida na sua construção histórica e relacionada com as atividades, organizações e representações sociais.

A autora evidencia ainda que tais elementos estão interligados, mas não agem ao mesmo tempo e nem são apenas reflexos um do outro.

O gênero é então um meio de codificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando as (os) historiadoras(es) buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, elas (eles) começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as maneiras particulares e situadas dentro de contextos específicos, pelas quais a política constrói o gênero, e o gênero constrói a política (SCOTT, 1990, p. 16-17).

Desta forma, o conceito de gênero traz consigo relações de poder, que se constituem através das relações sociais apresentadas nas diferenças construídas entre o masculino e o feminino.

[...] talvez o adequado não seja simplesmente dizer que gênero esteja relacionado à noção de poder, mas sim que gênero é fundado nesta relação: gênero deve ser concebido como uma relação de poder e não uma posição fixa atribuída às pessoas. E ainda ressaltamos que ser mulher, do mesmo modo que ser homem, não são modos de viver universais, nem mesmo quando se toma como exemplo uma única pessoa: esta pessoa vive de modos variados o que supõe ser a sua vida (LIMA; MÉLLO, 2012, p. 191).

Toda essa construção das relações de gênero na sociedade, legitimou o papel de dominação do homem, tanto na esfera pública como privada, reservando para a mulher, papéis secundários, e desta forma, estabelecendo relações de poder, que colocam os sujeitos em focos opostos e desiguais.

No bojo das relações de poder são apresentados diversos tipos de desigualdades e diferenças que são expressas não só na exploração da condição de gênero, mas também quando se analisa raça/etnia, classe social e sexualidade, ou seja, os grupos de indivíduos que são categorizados enquanto minorias, porque historicamente são demarcados por relações hierarquizadas, de violência, desigualdade e discriminação.

A sociedade é perpassada não apenas por discriminações de gênero. Saffioti (2004) ainda acrescenta que a grande contradição da sociedade atual é composta pelo nó patriarcado, racismo e capitalismo. Esses três eixos fazem parte do paradigma que atravessa a estrutura da sociedade e sustenta todas as relações sociais.

Saffioti (2001) no entanto, contesta a posição de vítima em que a mulher é colocada, ou qualquer outro grupo social excluído que se enquadre em alguma relação de hierarquia, já que isso só afirma a impossibilidade de ressignificação das relações de poder, e o poder não é algo fixo, sem dinamicidade e mutabilidade, possuindo sim uma perspectiva de subversão.

1.2.1 Os papéis sociais das mulheres negras

Quando falamos em papel social da mulher, é importante salientar de que mulher estamos falando, porque apesar das suas vidas restritas e condicionadas pela construção social de gênero, essa questão jamais pode ser generalizada. As mulheres ricas e brancas ainda assim mantinham e mantêm seus lugares de maior privilégio, enquanto as mulheres negras e pobres viviam e vivem uma realidade completamente diferente.

Segundo Ângela Davis (1981), as mulheres negras sempre trabalharam fora de casa em proporções muito maiores em relação as suas irmãs brancas. “O enorme espaço que o trabalho ocupou na vida das mulheres negras, segue hoje um modelo estabelecido desde o início da escravatura. Como escravas, o trabalho compulsoriamente ofuscou qualquer outro aspecto da existência feminina.”

É sabido que o Estado e a sociedade constroem modelos de mulher branca, com os comportamentos que podem ser aceitos e os que não devem ser tolerados, o estereótipo de mulher ideal; do que deve e pode fazer; como se comportar; no entanto, a mulher negra, além disso, ainda enfrenta o racismo social e institucional.

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Construimos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças. (GOFFMANN, 1991, p.8)

Neste sentido é correto afirmar que a mulher negra, subjugada pelo racismo, carrega um duplo fardo de dominação, a herança do patriarcado e do preconceito racial. Segundo Ângela Gilliam (1996), a mulher negra tem seu papel negado na formação da cultura nacional. De acordo com ela, a desigualdade entre homens e mulheres sempre foi erotizada, e a violência sexual contra as mulheres negras foi convertida em um romance.

Sueli Carneiro (2003) explica que quando falamos do estereótipo feminino de “rainha do lar”, da musa idolatrada dos poetas, precisamos ponderar de que mulher estamos falando. As mulheres negras segundo Carneiro, fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que não fazem parte do padrão estético hegemônico de mulher, que é branco. As mulheres negras, sempre tiveram uma experiência histórica diferente daquelas que o discurso clássico sobre a opressão das mulheres retrata. À elas, lhe é imposto a identidade de objeto, de carregar o estigma da coisificação de seu corpo, que é determinado pela dominação machista, racista e capitalista.

Durante séculos, as mulheres negras trabalharam como escravas nas lavouras ou nas ruas, como quituteiras, prostitutas, vendedoras. Então, quando uma das principais pautas das feministas era a igualdade de direitos no sentido de também ir às ruas e poder trabalhar; deixar o estigma de dona do lar e o espaço privado, isso não se encaixava para todas as mulheres.

Do ponto de vista espacial é sabido que trabalhadoras domésticas, quando não vivem na casa dos (as) patrões(as), em quartinhos de empregada (cada vez mais minúsculo), moram com suas famílias em bairros populares e/ou favelas com grandes carências de serviços públicos, onde fazem deslocamentos diários usando serviços precários de transporte coletivo para os bairros médios e ricos que lhes custam recursos e tempo de trabalho não pago. Os problemas decorrentes da estrutura familiar patriarcal, que lhes exige realização das tarefas domésticas no lar também gratuito, antes de ir ao trabalho, significam uma jornada de trabalho bastante extensa. Sob o mesmo sistema patriarcal, as mulheres de outras classes sociais, que

trabalham fora ou não, colocam para as empregadas domésticas este trabalho essencial para a reprodução social que garante o ciclo vicioso da exploração e dominação masculina. Assim, a tripla discriminação de gênero, raça e classe a que estão submetidas as mulheres negras no sistema patriarcal, sistema sexual do poder comum a todas as mulheres, tece os dramas e paradoxos cotidianos em processos complexos e contraditórios (GARCIA, 2012, p.150).

Toda essa construção histórica dos gêneros e a herança do período escravocrata que assola a vida das mulheres negras em todos os campos da vida, seja no mercado de trabalho, no meio social e na política, tem seu reflexo diretamente no espaço urbano e no modo como vivem a cidade. Seja a mulher, branca ou negra, estas, enfrentam vilões implacáveis no decorrer de suas vidas, e desta forma, se torna cada vez mais importante discutir e construir soluções cidadinas que possibilite a vivência igualitária dos espaços, que não seja insalubre para a saúde psicológica e física da mulher, como atualmente é.

As vivências das mulheres na cidade é uma experiência desafiadora, pois este é um lugar concebido pela lógica masculina, que emprega barreiras para o sexo feminino. Porém, para a mulher negra, essas barreiras são ainda maiores, a circulação dela nos espaços públicos, pode despertar desconfiança, medo, constrangimento e até mesmo ódio em outras pessoas. Sabemos que não existe lei que proíba a mulher negra de circular em qualquer lugar público, mas a segregação espacial simbólica está presente nas relações da sociedade e acaba criando barreiras invisíveis. Para ela, soma-se a violência do preconceito racial com a opressão machista, e ambas são responsáveis pela marginalização da mulher negra na cidade.

Mesmo com o passar dos séculos, com todas as transições que o mundo sofreu, miscigenação dos povos, guerras e lutas sociais, desenvolvimento da tecnologia, dentre outras mudanças importantes na história da humanidade, o sistema patriarcal sobreviveu, modificando apenas alguns pontos. É correto afirmar que o mesmo evoluiu, porém, manteve em sua essência as mesmas bases de submissão, superioridade e poder. Nesse novo contexto, as características desiguais entre homens e mulheres, fundamentadas pelo agora, segundo a antropóloga Lia Zanottan (2000), “patriarcado contemporâneo”, encontra-se em menor visibilidade, mas ainda presente, em diversas esferas.

No entanto, as mulheres conquistaram muitos direitos e têm lutado para desconstruir cada vez mais seu papel na sociedade. Tema que será discutido no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2 - UM PANORAMA DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL

2.1 LUTAS E CONQUISTAS

Desde a construção da sociedade brasileira, as mulheres foram suprimidas de todo e qualquer direito político, elas viveram durante séculos em situações de submissão e impotência, já que a herança da sociedade patriarcal se reverberou por muitos anos, em que os homens dominavam em todos os aspectos. Mas é importante destacar que apesar de muitas reivindicações e lutas por direitos iguais, sejam eles civis, políticos e sociais, ainda falta muito para que se alcance a verdadeira igualdade de gênero.

A narração do início do movimento feminista no Brasil possui três grandes períodos. O primeiro foi acarretado pelas contestações por direitos básicos como o direito ao voto, educação, trabalho e divórcio, no século XX. O segundo momento, já no final da década de 1960, foi definido pela liberação sexual. E o terceiro, no entanto, foi uma reivindicação de caráter sindical, no fim dos anos 70. (BRASIL, 2017)

Durante a ditadura militar, a partir dos anos 1970, o feminismo se estabeleceu também como uma nova figura política no contexto nacional e desta forma, se fortaleceu como destaque social que resistia e lutava pela a inclusão da cidadania, plena das mulheres como pauta da luta pelo restabelecimento da democracia.

Figura 1: Mulheres protestando contra a censura na ditadura militar.



Fonte: Mulheres: a conquista de ontem e as lutas de hoje. Disponível em: <http://site.psb.org.br/noticia/mulheres-a-conquista-de-ontem-e-as-lutas-de-hoje> Acesso em: 28/10/2017

As intensas lutas dos movimentos feministas contemporâneos formam uma nova fase no processo de transformação nas relações de gênero. Alguns dos principais avanços:

- Em 1985 a criação da primeira Delegacia de Atendimento Especializado à Mulher – DEAM (SP) e posteriormente muitas são implementadas em outros estados brasileiros;
- A constituição de 1988, que afirma em um dos seus princípios que homens e mulheres são iguais em direitos e deveres;
- Criação da Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher, em 2002, hoje Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM);
- Em 2006, a aprovação da Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, que é um marco na garantia constitucional da mulher viver livre de violência;
- A eleição de 2010, que colocou democraticamente no poder, a primeira Presidenta da República, Dilma Rousseff;
- A Lei do Feminicídio, sancionada em 2015 pela Presidenta Dilma Rousseff, que colocou a morte das mulheres na pauta de crimes hediondos e desta forma torna qualificado o homicídio quando este é realizado contra mulheres em razão do seu gênero.

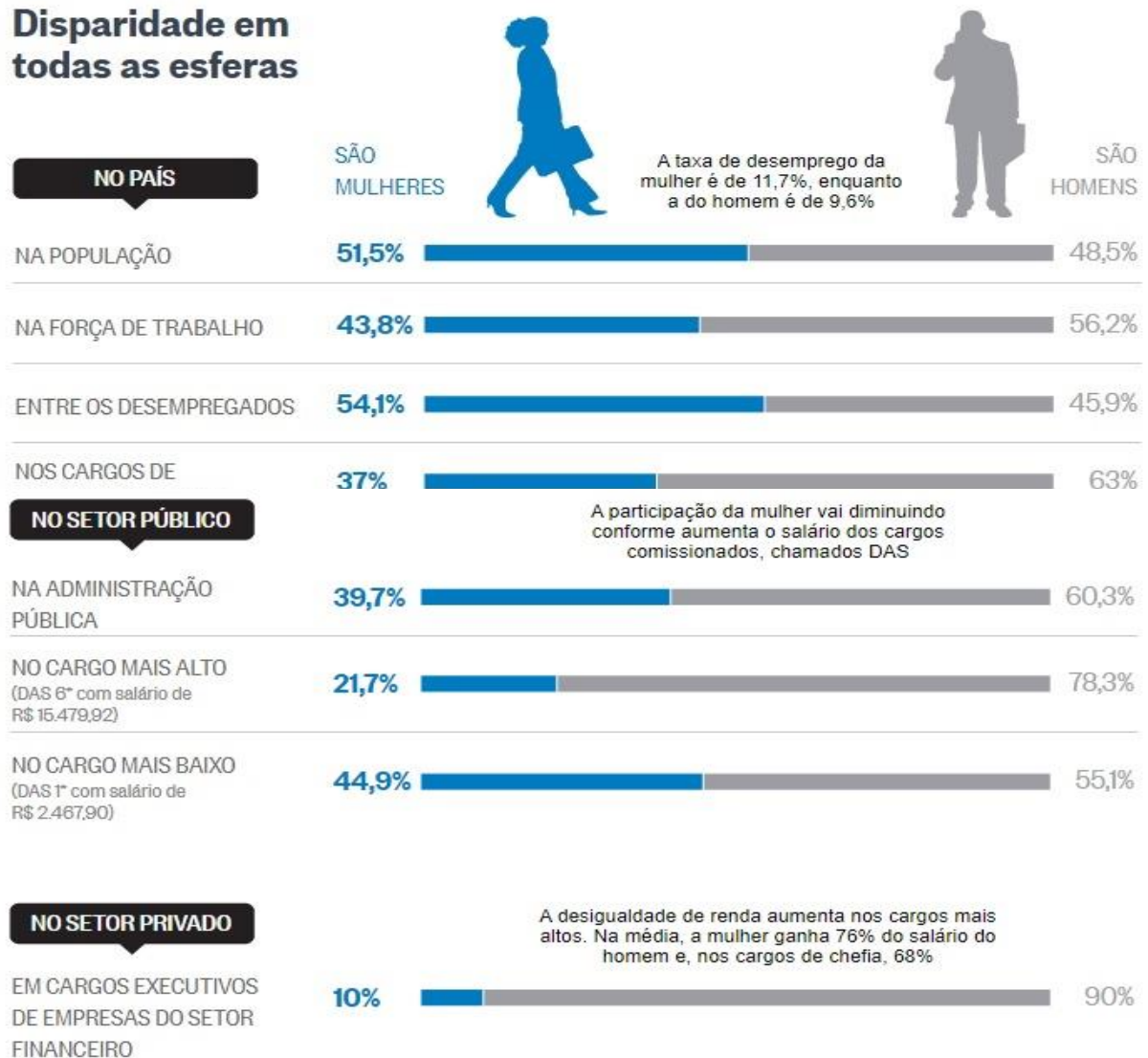
A eleição de Dilma Rousseff foi um marco histórico para as mulheres brasileiras, mas, na mesma eleição, a escolha de mulheres para os parlamentos nacional e estaduais ficou estagnada em onze por cento das cadeiras. Os dados sobre a presença de mulheres nos cargos públicos são decepcionantes, devido à sua persistente sub-representação. Esta evidencia a distância entre as políticas sociais, à luz das conquistas constitucionais das mulheres, e o seu acesso ao poder está em total contraposição à crescente presença delas na força de trabalho. (ONU MULHERES, 2011, p. 10)

Embora esses avanços sejam de extrema importância, a maioria das mulheres brasileiras ainda continuam a experimentar a violência e a exclusão social, principalmente as mais pobres e negras. No campo político, a desigualdade é extremamente alarmante. Hoje, mulheres representam aproximadamente 51,03%³ da população brasileira, porém ocupam somente 13% dos cargos eletivos no Brasil. Dos

³ Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>

64.678 escolhidos para exercer mandato político em 2012 e 2014, apenas 8.499 eram mulheres.⁴

Figura 2: Disparidades de gênero no Brasil



Fonte: Dados Pnad/2015. Mulheres estão em apenas 37% dos cargos de chefia nas empresas.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/mulheres-estao-em-apenas-37-dos-cargos-de-chefia-nas-empresas-21013908> Acesso em: 29/10/2017

A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro, segundo Teixeira (2005), é explicada por uma combinação de fatores econômicos e culturais. O avanço da industrialização, que transformou a estrutura produtiva do país, a continuidade desse

⁴ Fonte: Levantamento da Revista Congresso em Foco com base em dados do TSE 2015. Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/mulheres-so-ocupam-13-dos-cargos-eletivos-no-pais/> Acesso em: 02/09/2017

processo e a queda das taxas de fecundidade, proporcionou um aumento das possibilidades para que as mulheres encontrassem postos de trabalho na sociedade. Isso também pode ser explicado pelas intensas lutas feministas desde os anos 70. De acordo Bruschini & Lombardi:

Tradicionalmente as mulheres tem se ocupado com o trabalho doméstico, atividades sem remuneração e produções para o consumo próprio e familiar. Porém, alguns nichos femininos são continuamente a Enfermagem e o Magistério. De outro lado, as mudanças apontam na direção de um pólo oposto, no qual ocorre a expansão da ocupação feminina em profissões de nível superior de prestígio, como a Medicina, a Arquitetura, o Direito e mesmo a Engenharia, áreas até há bem pouco tempo reservadas a profissionais do sexo masculino. O movimento de ingresso das mulheres nessas áreas científicas e artísticas tem se dado na esteira dos movimentos políticos e sociais deflagrados nas décadas de 60 e 70 do século XX. Aqui incluído o movimento feminista e da mudança de valores culturais deles decorrentes, que se refletiram, entre outras coisas, na expansão da escolaridade das mulheres e, em consequência, em seu ingresso maciço no ensino de 3º grau em uma gama mais ampla de carreiras universitárias. (BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M.R, 2002)

Portanto, essa inserção feminina no mercado de trabalho, não veio acompanhada de uma reformulação na estrutura da sociedade. Como pôde ser visto na Figura 3, as disparidades de gênero, refletidas no cenário econômico, ainda fazem parte da realidade das mulheres brasileiras. O que será discutido melhor no tópico a seguir.

2.2 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

A divisão sexual do trabalho se estrutura na opressão e na desigualdade, é a divisão de papéis sociais para homens e mulheres, que decorre das relações sociais de sexo. É uma construção histórica, portanto, não é algo permanente, que não pode ser alterado. Tem como padrão, a destinação prioritária para os homens, as atividades produtivas, que são aquelas que produzem mercadoria e são remuneradas, já para as mulheres à categoria reprodutiva, atividades relacionadas aos afazeres domésticos.

Essa divisão reflete na ocupação dos cargos pelas mulheres, já que para elas, é destinado principalmente, tarefas e ocupações que estão ligadas aos cuidados e serviços que são menos valorizados socialmente. Com isso, além da divisão dos trabalhos pelo sexo, há a hierarquia que consideram o trabalho feminino menos

valioso do que o masculino. Portanto, os salários inferiores das mulheres, mesmo quando ocupam cargos iguais aos dos homens.

A emergência do conceito da divisão sexual do trabalho teve um papel muito importante para questionar o que era a definição clássica de trabalho. As feministas que discutiram a divisão sexual do trabalho estavam no campo do marxismo. Elas problematizaram que o debate de classe não explicava e não dava conta do conjunto da realidade do trabalho. Num primeiro momento, parecia haver uma destinação dos homens ao trabalho chamado produtivo e uma destinação prioritária das mulheres ao trabalho reprodutivo. Mas o que se viu foi muito mais do que isso. Nós, mulheres, estávamos e estamos simultaneamente nas duas esferas: no trabalho produtivo e no trabalho reprodutivo. (FARIA, 2011, s.p.)

Uma pesquisa realizada pela Plan, organização internacional, não-governamental, que atua na defesa de direitos da criança, em 2013, demonstra que essa construção social de papéis se dá ao longo da vida das meninas desde o seu nascimento. Intitulada “Por ser menina no Brasil: crescendo entre direitos e violências”, a pesquisa foi feita com 1.771 meninas de 6 a 14 anos nas cinco regiões do país e constatou uma desigualdade espantosa em como a distribuição de tarefas domésticas entre meninas e meninos é feita. (LARA, 2015)

Figura 3: Quem faz o quê em casa?



Fonte: A PLAN International Brasil, 2013. Disponível em: <http://oficinadeimagens.org.br/o-que-e-ser-menina-no-brasil-desigualdade-de-genero-desde-a-infancia/>. Acesso em: 21/09/2017

Célia Bonilha (2014), gerente técnica de empoderamento econômico e gênero da Plan, explica que a cooperação nas atividades domésticas é importante para o desenvolvimento de meninas e meninos. Segundo ela, “a gente constrói a nossa identidade de família a partir do momento em que divide as tarefas, mas a sobrecarga no caso das meninas é muito grande”. Ainda, chama atenção para o fato de que desde cedo já se começa a naturalizar nas famílias que cabe às meninas o papel de cuidadoras. Desde pequenas, ganham bonecas e fogõezinhos, já são ensinadas a arrumar a própria cama, enquanto seus irmãos saem para brincar e jogar bola, já que cuidar da casa “não é coisa de menino”.

Em situações que as mães possuem dupla jornada de trabalho, a sobrecarga de atividades para meninas é ainda mais intensa. Célia Bonilha explica que, nessas

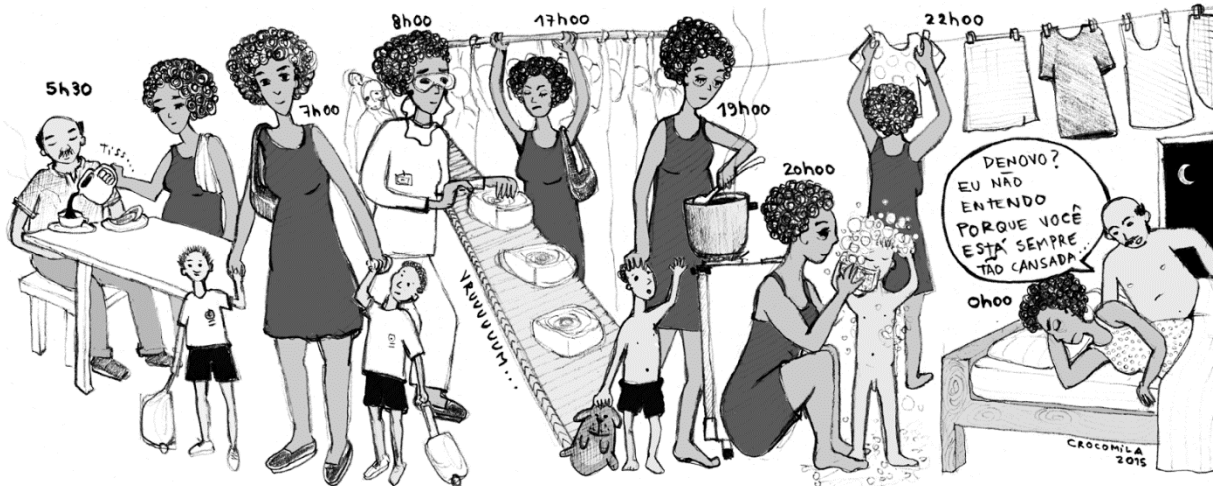
situações as meninas assumem ainda mais responsabilidades. Uma menina que antes de ir para a escola precisa arrumar a casa e lavar louça e quando chega prepara o almoço e cuida dos irmãos menores está assumindo um papel que traz muitas consequências. Célia Bonilha ainda analisa, “qual é o tempo que ela tem para estudar? Por que ela falta tanto às aulas? Então a gente está tirando o direito da menina de ser criança, de viver plenamente essa época de construção dos seus saberes, das relações sociais”.

Apesar de se buscar uma compreensão politizada para os problemas da mulher, ainda há um nó: esqueceram de pensar em como negociar com os próprios homens o entendimento que eles têm deles mesmos. Falta um incentivo, que provavelmente deve se dar através de políticas públicas, para se negociar a divisão das tarefas domésticas, o cuidado das crianças, o cuidado dos idosos. Criando um “novo homem”, a concepção ontológica [o sentido do ser] sobre o ser mulher se realiza, porque assim as conquistas e realizações individuais serão igualitárias para ambos os sexos”. (CYPRIANO, 2014, p. 39).

Dentre todas as consequências dessa distribuição desigual de tarefas domésticas, em que se constrói um modelo social de mulher desde sua infância, uma das dimensões mais cruéis é que o trabalho doméstico é invisível. Como citado anteriormente, houve uma grande inserção da mulher no mercado de trabalho, porém, cuidar do lar continuou sendo “trabalho feminino”, fazendo com que sua carga de responsabilidade duplicasse ou até mesmo triplicasse, com uma jornada de trabalho muito mais intensa. Em 2015, a jornada total média semanal das mulheres superava em 7,5 horas a dos homens (53,6 horas semanais a jornada média total das mulheres e 46,1 a dos homens).⁵

⁵ Fonte: Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça – 1995 a 2015 (IPEA). Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_e_raça.pdf. Acesso em: 15/09/2017

Figura 4: A jornada de trabalho das mulheres



Fonte: Crocomila. Disponível em: <http://crocomila.blogspot.com.br/> Acesso em 30/10/2017.

Diante dessa jornada dupla, ilustrado na Figura 5, as mulheres passam a ter novas demandas espaciais e sua dinâmica é alterada, já que para elas, existem dois espaços de trabalho, dentro e fora de casa. Elas realizam diversos trajetos durante sua rotina, além de ir ao trabalho, as mulheres necessitam ir ao mercado, ao médico, levar os filhos à escola ou creche, cuidar dos idosos da família, entre outras tarefas ligadas ao cuidado do lar. Desta forma transitam pelo espaço com uma lógica diferente do homem, que normalmente faz o trajeto de casa para o trabalho e do trabalho para casa.

A vivência da mulher nos espaços privados e públicos está, majoritariamente, relacionada às suas responsabilidades de trabalho, seja ele reprodutivo ou produtivo e, por isso, é necessário que se entenda como se conformam estes espaços na cidade em que vivemos. (PECCINI, 2016, p. 62)

Uma tendência que vem ganhando força é o crescimento da proporção de domicílios “chefiados” por mulheres. O número de lares brasileiros em que a renda principal é a da mulher saltou de 23% para 40% entre 1995 e 2015⁶. Porém, segundo Barroso e Bruschini (1981), embora já houvesse no país um contingente expressivo de famílias

⁶ Segundo informações da pesquisa “Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça”, divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad). Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_ra_ca.pdf Acesso em: 09/10/2017.

chefiadas por mulheres, é somente a partir dos anos 1970 que elas passam a ter visibilidade e conquistam um lugar entre as pesquisas sociológicas.

Segundo Mendes (2002), as chefiadas femininas que crescem no país como um todo, é um fenômeno tipicamente urbano, a maioria é do tipo monoparental, destacando-se as mulheres mais jovens, separadas, negras, mais pobres e com baixo grau de escolaridade. Essa grande concentração da chefia feminina localizada nas camadas mais pobres, pode ser justificada pela condição de pobreza, ou até mesmo de miséria, em que essas mulheres estão inseridas. Isso as conduz ao mercado de trabalho em diversas circunstâncias, para compartilhar a manutenção das casas, ou até mesmo responsabilizar-se sozinha pelo domicílio, em muitos casos pelo próprio abandono do companheiro.

A situação de pobreza e miséria é um dos fatores que faz vir à tona a chefia feminina no tocante à provisão financeira feminina, o que não necessariamente está associada a uma questão da emancipação ou autonomia feminina, embora não signifique dizer que esta não esteja presente nesses casos. As mulheres provenientes das camadas mais pobres, por exemplo, moradoras de favelas, são na maioria motivadas a ingressarem no mercado de trabalho pela precária situação financeira vivida, por questões de sobrevivência, o que pode, em segundo plano, conduzi-las a autonomia e posturas emancipatórias. (MENDES, 2002, p. 11)

Sabemos que a periferia por si só é uma área extremamente precária em relação ao acesso a serviços básicos e distribuição de equipamentos urbanos, para as mulheres a situação se agrava muito mais para aquelas que chefiadas sozinhas o domicílio.

À essas mulheres, é reservado o papel de provedoras da família, ou seja, são obrigadas a cumprir papéis que historicamente foram construídos como funções masculinas, mas isso não significa que não precisam desempenhar as tarefas que foram historicamente destinadas às mulheres, o cuidado da casa, dos filhos, continua em sua responsabilidade. Além de agora cumprirem cargas extensas de trabalho, fazem isso em condição de extrema desigualdade socioespacial. Desta forma, tentam encontrar um meio de equilibrar todos esses papéis, em um cenário de pobreza e exclusão urbana, o que as leva a uma situação de grande vulnerabilidade.

Esta conjuntura deve ser levada em consideração quando se pensa as questões de gênero na cidade. Sabe-se que historicamente as mulheres têm sido tratadas de

forma desigual devido ao sistema patriarcal, mas há de se considerar as mulheres negras e pobres que estão inseridas numa problemática muito maior. São estas mulheres as mais vulneráveis às questões urbanas.

De modo geral, as cidades brasileiras são fruto de uma lógica discriminatória e segregadora, caracterizando a precariedade da vida urbana, desde o âmbito da vida privada (moradia, família) até o da vida pública (transporte, trabalho, etc). Para as mulheres, a escassez territorializada – traduzida na precariedade da infraestrutura urbana, nos contrastes espaciais e opressão social – se manifesta em violência, distinções no acesso aos recursos públicos, aos serviços urbanos, ao trabalho, entre outros. Com isso, por mais que homens e mulheres partilhem da mesma condição social, as mulheres sempre estarão em uma posição desfavorável, pois ambos vivenciam diferentemente o cotidiano urbano. Isso porque há um conjunto de fatores culturais, simbólicos, normativos, institucionais e de “subjetividade sexuais” que radicalizam a forma desigual com que as mulheres são inseridas nas cidades. (MACEDO, 2002, p. 12)

Sobre a importância da mulher na economia nacional, Morais e Ávila (2016) apontam:

“[...] de acordo com o IBGE, mulheres compõem mais de 40% da força de trabalho no Brasil e possuem nível de escolaridade muitas vezes superior ao dos indivíduos do sexo masculino. Isso significa que elas se deslocam pela cidade tanto quanto os homens. No entanto, suas necessidades são muitas vezes desprezadas, a circulação acontece de maneira restrita e assim, a apropriação da cidade e a vivência do espaço público pelas mulheres são fragilizadas.” (MORAIS E ÁVILA, 2016, p.1)

A sociedade desconhece e ignora as necessidades das mulheres há séculos, mesmo com essa nova estruturação, da significativa participação das mulheres na economia do país, é possível concluir que há uma falta de atenção e reconhecimento das suas necessidades.

Às mulheres é reservado o papel de turista, em cidades construídas para os homens e urbanizadas de acordo com o deslocamento deles pelas ruas, calçadas, praças etc. Tal situação evidencia um descompasso entre o que é pensado no âmbito do planejamento urbano e o que é de fato necessário para os usuários do espaço urbano; no caso brasileiro, proporcionalmente mais usuários mulheres do que homens. (FERREIRA e SILVA, 2017, p. 6)

A circulação das mulheres no cenário urbano não é acompanhada por melhorias de infraestrutura, que possibilitem seu deslocamento, vivência e permanência pela

cidade. De acordo com um estudo da Universidade de Cornell, feito em 2014, planos de urbanização para cidades geralmente não contemplam as necessidades das mulheres e não oferecem soluções para os problemas específicos enfrentados por elas no uso do espaço urbano.

A vivência das mulheres no espaço urbano está intimamente relacionada com as suas responsabilidades do trabalho reprodutivo e produtivo, desta forma, é preciso que se entenda como essa relação se dá na cidade, compreender suas especificidades, trazendo suas demandas como parte do processo de construção e apropriação do espaço. No próximo tópico, discutiremos especificamente esta relação das mulheres com o espaço urbano.

2.3 AS MULHERES NO ESPAÇO URBANO

Segundo Corrêa (1995), o espaço urbano é fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. O espaço não é só a dimensão material-concreta fixa e neutra onde as relações sociais se dão (HARVEY, 2005, LEVEBVRE, 2000); ele constitui e é constituído pelas relações de poder que atravessam a nossa sociedade, e também muda com elas. O espaço não é só produto da organização econômica, mas de outras relações sociais, como o gênero, que refletem também sobre nós, na maneira em que nos constituímos enquanto sujeitos (MASSEY, 1994).

A vida urbana é feita das relações corpo-cidade, espaço-movimento, afeto-ação. A cidade-terreno é a cidade no nível da rua, produzida por corpos e movimentos, do que está sendo feito da vida urbana. O corpo experimenta a cidade. A cidade vive por meio do corpo dos sujeitos. A cidade é cidade-corpo. (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p.56)

Segundo Castro (2007), “Os espaços públicos urbanos compreendem, junto com infraestruturas e equipamentos coletivos, lugares que conectam e dão apoio à vida ordinária e comunitária nas cidades como ruas, avenidas, praças e parques.”

Na cidade, misturamo-nos sempre – mesmo quando não há desejo de mistura –, desenhando, com nossa heterogeneidade, uma configuração plural e cambiante. Híbrida e contraditória. Antagonismos diversos se inscrevem no corpo da cidade, justamente onde o conflito

se pronuncia de maneira mais ou menos ruidosa. (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p.58)

Realçando a cultura também como elemento importante na construção do espaço, o gênero, no urbano, é percebido como um importante membro na composição das relações sociais desse espaço, se levarmos em consideração a existência de espaços de confinamento e constrangimento, assim como a desigualdade de acessos físicos à determinados lugares conforme sua classificação em macho ou fêmea. A violência contra a mulher é estabelecida espacialmente, legitimadas pelas barreiras invisíveis que o patriarcado criou. (SAMPAIO; FRANÇA, 2015)

Os espaços de constrangimento, como a rua em determinados locais e horários, ou espaços de confinamento, como as residências em periferias distantes, são claramente elementos que tanto se referem às diferenças de acesso físico entre mulheres e homens a determinados espaços, como a construção de barreiras invisíveis criadas pelo olhar e força daqueles que impõem sua ordem e alcançam legitimidade.” (SILVA, 2016, p. 120)

A importância de se pensar a cidade como espaço que também é determinado pelo gênero, se dá pelo reconhecimento de que as transformações nas relações de gênero precisam ser ponderadas como referência fundamental nas mudanças ocorridas no espaço. É de entendimento que homens e mulheres têm percepções diferentes da cidade, não só na forma como percebem, mas como vivem e se relacionam com o meio, mesmo quando pertencentes à mesma raça e/ou classe social, ou habitam na mesma localidade. (VIEIRA, 2013)

Em contrapartida, a cidade não atende às demandas de maneira igualitária, isso significa que o reconhecimento da vida dos cidadãos está condicionado pelo modo e pela forma física em que a cidade está organizada e estruturada, pela justa distribuição de serviços e equipamentos urbanos, não só em quantidade, mas também em qualidade. (VIEIRA, 2013)

A invisibilização da mulher nas discussões sobre espaço urbano tem resultado em cidades que não dialogam com suas necessidades específicas, além de que misturada à multidão, a mulher tem a falsa sensação de

igualdade de uso, de acessibilidade aos espaços públicos e mobilidade urbana. (Calió, s.n.t., p.5).

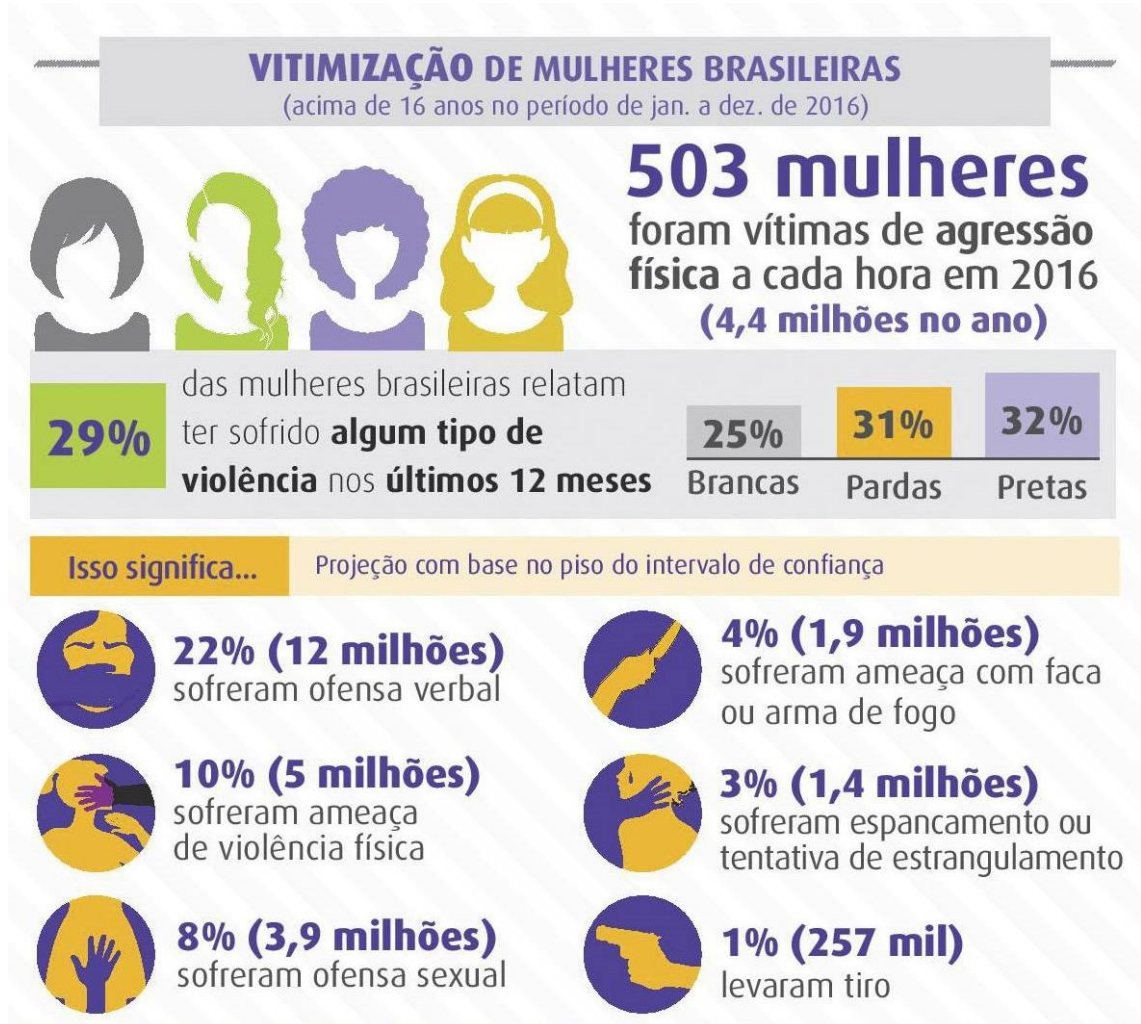
Durante muito tempo a presença das mulheres nos espaços públicos foi negada, ou vista com maus olhos, quando se tratava das mulheres negras, neste sentido, as cidades foram sendo construídas pela lógica masculina, sem que as demandas femininas fossem levadas em consideração. Seguindo essa perspectiva, hoje, a vivência das mulheres na cidade está totalmente vinculada ao seu papel social, o qual foi construído ao longo da história.

Por consequência, as mulheres usam o espaço urbano de forma diferente dos homens. A relação da mulher com o espaço, levando em consideração as diferentes experiências, de acordo com a posição social, raça, sexualidade, é parte da construção da sua função na sociedade, do papel que desempenham, das responsabilidades que lhes são atribuídas, da forma como é vista e recebida nos lugares, e como o espaço se apresenta a ela. Ou seja, existem diversos condicionantes que atrapalham a mulher de ter uma vivência segura do espaço, de ter direito à cidade de forma livre e justa.

Além desses fatores, existe a insegurança e a impossibilidade de percorrer determinados locais, de estar e permanecer no espaço, causadas pelo medo, mas que também são reforçadas pelas características físicas do espaço e seus elementos. A frequência com que a mulher lida com a violência, tanto física quanto psicológica, sendo esta no espaço público ou doméstico, impacta também na forma com que ela ocupa (ou não) o espaço urbano.

Uma pesquisa feita pelo Datafolha em 2016 e encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança, explicita alguns números preocupantes:

Figura 5: Vitimização de mulheres brasileiras.



Fonte: Datafolha/FBSP. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/> Acesso em: 07/10/2017

Os dados da Figura 6, demonstram que 22% das brasileiras sofreram ofensa verbal no ano passado, um total de 12 milhões de mulheres. Além disso, 10% sofreram ameaça de violência física, 8% sofreram ofensa sexual, 4% receberam ameaça com faca ou arma de fogo. E ainda 3% ou 1,4 milhões de mulheres sofreram espancamento ou tentativa de estrangulamento e 1% levou pelo menos um tiro. A pesquisa ainda mostrou que, entre as mulheres que sofreram violência, 52% se calaram. Apenas 11% procuraram uma delegacia da mulher e 13% preferiram o auxílio da família. E o agressor, na maior parte das vezes, é um conhecido (61% dos casos). Em 19% das vezes, eram companheiros atuais das vítimas e em 16% eram ex-companheiros. As agressões mais graves ocorreram dentro da casa das vítimas, em 43% dos casos, sendo 39% nas ruas.

Figura 6: Dentre as que sofreram violência...



Dentre as que sofreram violência... Fonte: Datafolha/FBSP. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/> Acesso em: 07/10/2017

O número preocupante de tanta violência contra mulher, demonstrado na Figura 7, mostra como o corpo feminino e a vida da mulher tem uma importância insignificante para sociedade. O poder que o homem exerce sobre o corpo da mulher também se caracteriza no poder que ele exerce sobre o espaço. (TAVARES, 2008).

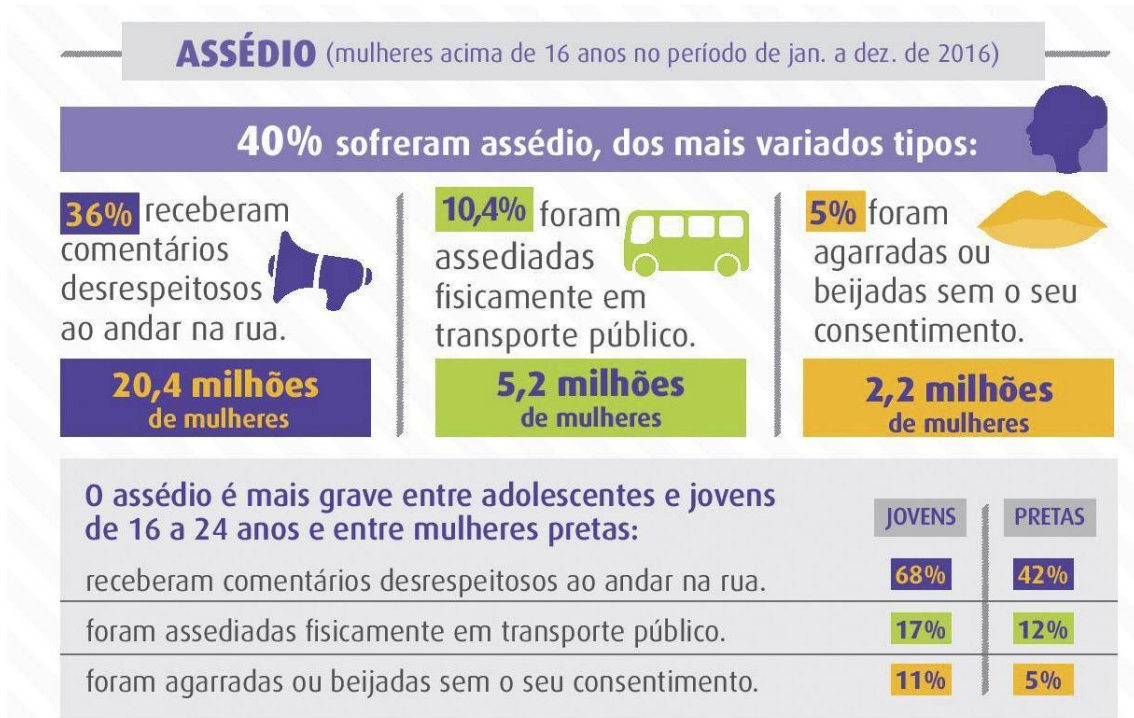
O sentimento que aflige as mulheres é de uma ilegitimidade por estar na rua, como se fosse uma intrusa, influenciando dramaticamente em suas práticas no espaço. (GRARD, 2010 apud TAVARES, op. cit.)

Nessa perspectiva, de acordo com Freitas (2013), é possível afirmar que as mulheres trabalhadoras não vivenciam o espaço público propriamente, apenas passam por ele para garantir a manutenção familiar.

Essas travessias, embora sejam instrumentais para a sedimentação do espaço privado, carregam grandes significados em si; os espaços públicos que atravessam normalmente são aqueles em que mais se confirma a exclusão sexista. (FREITAS, op. cit.)

Espaços públicos como praças, parques, ruas, e também espaços privados, como bares, e a própria residência familiar, são agressivos a mulher, pois apresentam riscos de violência física, sexual e psicológica. Ou seja, as mulheres vivem condicionadas ao medo, e ao sentimento de que determinados lugares não lhes pertencem, o que faz com que as mesmas não se apropriem dos espaços.

Figura 7: Assédio



Fonte: Datafolha/FBSP. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/> Acesso em: 07/10/2017

Na Figura 8, através da verificação do Datafolha, demonstrou que 40% das mulheres acima de 16 anos já sofreram algum tipo de assédio, o que compreende receber comentários desrespeitosos nas ruas (20,4 milhões de vítimas), sofrer assédio físico em transporte público (5,2 milhões) e ou ser beijada ou agarrada sem consentimento (2,2 milhões de mulheres). Os assédios mais graves aconteceram entre adolescentes e jovens de 16 a 24 anos e entre mulheres negras. Só entre as vítimas de comentários desrespeitosos, 68% eram jovens e 42% mulheres negras. Já em assédio físico em transporte público, 17% eram jovens e 12% negras.

O assédio impacta diretamente nas escolhas das mulheres sobre como e onde circular no espaço urbano. Isso tudo implica em necessidades diferentes, como vias mais iluminadas, transporte público adequado, acessibilidade, e até mesmo um zoneamento urbano mais adequado.

Mas é importante destacar que até mesmo quando se pensa em solucionar problemas ligados à desigualdade de gênero, acontece de forma a culpabilizar e silenciar as mulheres. A exemplo da criação do “vagão rosa” em algumas cidades brasileiras, com intuito de acabar com os assédios diários nos metrô.

O “vagão rosa”, ilustrado na Figura 9, foi implementado inicialmente em países como Japão, Egito, Índia, Irã, Indonésia, Filipinas, México, Malásia e Dubai, funciona nos horários considerados de pico, em que o fluxo de usuários é muito mais intenso e quando geralmente acontecem os assédios, apenas mulheres podem utilizar, desta forma, garantir que não serão mais assediadas. Não é coincidência o fato de que os países em que essa medida foi adotada, sejam aqueles cuja cultura machista é predominante. (MOSCHKOVICH, 2013)

Figura 8: Vagão rosa



Fonte: Metrô Rio. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/metrorio/4998206259/in/photostream/>
Acesso em: 31/10/2017

Fica claro que não existe uma real preocupação com as questões de opressão de gênero, já que medidas como essa, não só reforçam a segregação como transfere a culpa dos assédios para as vítimas, além de impactar diretamente na liberdade das mulheres, no seu direito de ir e vir, de escolher por onde andar e quais lugares frequentar. Como já bem colocava Simone de Beauvoir (1967), a mulher não é considerada um ser autônomo, já que vivemos numa humanidade masculina e o homem é quem define a mulher, não em si, mas relativamente a ele. Percebemos que mesmo com o passar dos anos, desde quando essa declaração foi feita, mesmo com os diversos avanços que as mulheres conquistaram, ainda vivemos numa sociedade que sustenta essa ideia.

O vagão exclusivo para mulheres, torna-se, portanto, um exemplo de retrocesso para as relações sociais e opressões de gênero de todos os tipos, reforçando a necessidade de se discutir cada vez mais as relações das mulheres com a cidade, para se pensar em políticas públicas que impulsionem a coexistência e não a segregação.

No que diz respeito às lutas diversas para converter esse quadro, ou pelo menos tentar diminuir as desigualdades, no Brasil, a ActionAid⁷ realiza um trabalho fundamental de conscientização em relação as desigualdades de gênero. A ONG lançou no Brasil em 2014, uma campanha chamada: “Cidades Seguras para as Mulheres”, com o intuito de conseguir o engajamento de gestores públicos na melhoria da oferta dos serviços e equipamentos urbanos nas cidades, a fim de torná-las mais seguras e funcionais para as mulheres. Por meio de metodologias participativas, a organização busca compreender quais as relações, dificuldades e percepções que elas as mulheres têm nos espaços públicos. (BELLO, 2014)

O movimento tem influência da tendência internacional de replanejamento urbano sob a perspectiva de gênero⁸. A cidade de Viena, capital da Áustria, é conhecida por ser uma das primeiras a considerar a questão de gênero como fator essencial para construir suas políticas públicas.

A existência desses projetos nos mostra que é possível transformar a sociedade, se conseguirmos cada vez mais trazer essas reflexões para o campo profissional do urbanismo, e para todos os outros campos, entendendo as especificidades das vivências das mulheres no espaço urbano, como ponta pé inicial para se planejar uma cidade mais justa, e desconstruir a invisibilidade histórica das mulheres na cidade.

⁷ É uma organização internacional que trabalha por justiça social, igualdade de gênero e pelo fim da pobreza. Fundados em 1972 e presentes em 45 países, alcançando mais de 15 milhões de pessoas no mundo. No Brasil desde 1999, atuam em mais de 2.4 mil comunidades e beneficiam mais de 300 mil pessoas.

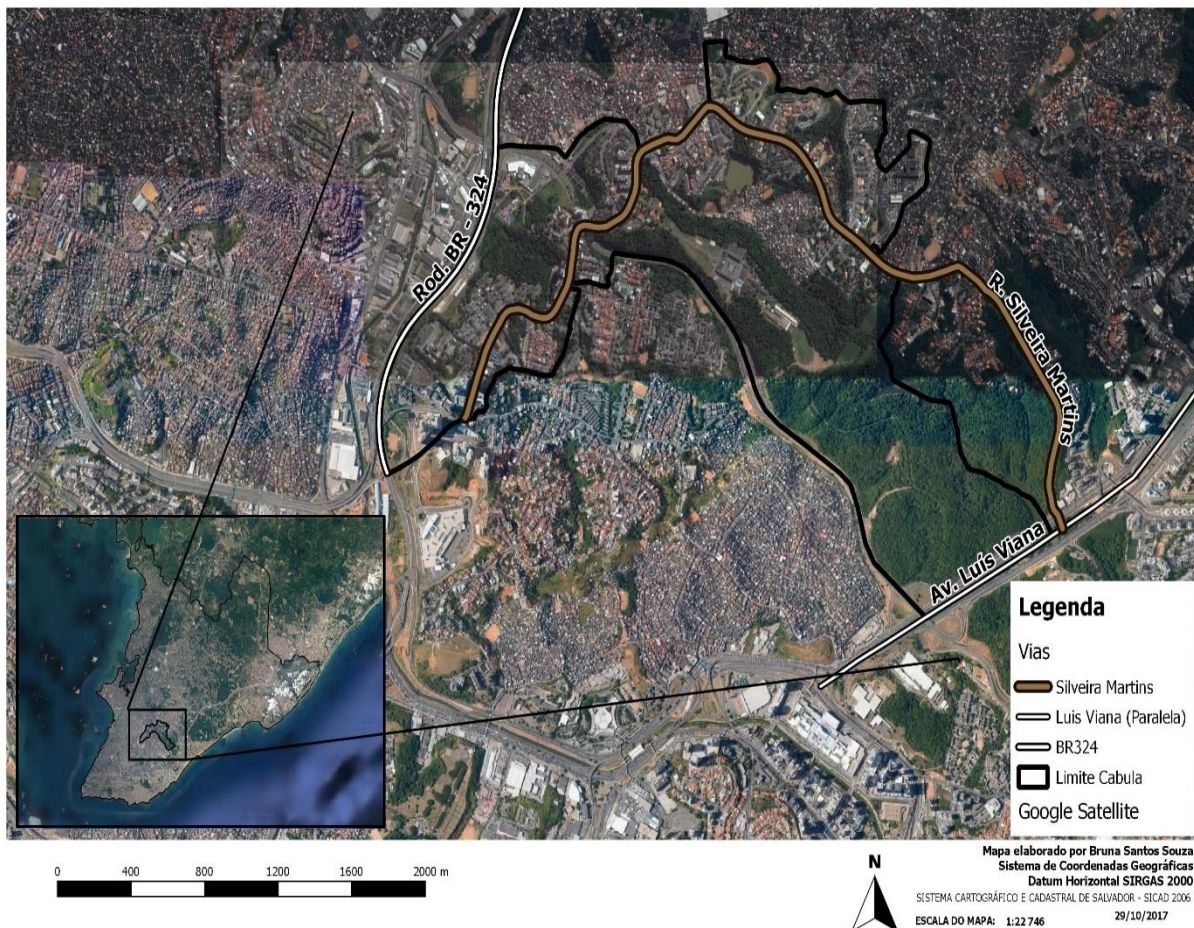
⁸ Ou gender mainstreaming, uma estratégia globalmente aceita para a equidade entre os sexos corroborada pela Organização das Nações Unidas.

CAPÍTULO 3 – COMO AS MULHERES CIRCULAM NA RUA SILVEIRA MARTINS – CABULA, SALVADOR – BA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Bairro do Cabula, localizado na Cidade de Salvador, está inserido numa área de expansão periférica, conhecida como o Miolo⁹ da cidade. Sua localização é estratégica, já que possui acesso por duas das principais vias da Cidade, a BR 324 e a Avenida Luís Viana (Avenida Paralela). Além disso, pertence, segundo a mais recente regionalização da Prefeitura Municipal de Salvador, à Prefeitura-Bairro VIII. (FERNANDES et al., 2016)

Mapa 1: Localização Bairro do Cabula, Salvador - BA



Fonte: Elaboração própria, 2017.

⁹ A denominação "Miolo" se origina do fato da região situar-se, em termos geográficos, na parte central do município de Salvador, ou seja, no seu miolo. A região passou a ser chamada assim a partir dos estudos do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano para a Cidade de Salvador (PLANDURB), na década de 1970. Dos 313 km² da cidade, ele ocupa cerca de 115 km² (FERNANDES, 2005, p. 40)

Sua população total residente, segundo o Censo Demográfico de 2010, era de 23.869 habitantes, sendo 53,79% de mulheres. Demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 1: População residente, por sexo – Bairro do Cabula.

Bairros	Total			Homem (%)			Mulher (%)			Densidade Demográfica (hab/ha)		
	1991	2000	2010	1991	2000	2010	1991	2000	2010	1991	2000	2010
Salvador	2.075.273	2.443.107	2.675.656	47,09	47,08	46,68	52,91	52,92	53,32	68,36	80,48	88,14
Prefeitura-Bairro Cabula/Tancredo Neves	256.907	326.447	374.013	48,42	47,99	47,45	51,58	52,01	52,55	99,86	126,89	145,38
Arenoso	11.994	14.506	16.604	50,18	48,72	48,32	49,82	51,28	51,68	218,05	263,72	301,87
Arraial do Retiro	5.922	7.425	8.938	49,05	48,27	47,44	50,95	51,73	52,56	102,67	128,73	154,96
Barreiras	18.543	15.748	17.960	48,68	47,19	46,59	51,32	52,81	53,41	203,45	172,79	197,06
Beiru/Tancredo Neves	38.975	47.375	50.416	49,02	48,05	46,79	50,98	51,95	53,21	243,28	295,71	314,69
Cabula	17.697	19.448	23.869	46,06	46,07	46,21	53,94	53,93	53,79	51,46	56,55	69,41
Cabula VI	7.382	7.898	10.728	44,61	44,71	45,44	55,39	55,29	54,56	112,47	120,34	163,46
Calabetão	4.662	6.977	7.298	50,39	49,30	47,99	49,61	50,70	52,01	79,31	118,69	124,15
Centro Administrativo da Bahia ¹	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Doron	5.158	3.777	7.378	45,83	43,45	45,22	54,17	54,17	54,78	150,77	110,40	215,66
Engomadeira	7.771	14.369	12.550	48,63	47,97	46,18	51,37	51,37	53,82	219,52	405,90	354,52
Granjas Rurais Presidente Vargas	1.087	947	1.998	48,30	48,05	50,40	51,70	51,70	49,60	7,03	6,13	12,93
Jardim Santo Inácio	2.251	8.302	8.670	46,69	47,37	47,14	53,31	53,31	52,86	60,37	222,64	232,51
Mata Escura	20.437	25.367	32.349	50,05	51,10	50,81	49,95	49,95	49,19	73,61	91,37	116,52
Narandiba	2.663	13.951	14.368	51,71	48,71	47,98	48,29	48,29	52,02	23,70	124,15	127,86
Nova Sussuarana	8.771	10.400	12.206	48,65	48,79	48,19	51,35	51,35	51,81	179,35	212,66	249,59
Novo Horizonte	4.808	7.907	12.952	49,88	49,34	47,86	50,12	50,12	52,14	47,66	78,38	128,39
Pernambúes	49.167	59.119	64.983	48,40	47,90	47,43	51,60	51,60	52,57	154,95	186,31	204,79
Resgate	5.330	6.950	6.708	43,96	44,75	44,35	56,04	56,04	55,65	120,32	156,89	151,42
Saboeiro	5.198	4.857	6.682	44,42	45,07	45,42	55,58	55,58	54,58	51,05	47,70	65,63
São Gonçalo	15.739	17.434	17.275	48,01	48,03	47,06	51,99	51,99	52,94	208,71	231,19	229,08
Saramandaia	8.809	10.267	11.272	49,43	48,35	47,98	50,57	50,57	52,02	268,79	313,28	343,95
Sussuarana	14.543	23.423	28.809	49,53	48,07	47,96	50,47	50,47	52,04	94,05	151,47	186,30

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010.
Santos et al., Caminho das Águas em Salvador, 2010.
Elaboração: CONDER/INFORMS/SEDIG, 2014.
1 O bairro Centro Administrativo da Bahia é considerado bairro institucional, por isso, não possui qualquer informação.

Fonte: Conde/Informs. Disponível em: http://www.informs.conder.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/1_INFORMS_Painel_de_Informacoes_2016.pdf Acesso em: 03/11/2017

Em relação a cor/raça, há a predominância da população parda, com 53,11% do total.

Tabela 2: Percentual da população total residente por cor/raça.

Bairro	População segundo a cor/raça (%)				
	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
Salvador	18,90	27,80	1,34	51,68	0,28
Prefeitura-Bairro VIII – Cabula/Tancredo Neves	14,38	30,39	1,46	53,45	0,28
Arenoso	10,64	36,78	1,59	50,71	0,28
Arraial do Retiro	11,79	33,67	1,73	52,07	0,74
Barreiras	12,20	27,71	1,57	58,28	0,24
Beiru/Tancredo Neves	11,66	33,97	1,54	52,36	0,20
Cabula	24,62	20,18	1,69	53,11	0,40
Cabula VI	23,63	18,13	1,47	56,55	0,21
Calabetão	8,18	36,79	1,84	52,92	0,27
Centro Administrativo da Bahia ¹	-	-	-	-	-
Doron	20,86	23,43	0,84	54,39	0,35
Engomadeira	10,59	33,79	1,57	53,85	0,20
Granjas Rurais Presidente Vargas	12,46	24,17	0,45	62,71	0,20
Jardim Santo Inácio	14,52	31,65	1,18	52,45	0,21
Mata Escura	12,92	31,51	1,66	53,58	0,32
Narandiba	14,37	29,70	1,39	54,36	0,19
Nova Sussuarana	9,59	34,18	1,53	54,37	0,32
Novo Horizonte	13,56	32,10	1,09	52,93	0,32
Pernambúes	15,97	27,77	1,35	54,69	0,23
Resgate	27,28	18,43	1,58	52,34	0,37
Saboeiro	25,82	20,64	1,26	51,75	0,54
São Gonçalo	13,42	34,22	1,31	50,65	0,40
Saramandaia	8,92	38,79	1,34	50,77	0,18
Sussuarana	10,76	34,93	1,39	52,67	0,24

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1991, 2000 e 2010.
Santos et al., Caminho das Águas em Salvador, 2010.
Elaboração: CONDER/INFORMS/SEDIG, 2014.
1 O bairro Centro Administrativo da Bahia é considerado bairro institucional, por isso, não possui qualquer informação.

Fonte: Conde/Informs. Disponível em: http://www.informs.conder.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/1_INFORMS_Painel_de_Informacoes_2016.pdf Acesso em: 03/11/2017

O Bairro do Cabula surgiu como escolha para o estudo de caso sobre a mobilidade das mulheres por diversas questões e dentre elas, uma inquietação pessoal: a experiência da autora enquanto mulher, moradora do Bairro. Diante da contextualização das desigualdades de gênero, retratada no capítulo anterior, tornou-se extremamente urgente o entendimento das dinâmicas sociais de gênero nos Bairros, para que seja possível desconstruir o papel social das mulheres, reformular o espaço urbano e criar políticas públicas que visem diminuir as desigualdades e opressões, a fim de que mulheres possam circular livremente pela cidade.

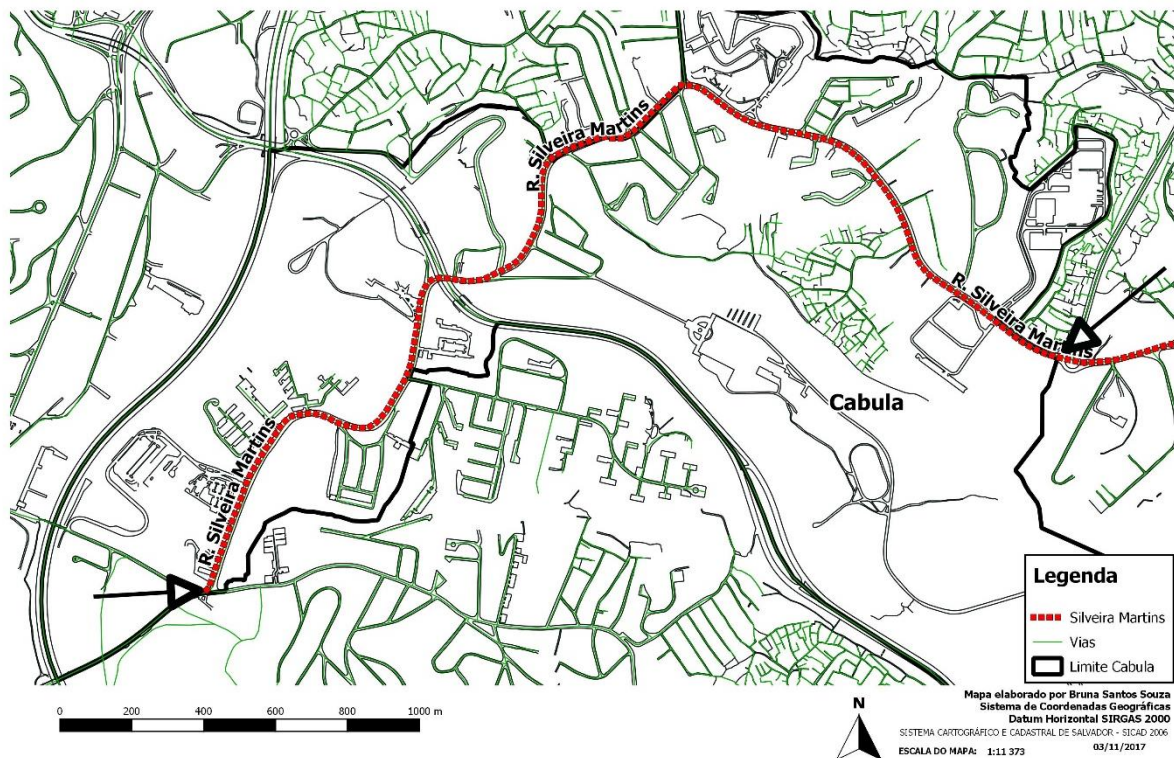
Por se tratar de uma área com extrema importância dentro da configuração urbana de Salvador, o Bairro possui diversos equipamentos e serviços urbanos, como Universidades; Escolas; Hospital; Shopping; Agências Bancárias; Supermercados; além dos muitos estabelecimentos comerciais. Num processo mais recente, a área vem sofrendo algumas transformações quanto a sua dinâmica do uso do solo, com a implantação de diversos empreendimentos imobiliários. Desta forma, o Bairro possui características de uso misto, a extensão da Rua Silveira Martins, via principal que permeia a área e conecta a outros bairros, é determinada pela concentração de importantes comércios, serviços e habitações.



Fonte: Elaboração própria, 2017.

Por sua importância, para a realização do estudo de caso, nos debruçaremos somente pela extensão da Rua Silveira Martins que está dentro do perímetro do Bairro.

Mapa 3: Rua Silveira Martins



Fonte: Elaboração própria, 2017.

3.1.1 Mobilidade urbana sob a perspectiva feminina

Já é de entendimento que as mulheres fazem uso do espaço urbano de forma diferente do homem e que a mobilidade e a infraestrutura urbana não exploram suas especificidades de forma a atender suas demandas.

As mulheres são as que mais sofrem com as precariedades urbanas, já que as mesmas precisam se locomover com mais frequência do que os homens, seus deslocamentos na cidade envolvem não só o trabalho produtivo como também o trabalho reprodutivo, como discutido no tópico 2.2. Suas viagens são consideradas mais curtas, mais frequentes e mais espalhadas. Ou seja, pequenos deslocamentos como ir ao mercado, levar o filho na escola, ou à consultas médicas, etc, também fazem parte da sua rotina.

No entanto, quando analisamos as políticas de mobilidade urbana, percebemos que o recorte de gênero não é levado em consideração.

O processo de elaboração da política de mobilidade deveria considerar que há, sim, diferentes padrões entre homens e mulheres. Mas hoje o poder público encara a política de transporte como neutra, então sequer levanta a perspectiva de gênero em seus estudos. (LINKE, 2017)

Nessa perspectiva, é como se homens e mulheres fossem submetidos a experiências iguais e corram os mesmos riscos, o que de fato, já sabemos que não é verdade. Além de terem padrões de viagens diferentes, para as mulheres ainda são somadas outras questões que impactam diretamente na forma como se locomovem pela cidade, como medo; falta de infraestrutura adequada dos modais de transporte; falta de integração; qualidade das calçadas; dentre outros.

[...] as integrações operacional, tarifária, física e de informações, são péssimas para todo mundo, mas para as mulheres causam um impacto maior, porque elas costumam fazer mais viagens. E para quem mora na periferia, isso é ainda pior. Se o sistema funciona bem, conseguimos cumprir melhor todas as tarefas que fazem parte do trabalho reprodutivo, infelizmente ainda essencialmente feminino. (LINKE, 2017)

Quando o transporte público é planejado, somente o corredor do sistema é levado em conta, a caminhada da pessoa até o ponto de ônibus, ou o percurso necessário para se fazer integrações de modais, não é planejado. E mais uma vez, as mulheres sofrem mais com essas questões. Quando o recorte de gênero é levado em consideração, as questões urbanas são muito mais problemáticas, incluindo diferenças de raça/etnia, classe social, sexualidade, e outras especificidades dentro desse recorte, percebemos que não dá para desejar uma cidade igualitária se o planejamento urbano não levanta essas questões.

Todavia, não é somente o desenho da cidade que deve ser planejado e alterado, não são somente questões físicas de infraestrutura que resolveriam as desigualdades. Há ainda, e principalmente, as questões culturais que estão estruturadas na sociedade.

Desta forma, necessitando de soluções mais políticas e amplas, que visem desconstruir pensamentos patriarcais que ainda impedem as mulheres de terem uma vivência plena da cidade.

Num levantamento feito pela Gênero e Número, em 2017, sobre a quantidade de mulheres que ocupam cargos de lideranças nas secretarias municipais e autarquias das capitais, associadas à mobilidade urbana, chegou-se à conclusão de que entre as 34 lideranças, há somente cinco mulheres, ou seja, menos de 15% do total.

Tabela 3: Mulheres na direção de órgão municipais de transporte.

Nome	Sexo	Público/Autarquia	Descrição do cargo	Cidade	Estado	
Gabriel Cunha	F	M	Público	Diretor Superintendente da Superintendência Municipal de Transportes e Trânsito - RBTRAN	Rio Branco	AC
Antonio José Gomes	M	M	Público	Superintendente Municipal de transportes e Trânsito - Maceió-AL	Maceió	AL
Audo Albuquerque	M	M	Público	Superintendente Municipal de transportes urbanos	Manaus	AM
Jodoval Farias de	M	M	Público	Coordenador Municipal de Mobilidade e Acessibilidade Urbana de Macapá	Macapá	AP
André Luiz Alves	M	M	Autarquia	diretor da Companhia de Trânsito e Transporte de Macapá (CTMac)	Macapá	AP
Fábio Rios Mota	M	M	Público	Secretário de Mobilidade Urbana	Salvador	BA
Edilson Moura	C	M	Autarquia	Presidente da Empresa de Transporte Urbano de Fortaleza (Etufor)	Fortaleza	CE
Manuela Nogueira	F	M	Público	Secretária de Infraestrutura (cuida de transporte na falta de uma secretaria específica)	Fortaleza	CE
Oberacy Emmerich	M	M	Público	Secretário Municipal de Transportes, Trânsito e Infraestrutura Urbana	Vitória	ES
Dalvan Do Nascimento	M	M	Público	Secretário municipal de Trânsito, Transporte e Mobilidade de Goiânia	Goiânia	GO
Canindé Barros	M	M	Público	Secretaria Municipal de Trânsito e Transportes	São Luís	MA
Janine de Lima	F	M	Autarquia	Diretor-Presidente da Agência Municipal de Transporte e Trânsito de Campo Grande	Campo Grande	MS
Rudi Fiorese	M	M	Público	SECRETÁRIO MUNICIPAL DE INFRAESTRUTURA, TRANSPORTE E HABITAÇÃO	Campo Grande	MS
Antenor Figueira	M	M	Público	Secretário Municipal de Mobilidade de Cuiabá	Cuiabá	MT
Maisa Tobias	F	M	Público	Superintendente de Mobilidade Urbana de Belém	Belém	PA
Carlos Batinga	M	M	Público	Superintendente da Secretaria de Mobilidade de João Pessoa (Semob)	João Pessoa	PB
João Braga	M	M	Público	Secretário municipal de mobilidade Urbana	Recife	PE
Carlos Augusto	M	M	Público	Superintendente municipal de Transporte e Trânsito de Teresina (STrans)	Teresina	PI
Jose Antonio	A	M	Público	presidente da URBS (equivalente a secretário municipal de transportes)	Curitiba	PR
Fernando MacDermid	M	M	Público	Secretário municipal de Transporte	Rio de Janeiro	RJ
Eleuicina Maria	F	M	Público	Secretária municipal de Mobilidade Urbana	Natal	RN
Marden Negrão	M	M	Público	Secretário municipal de Transportes e Trânsito	Porto Velho	RO
Raimundo Barro	M	M	Público	Secretário Municipal de Segurança Urbana e Trânsito (nao tem transporte/mobilidade)	Boa Vista	RR
Elizandro Sabino	M	M	Público	secretário municipal de Infraestrutura e Mobilidade Urbana	Porto Alegre	RS
Marcelo Soletti	C	M	Autarquia	Diretor Presidente da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) - Porto Alegre	Porto Alegre	RS
Sérgio Hickel	D	M	Público	Secretário Municipal de Mobilidade Urbana	Florianópolis	SC
Aristóteles Fernandes	M	M	Público	Secretário municipal de Transporte e Trânsito	Aracaju	SE
Sérgio Avelleda	M	M	Público	Secretário municipal de transportes	São Paulo	SP
Luiz Teixeira	M	M	público	SECRETÁRIO DE INFRAESTRUTURA, SERVIÇOS PÚBLICOS, TRÂNSITO E TRANSPORT	Palmas	TO
Célio Freitas	B	M	Autarquia	Presidente da Empresa de Trânsito e Transporte de Belo Horizonte (BHTRANS)	Belo Horizonte	MG
Maria Fernandes	F	M	Público	Secretária Municipal de Serviços Urbanos (Não há secretaria de transporte)	Belo Horizonte	MG
João Octaviano	M	M	Autarquia	Presidente da CET-SP	São Paulo	SP
José Carlos Nunes	M	M	Autarquia	Presidente da SPTrans	São Paulo	SP
Virginia Salerno	F	M	Autarquia	Presidente da CET-Rio	Rio de Janeiro	RJ

Fonte: Levantamento: Mariana Bastos/Gênero e Número. Atualizado em fevereiro de 2017.

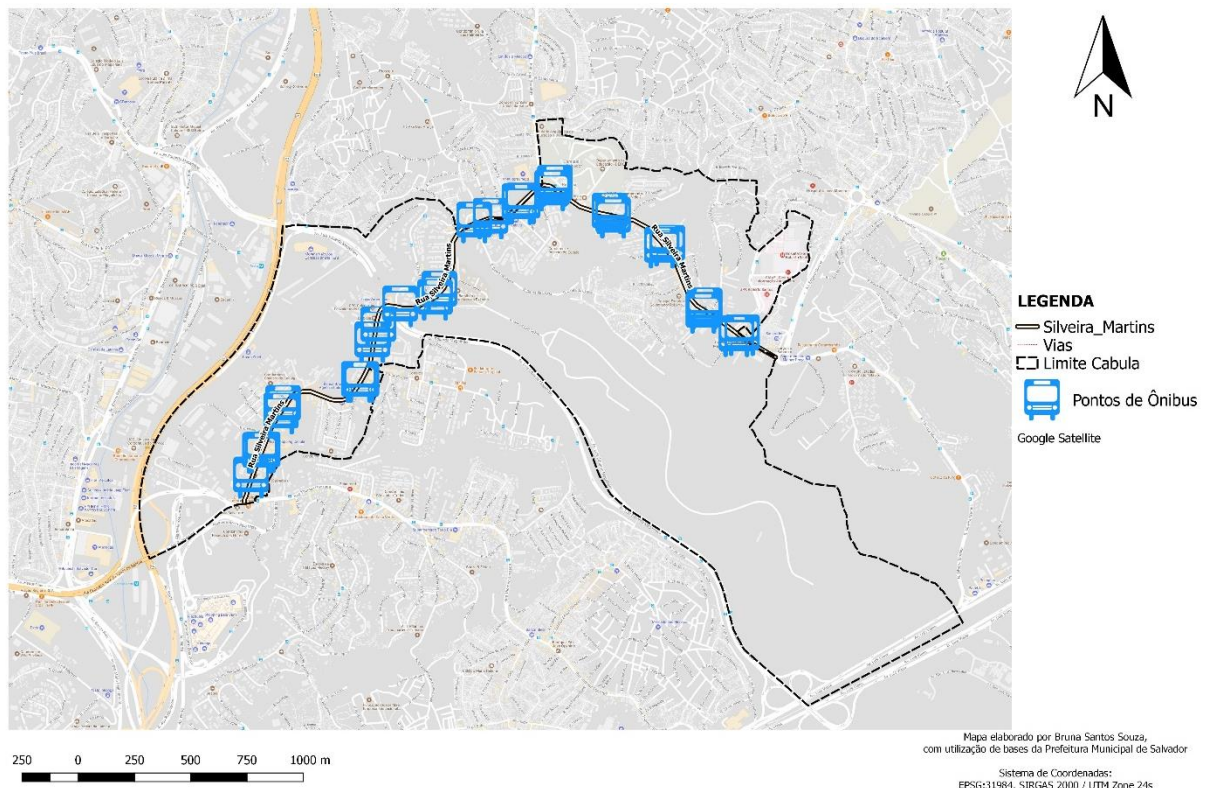
Disponível em:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1WdZVNcjC4wWfW545wE4S7qwQXaODPq2X4yEwGIB6nNY/pubhtml> Acesso em 04/11/2017

Mais uma vez, a falta de representatividade feminina nos locais de poder, afeta na forma como as questões de gênero são retratadas nos planejamentos urbanos, e na questão da mobilidade, contribui para que as vias e os transportes sejam menos receptivos para as mulheres.

No que diz respeito à mobilidade dentro da área de estudo, a Rua Silveira Martins, por se tratar de uma via coletora, dentro da classificação das hierarquias viárias, possui um fluxo intenso de transporte público e uma distribuição de pontos coletivos consideravelmente satisfatória, como pode ser visto no Mapa 4. Isso, não quer dizer que o transporte público em si seja de boa qualidade, a sua estrutura física e as superlotações também se configuram como fator determinante para definir a qualidade da mobilidade.

Mapa 4: Distribuição de pontos de ônibus – Rua Silveira Martins



Fonte: Elaboração própria, 2017.

No entanto, o maior problema de mobilidade no Bairro, além dos altos índices de congestionamento, que são ocasionados pelo intenso uso misto do solo lindeiro à via e pela priorização do automóvel individual, é a mobilidade à pé. A via larga e as

estreitas calçadas, demonstram que a rua foi projetada para priorizar o intenso fluxo de automóveis, sem levar em consideração as diferentes necessidades dos pedestres. Além de não existir uma continuidade das calçadas que lhe dê conforto para transitar pelo Bairro, a qualidade não é adequada. As mulheres são as que mais sentem essas precariedades, já que dentro da sua dinâmica das viagens pela cidade, elas andam mais a pé do que os homens, em seus curtos deslocamentos para atender também, as necessidades domésticas, demonstrado na Figura 10.

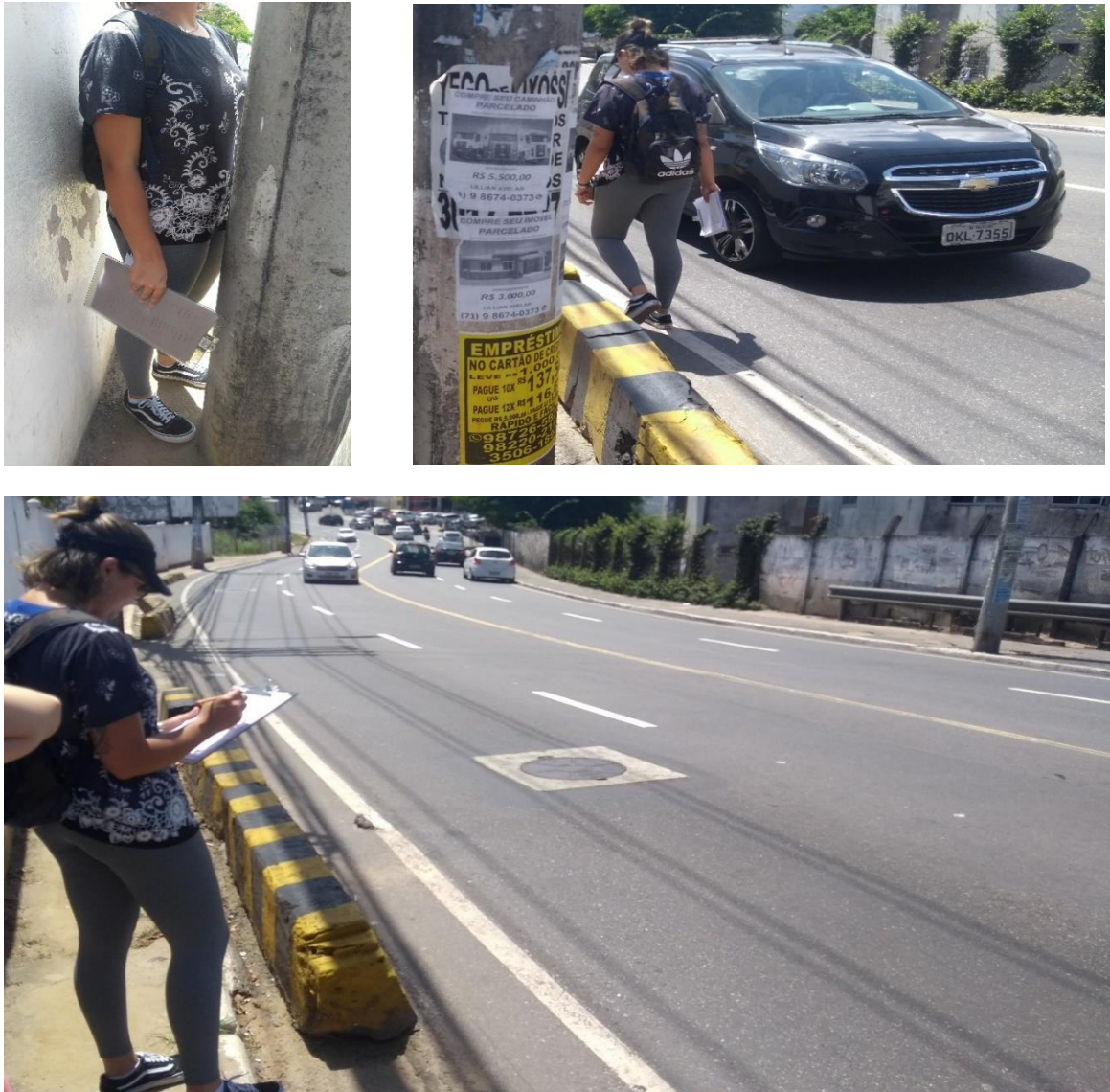
Figura 9: Lógica da mobilidade feminina.



Fonte: Estudo GENMOB – IGOT Disponível em: <http://genmob.ceg.ulisboa.pt/> Acesso em:

15/11/2017

Figura 10: Mobilidade à pé – Obstáculos



Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Em alguns momentos, é preciso disputar o espaço da rua com os carros, porque as determinações da ABNT 9050, referentes à acessibilidade, não são atendidas, ou seja, simplesmente não existe calçamento. Além disso, ainda há alguns postes como obstáculo, como pode ser visto na Figura 11.

Figura 11: Mobilidade à pé – Obstáculos 2



Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Além da má qualidade existente, bancos de areia, postes que atrapalham a mobilidade, as pessoas ainda precisam concorrer com os ambulantes do trabalho informal, que na maioria das vezes, ocupam toda a calçada.

Somando-se outras questões que vão além dos aspectos físicos, para as mulheres, existem diversas barreiras que afetam na sua mobilidade: elas enfrentam a insegurança, intimidações, constrangimento, exposição a assédios, olhares

desconcertantes e violência sexual, situações que foram relatadas pelas mulheres na aplicação do questionário, e que serão discutidas também no tópico à seguir.

3.1.2 (In)segurança

A segurança urbana traz em sua configuração questões físicas, simbólicas e socio-culturais, portanto o sentimento de insegurança é algo um tanto subjetivo. Trataremos aqui da segurança urbana na perspectiva feminina, mas tomando como base os conceitos apresentados por Jane Jacobs (2000) na sua obra *Morte e Vida de Grandes Cidades*, em que a autora traz em sua contribuição o conceito de segurança, que na verdade não está necessariamente vinculado ao policiamento, apesar de também ser parte importante e necessária.

O principal atributo de um distrito urbano próspero é que as pessoas se sintam seguras e protegidas na rua em meio a tantos desconhecidos. (...) E nos fala que a ideia de segurança não é mantida apenas pela polícia, que o desenho urbano, o traçado da cidade, as decisões urbanísticas implicam na manutenção da segurança. [...] pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados. (JACOBS, 2000, p 30 a 32)

Existem diversos fatores que contribuem para a sensação de segurança no espaço urbano e o fluxo de pessoas é fator determinante. Para Jacobs (2000) a vigilância natural das pessoas, o que ela chama de “olhos na rua”, tende a tornar o espaço mais seguro. Nessa perspectiva, a autora traz três condições para que um local seja considerado seguro:

Ter nítida a separação entre o espaço público e o espaço privado, [...] não podem misturar-se, como normalmente ocorre em subúrbios ou em conjuntos habitacionais.

[...] Devem existir olhos para a rua, [...] os edifícios [...] devem estar voltados para a rua. Eles não podem estar com os fundos ou um lado morto para a rua e deixá-la cega. [...]

A calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar na rua o número de olhos atentos quanto para induzir um número suficiente de pessoas de dentro dos edifícios da rua a observar as calçadas. [...] Há muita gente que gosta de entreter-se, de quando em quando, olhando o movimento da rua (JACOBS, 2000, p. 35-36).

Para que essa vigilância cidadã aconteça, é preciso que existam estabelecimentos que tragam vida ao local, como lojas, bares, cafés, restaurantes, padarias, além de edifícios que ofereçam a possibilidade do contato visual do seu interior com o espaço público.

Essa percepção de segurança, no entanto é geral, especificamente para as mulheres são somadas diversas outras questões que já foram citadas no decorrer do trabalho, mas o assédio e a violência sexual, além dos medos generalizados de assaltos, somam-se os principais fatores que as impedem de vivenciar o espaço de forma plena, já que a segurança é um fator básico e condição indispensável para garantir igualdade de acesso aos espaços urbanos.

Outro estudo que pode ser utilizado como parâmetro importante para entender a cidade pela perspectiva feminina, o trabalho fruto do livro “Manual de Análisis Urbano. Género y Vida”, do coletivo Hiria Kolektiboa, formado por quatro arquitetos espanhóis, três mulheres e um homem. Neste trabalho, foi construída uma metodologia para analisar o espaço através do recorte de gênero, e neste sentido, o grupo traz alguns pontos essenciais para se pensar a questão da segurança urbana na perspectiva das mulheres:

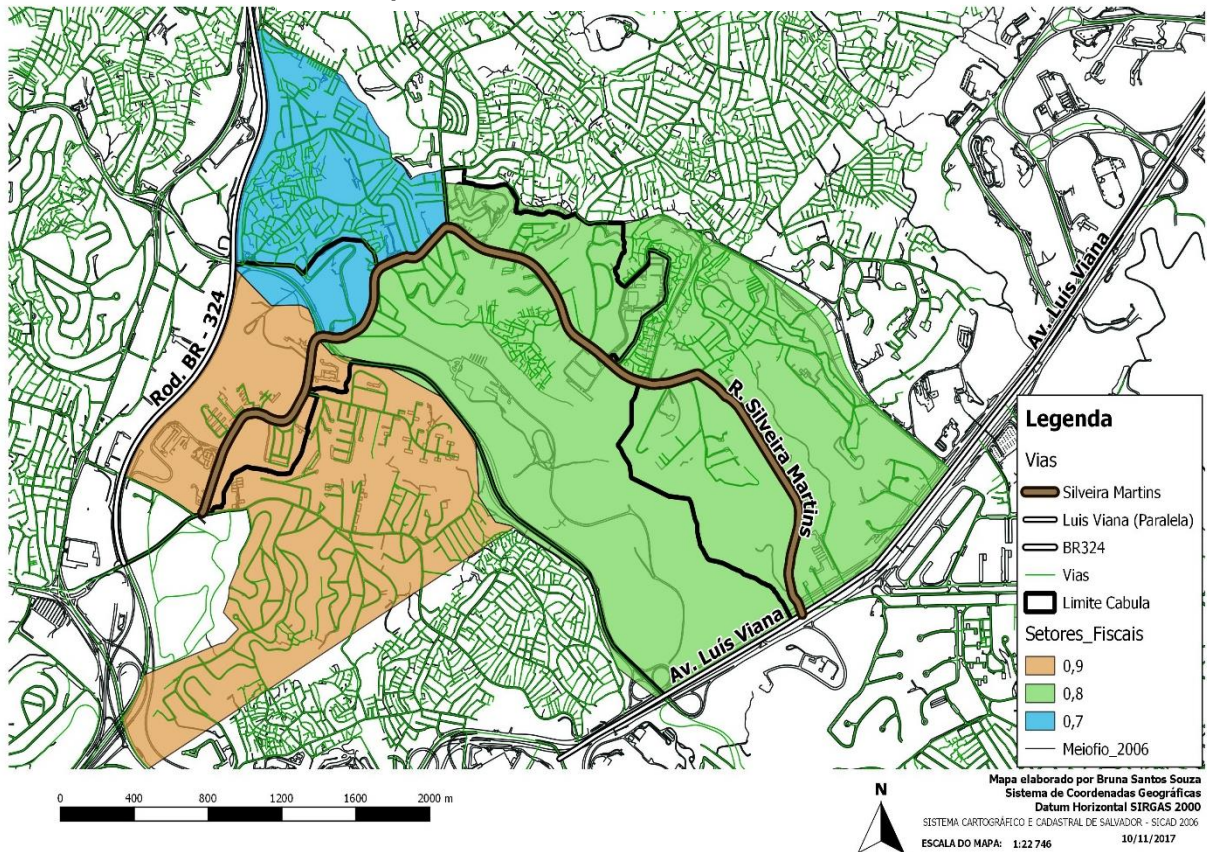
- Reconhecer facilmente o entorno;
- Ver e ser vista;
- Ouvir e ser ouvida;
- Ter sempre visível uma saída ou lugar para pedir ajuda;
- Limpeza e cuidado do entorno;
- Atuação coletiva no espaço público;
- Iluminação. (KOLEKTIBOA, 2010, p. 46-47)

Utilizando esses parâmetros para entender a dinâmica da Rua Silveira Martins e a percepção de segurança que as mulheres têm ao transitar pela via, é possível associar claramente aos conceitos trazidos por Jane Jacobs e pelo coletivo Hiria Kolektiboa.

Como já foi dito anteriormente no tópico 3.1, sobre a caracterização do Bairro e pôde ser visualizado no Mapa 2, sobre a distribuição de serviços e equipamentos urbanos, a Rua Silveira Martins tem um uso misto na sua configuração espacial e dinâmica do uso do solo, com diversos estabelecimentos comerciais, serviços urbanos e equipamentos de saúde, educação, além dos diversos empreendimentos imobiliários.

É importante salientar no entanto que na extensão da Rua encontram-se diversas tipologias arquitetônicas na sua configuração, áreas mais privilegiadas no que diz respeito a valorização do solo, então, existem análises diferentes para determinados recortes, que podem ser representados pelo mapa de setor fiscal do Bairro do Cabula.

Mapa 5: Setores Fiscais, Bairro do Cabula



Fonte: Elaboração própria, 2017.

Setor fiscal é uma divisão construída pela Prefeitura Municipal de Salvador para fins de tributação de impostos, como o IPTU (Imposto sobre a Propriedade Predial Urbana), no caso do Cabula, existem 3 setores fiscais diferentes, os valores são definidos de acordo com o valor do terreno, ou seja, quanto maior for esse valor, mais valorizada é a localidade. Aqui, nos ajuda a compreender as diferentes características do uso do solo na extensão da via Silveira Martins, e como isso afeta na forma como as pessoas se apropriam do espaço.

Mapa 6: Rua Silveira Martins – Dinâmica do Uso do Solo Urbano



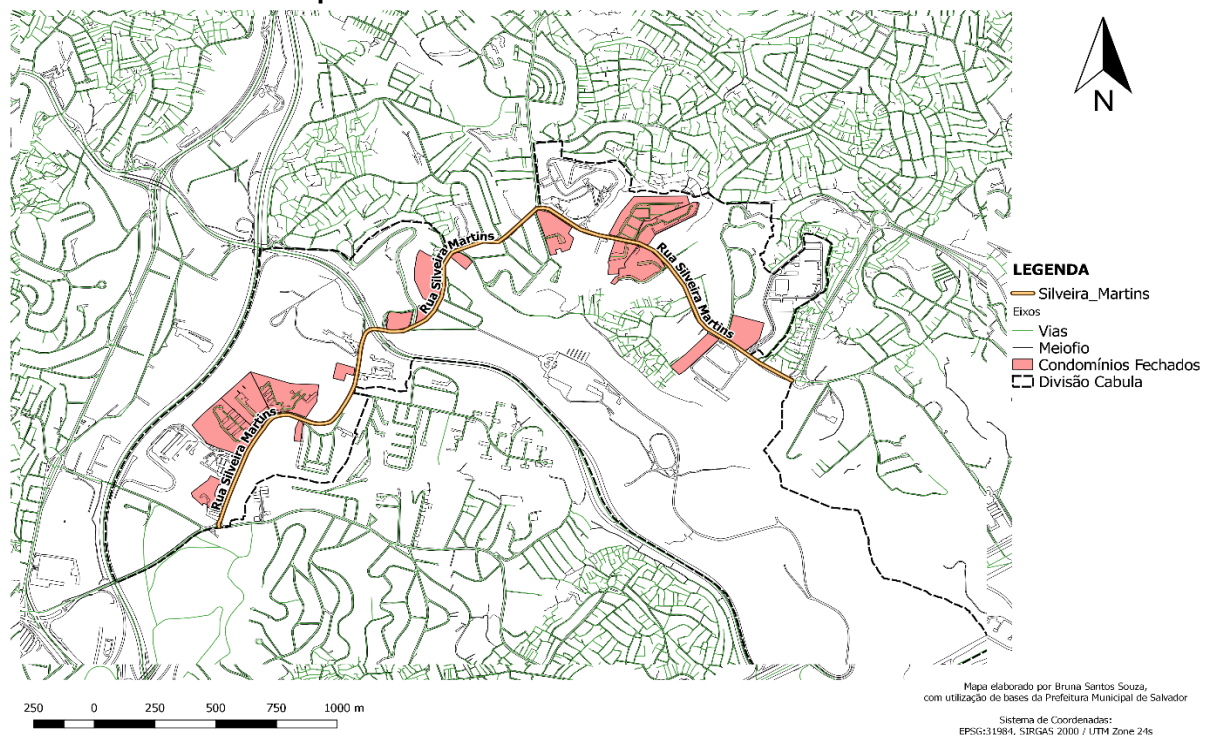
Fonte: Elaboração própria, 2017.

Nessa primeira extensão da rua, onde o setor fiscal é 0,9, e pode ser visualizado no Mapa 5, existe uma dinâmica diferente do restante da Silveira Martins. O fluxo de pessoas é intenso, devido aos diversos serviços ofertados na área e os estabelecimentos comerciais, desta forma é possível perceber que acontece a vigilância cidadã, citada por Jacobs (2000), pois as ruas e calçadas estão sempre movimentadas, pessoas indo e vindo, ao caminho do trabalho, de casa, ao lazer.

No entanto, mesmo com toda essa intensidade de uso e fluxo de pessoas, em determinados trechos, como pode ser visto no mapa acima, existem algumas fachadas sem uso, com terrenos vazios e muros fechados. Nesses locais, a sensação de segurança não é a mesma.

A presença de condomínios fechados no decorrer da via, como pode ser visto no Mapa 7, traz uma outra percepção de segurança. Essa tendência ganhou força justamente pela sensação de insegurança, que trouxe consigo a “falsa necessidade” do isolamento social, produzida discursivamente para convencer a população de que a solução para a violência são os condomínios fechados, e, teoricamente seguros, o que na verdade gerou mais insegurança, mas, para as áreas próximas, ao redor dos condomínios.

Mapa 7: Condomínios fechados – Rua Silveira Martins

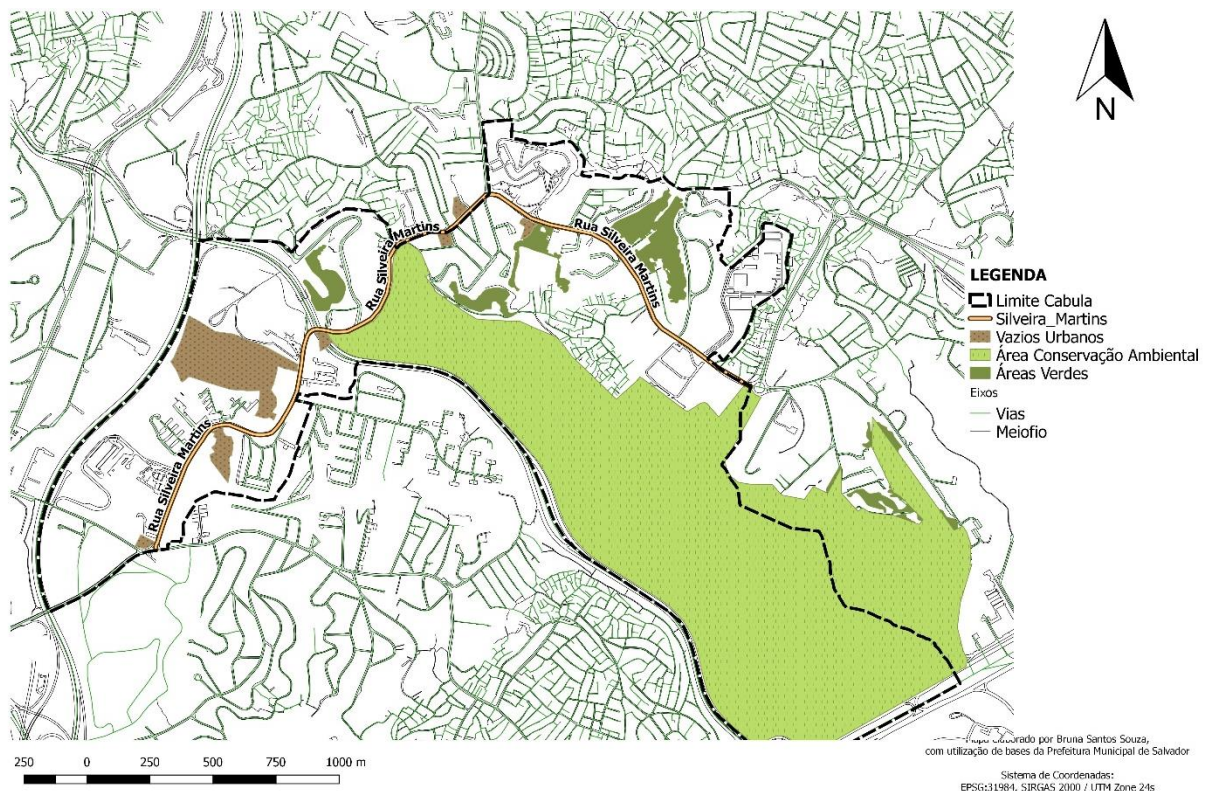


Elaboração própria, 2017.

Os muros facilitam a defesa e o isolamento de quem está dentro, e apenas quando está dentro, mas por outro lado dificulta a visibilidade da via. Portanto, a ausência de vitalidade nas ruas onde estão os condomínios, evita a “vigilância natural” das pessoas. Se a rua não é convidativa, menos as pessoas se apropriam, se as pessoas não se apropriam, mais inseguro o local fica, criando assim, um ciclo vicioso.

O mesmo acontece para os locais onde há vazios urbanos e áreas verdes em terrenos baldios, visto no Mapa 8, pois se tornam áreas de extrema vulnerabilidade.

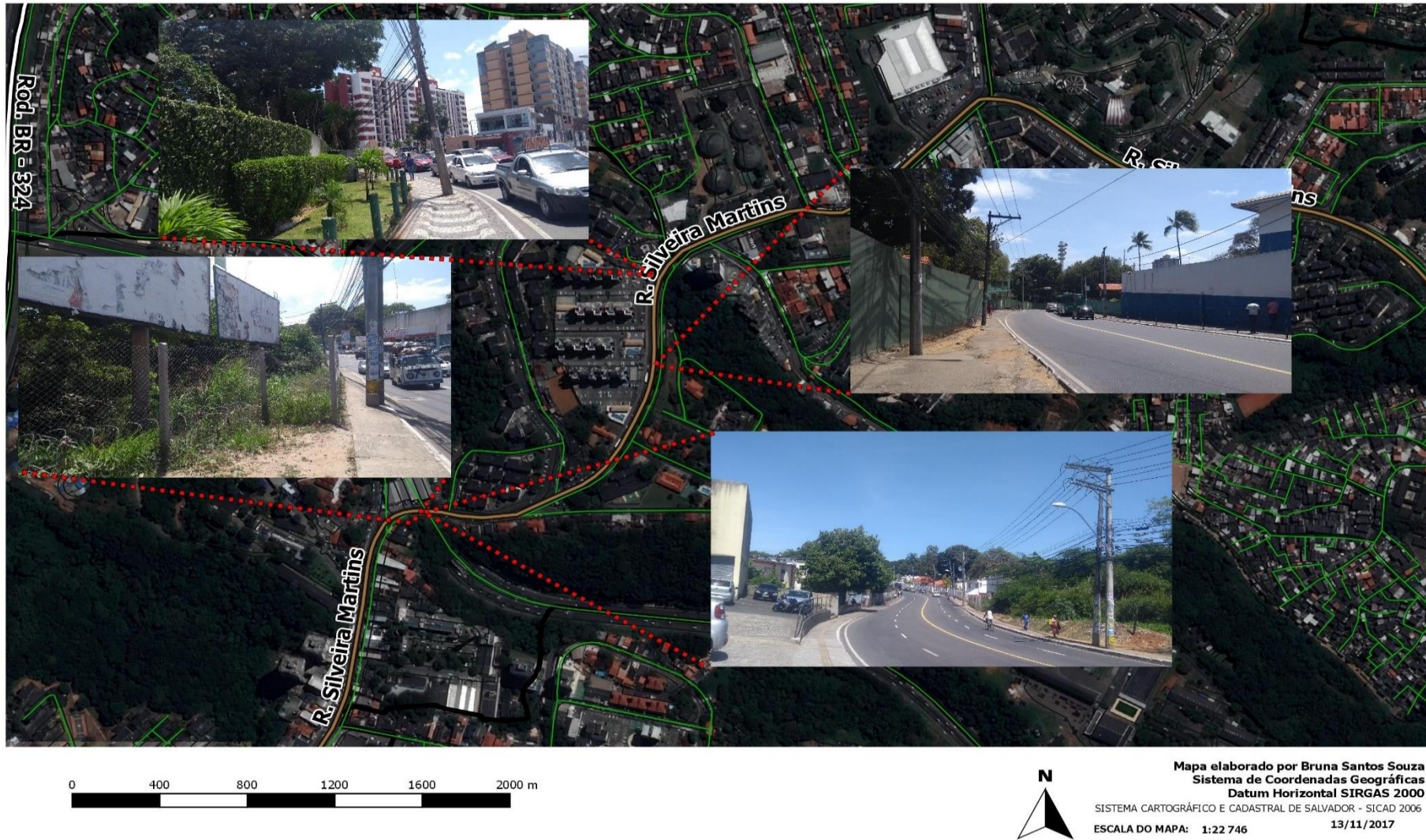
Mapa 8: Vazios Urbanos e áreas verdes – Rua Silveira Martins



Fonte: Elaboração própria, 2017

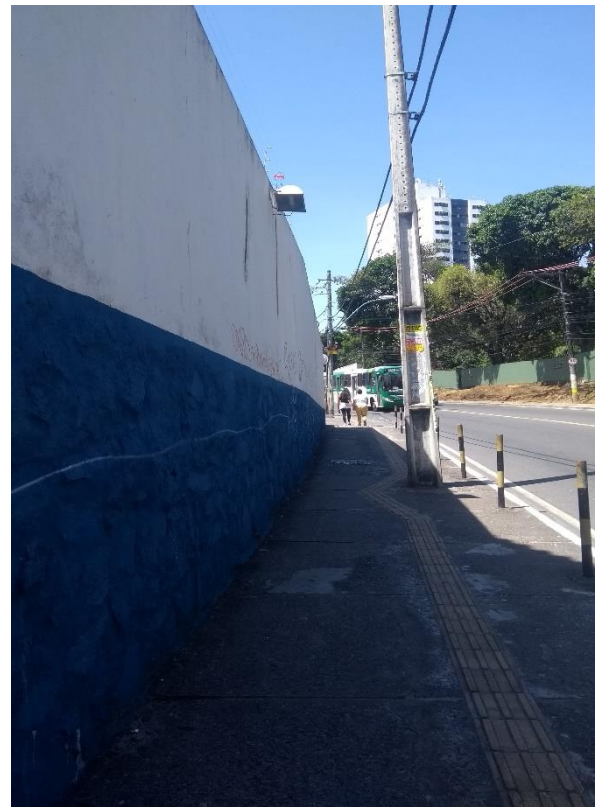
Diferente dessa primeira extensão da Silveira Martins, onde há um maior fluxo de pessoas, na segunda parte via, onde o setor fiscal é 0,7 e 0,8, demonstrada no Mapa 9, a presença de estabelecimentos e serviços é bem menor, predominando a presença de condomínios, vazios urbanos e muros fechados. Nesses casos, ao transitar por estes caminhos, não existe possibilidade de fuga rápida, as exigências das mulheres de ver e ser vista, ouvir e ser ouvida para se sentirem seguras, não ocorrem. Pode ser visto claramente nas fotos abaixo.

Mapa 9: Rua Silveira Martins – Dinâmica do Uso do Solo Urbano 2.



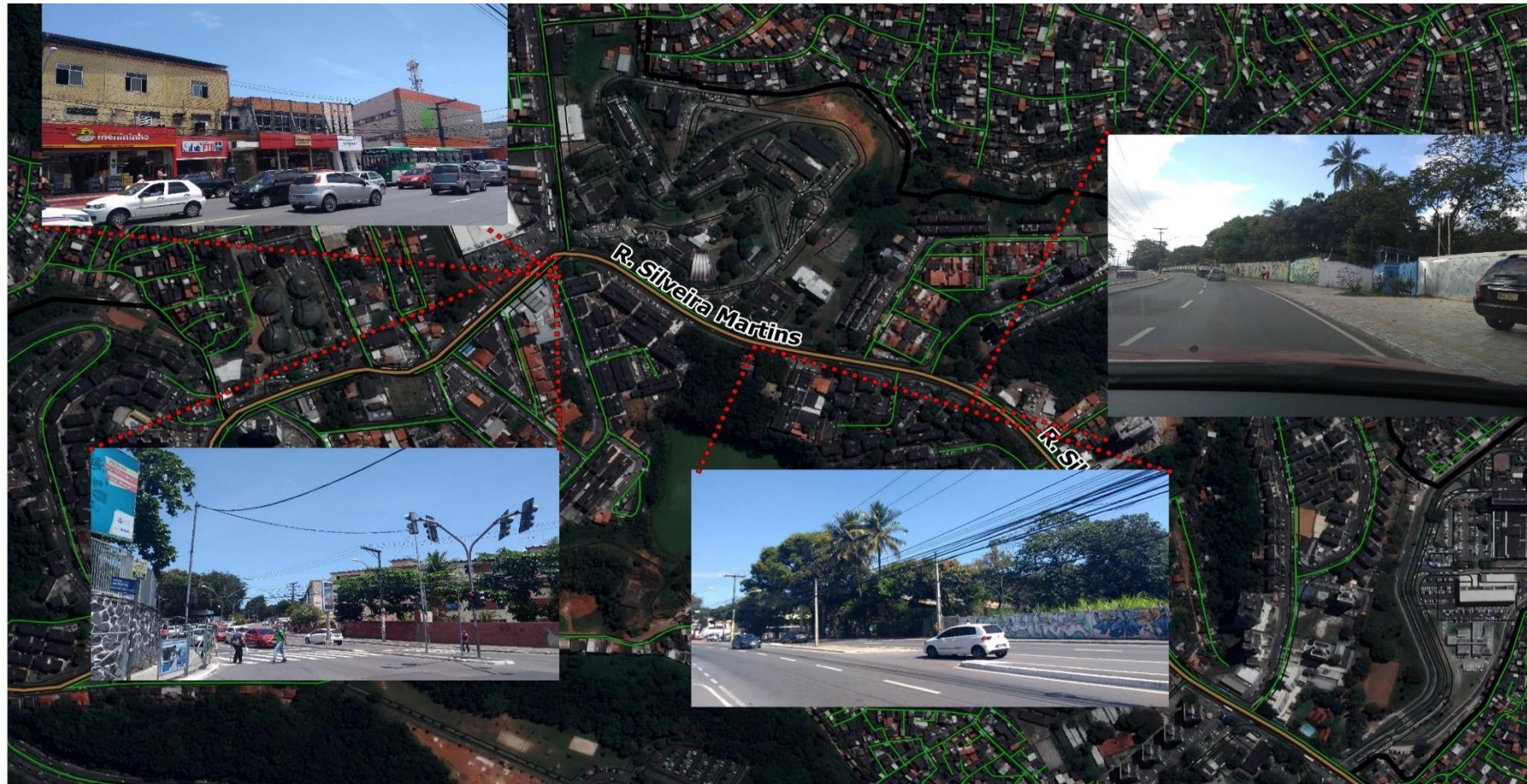
Elaboração própria, 2017.

Figura 12: Muros – Rua Silveira Martins



Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Mapa 10: Rua Silveira Martins – Dinâmica do Uso do Solo 3.



0 400 800 1200 1600 2000 m



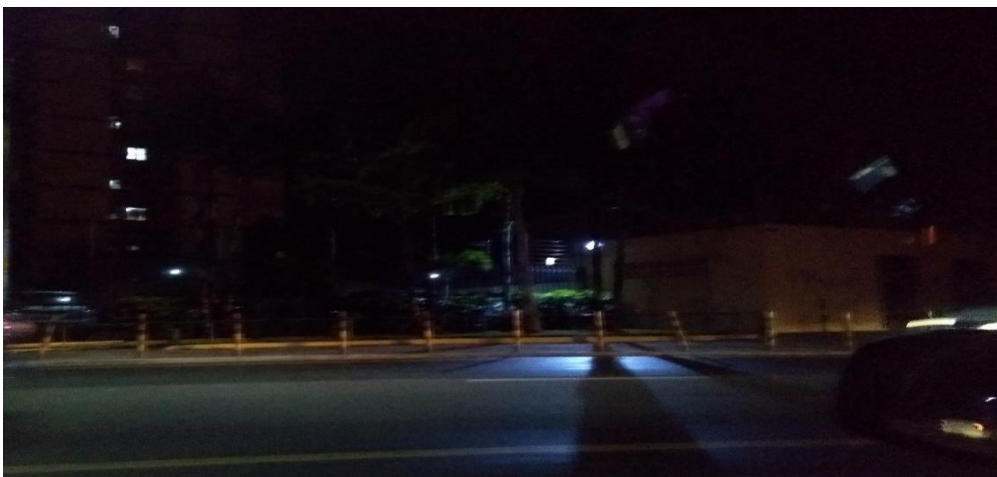
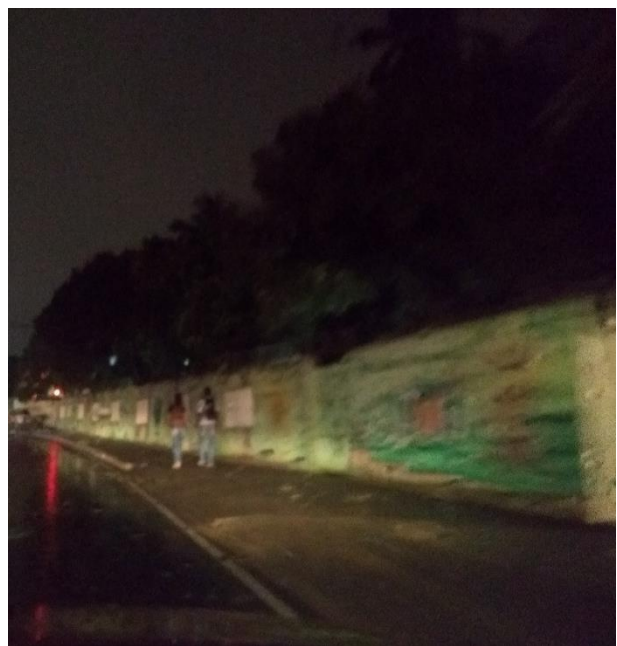
Mapa elaborado por Bruna Santos Souza
 Sistema de Coordenadas Geográficas
 Datum Horizontal SIRGAS 2000
 SISTEMA CARTOGRÁFICO E CADASTRAL DE SALVADOR - SICAD 2006
 ESCALA DO MAPA: 1:22 746 13/11/2017

Elaboração própria, 2017.

Percebe-se que sempre nos locais onde existe fachada ativa, que é justamente onde a ocupação da fachada dos estabelecimentos é no alinhamento dos passeios, com acesso aberto às pessoas, há mais movimentação, mais vida, e maior percepção de segurança. Por toda extensão da Silveira Martins essa é a dinâmica do seu uso.

À noite, essa situação se agrava porque o Bairro é extremamente mal iluminado. Para fotografar a via, Figura 14, por não me sentir segura sozinha à pé, precisei recorrer ao transporte individual, as fotos foram tiradas de dentro do carro. Para as mulheres é quase intransitável, já que o medo e a violência naturalizada pela construção social da não autonomia do seu próprio corpo na rua, fazem parte da sua rotina.

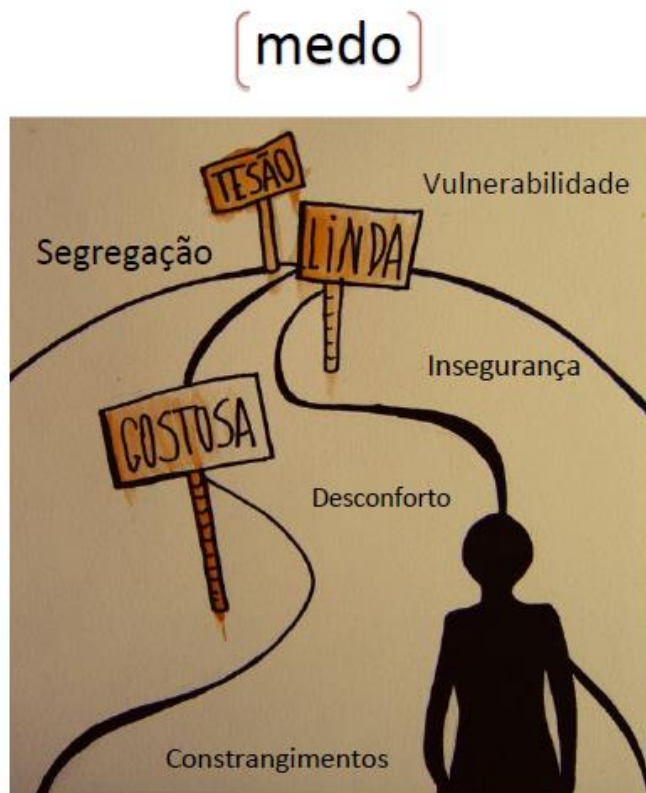
Figura 13: A noite na Silveira Martins.



Fonte: Acervo pessoal, 2017.

O medo de estar na rua atinge à todos, mas para as mulheres essa sensação é constante, em qualquer situação. A percepção de segurança para elas é diferente da dos homens, isso porque, como vimos, socialmente foram construídos ao longo do tempo, papéis diferentes aos gêneros, em que as mulheres não eram bem vistas nos espaços públicos, para elas a segurança estava sempre ligada ao espaço privado, o seu lugar de pertencimento. Portanto, essa herança permanece até hoje, e muitas vezes, as mulheres ainda sentem que alguns espaços não lhes são receptivos, ou que não foram feitos para a sua presença. Neste sentido, a presença das mulheres nos espaços públicos, por exemplo, pode ser utilizada como indicador de segurança, se elas se sentem seguras é provável que a maioria das pessoas também se sintam.

Figura 14: Vulnerabilidade da mulher no espaço urbano



CHEGA DE
fiu fiu!

Fonte: Arte da campanha “Chega de fiu fiu!” Think Olga. Disponível em:

<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdu/seminarios-e-outros-eventos/o-forum-interativo-de-desenvolvimento-urbano/desafios-e-solucoes-para-a-mobilidade-no-brasil/apresentacao-do-ceftru-case-4-mobilidade-da-mulher/view>.

3.1.3 Espaços públicos e a relação de gênero

Antes de tudo, o que seriam espaços públicos? A sua definição é complexa e gera diversas discussões e divergências, aqui, não aprofundaremos no seu conceito em si, apenas o que ele representa nas discussões urbanas pela perspectiva de gênero. Os espaços públicos, são justamente aqueles locais cuja presença das mulheres durante muito tempo, foi negada, ou vista com maus olhos. Neste sentido, é importante destacar que, mesmo por definição serem chamados de “públicos”, nem todos tiveram/têm acesso à eles, ou pelo menos, não de forma igualitária.

Trata-se, portanto, essencialmente de uma área onde se processa a mistura social. Diferentes segmentos, com diferentes expectativas e interesses, nutrem-se da co-presença, ultrapassando suas diversidades concretas e transcendendo o particularismo, em uma prática recorrente da civilidade e do diálogo (GOMES, 2002, p.163).

Para Gehl (2006), quando as qualidades da localidade são favoráveis para atividades diversas, quando as vantagens físicas, psicológicas e sociais se sobrepõem às desvantagens e quando o ambiente é agradável, o espaço público é melhor aproveitado e seu uso acontece de fato. Levando essa abordagem em consideração, percebemos que para as mulheres, as condições raramente são favoráveis, isso porque, como já foi discutido no tópico 3.1.2 sobre (in)segurança, para elas, existem diversas barreiras que as impedem de gozar do espaço público.

O Bairro do Cabula carece quanto presença de espaços públicos. Ao longo da Silveira Martins não é encontrado nenhum tipo de equipamento público voltado para o lazer e a sociabilização. As pessoas utilizam a UNEB (Universidade do Estado da Bahia) como referência de espaço público, há a presença não só de alunos da universidade, mas também de pessoas que vão somente para utilizar o espaço para o lazer.

Consideramos então, espaço público no Cabula, as suas ruas, já que as calçadas são os únicos espaços onde há encontro de pessoas, onde acontece qualquer tipo de interação.

Se as calçadas não são convidativas para as mulheres, como foi visto no tópico 3.1.1 sobre mobilidade, e as calçadas são justamente os espaços públicos do Bairro, percebe-se que na verdade não existe um local que as acolha.

Para as mulheres, faz parte de suas rotinas o medo constante de utilizar alguns meios de transporte e espaços públicos em determinados horários, a preocupação diária com suas roupas para que não se sintam vulneráveis aos assédios diários, a mudança de trajetos durante sua caminhada porque não se sentem seguras transitando por locais escuros ou que tenham muitos homens presente, dentre outros, isso nos faz perceber que as mulheres ainda não alcançaram o direito pleno da cidade, o direito de ir e vir a qualquer horário, usar qualquer tipo de roupa, o direito de frequentar todos os tipos de estabelecimentos sem ser julgada.

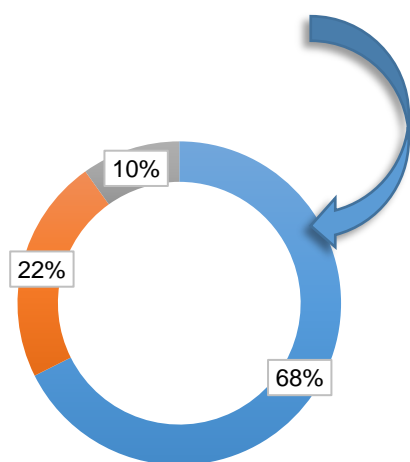
“A rua, por definição, é uma via de circulação pública. Logo, qualquer cidadão teria o direito e a liberdade de transitar por ela a qualquer dia e hora; claro, desde que não seja uma mulher.” (PASKO, 2017, s.p.)

3.2 PERFIL DAS ENTREVISTADAS E ANÁLISE DOS DADOS

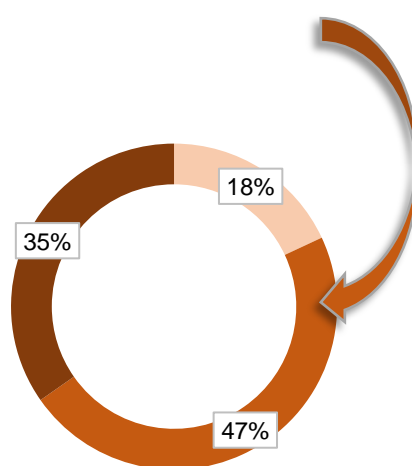
Como última parte da metodologia utilizada no decorrer deste trabalho, foram realizadas entrevistas e questionários com 72 mulheres, entre entrevistas online e presencial, com o objetivo de coletar dados, através dos métodos quantitativo e qualitativo, para entender o contexto em que as mulheres que circulam pela Rua Silveira Martins estão inseridas, e desta forma, estabelecer as relações dessas mulheres com o espaço urbano.

Dentre as 72 mulheres entrevistadas, 68%, ou seja, a maioria, foram jovens entre 15 e 25 anos. Com relação à raça/etnia, prevalece as pardas, com 47%, seguido de negras, 35% e 18% brancas. Quanto ao estado civil, majoritariamente solteiras, com 82% do total, e por fim, como pode ser vista no gráfico abaixo, teve predominância das mulheres com renda familiar entre 2 e 5 salários. Esses dados podem ser vistos no Gráfico 1.

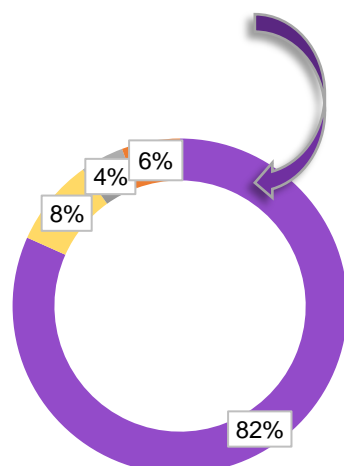
Gráfico 1: Perfil das mulheres entrevistadas



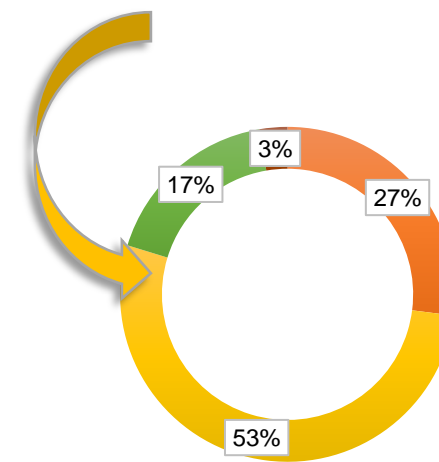
■ Entre 15 e 25 anos
■ Entre 26 e 40 anos
■ Entre 41 e 60 anos



■ Branca ■ Parda ■ Negra



■ Solteira ■ Casada ■ Divorciada ■ Outro



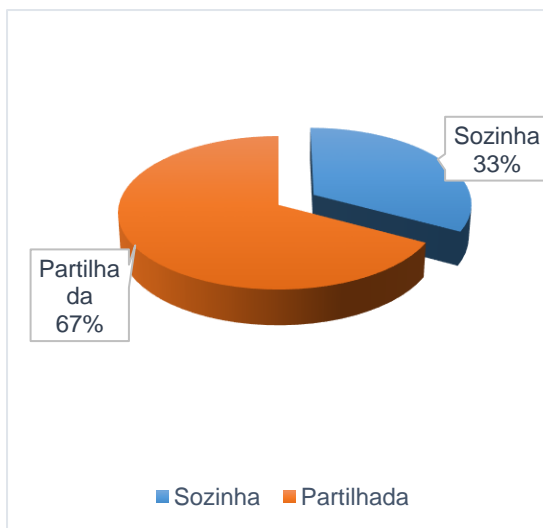
■ Até 1 salário mínimo
■ Entre 2 e 5 salários
■ Entre 6 e 10 salários
■ Mais de 11 salários

Fonte: Elaboração própria, 2017.

Traçar esse perfil é importante para que no decorrer das análises seja possível perceber como os diferentes contextos em que as mulheres estão inseridas, afetam na forma como cada uma vivencia o espaço, principalmente quanto a vulnerabilidade social.

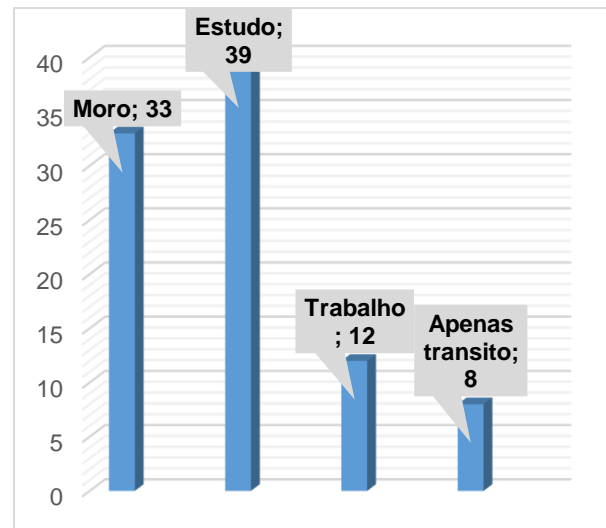
“A vulnerabilidade não é uma essência ou algo inerente a algumas pessoas e a alguns grupos, mas diz respeito a determinadas condições e circunstâncias que podem ser minimizadas ou revertidas” (PAULILO; JEOLÁS, 1999, p.1). A exposição a riscos de diferentes caracteres, sendo eles sociais, culturais ou econômicos, colocam diferentes desafios para seu confronto. Ou seja, a intensidade com que as precariedades urbanas atingem as mulheres, está diretamente ligado ao contexto social em que estas estão inseridas, sendo muito mais intenso para aquelas cuja vulnerabilidade social é maior.

Gráfico 2: Realização das tarefas domésticas.



Elaboração própria, 2017

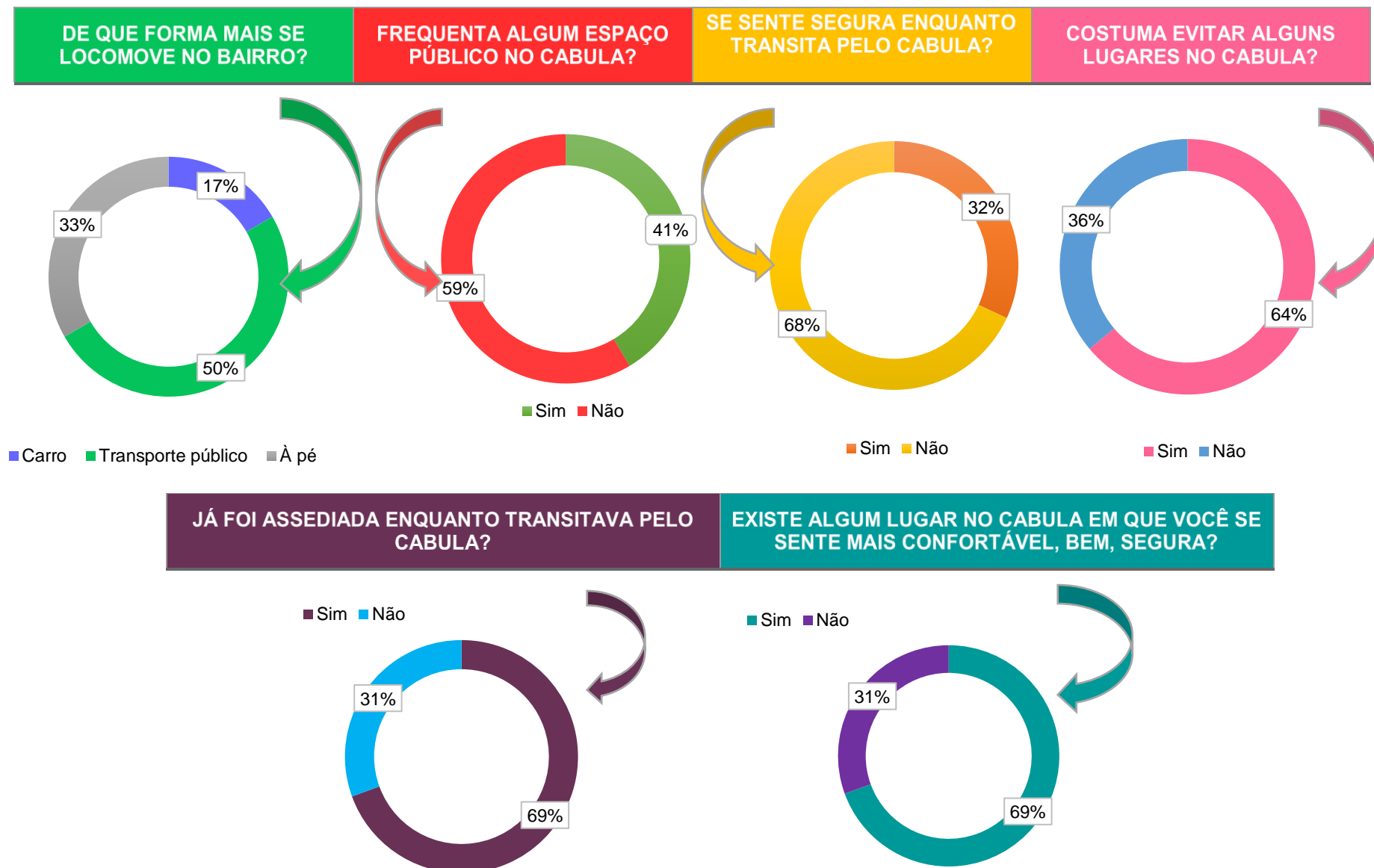
Gráfico 3: Qual a sua relação com o Bairro?



Elaboração própria, 2017.

Inicialmente, buscou-se entender qual a relação das mulheres entrevistadas com o as tarefas domésticas, já que este, historicamente sempre foi/ainda é o trabalho delegado à elas. Como podemos ver no Gráfico 2, 67% dizem realizar as tarefas de forma partilhada, porém quando perguntadas com quem, percebe-se o pedomínio do sexo feminino, a maioria respondeu que divide as atividades com a mãe e/ou irmã. 33% responderam que realizam as tarefas sozinhas.

Gráfico 4: Resultado dos questionários.



Nesta segunda parte do questionário, foram feitas perguntas específicas para entender como se dá as desigualdades nas vivências entre mulheres e homens no Bairro, já compreendendo o perfil de cada mulher entrevistada, e qual o contexto social a qual está inserida.

Quanto a mobilidade, há um predomínio do transporte público e a locomoção à pé, com 50% e 33% respectivamente. Se a maioria das mulheres transitam pelo Bairro sem ser pelo transporte individual, para elas a vulnerabilidade é constante, já que estão mais expostas às precariedades urbanas, a violência, assédios e assaltos, o que pôde ser comprovado nas questões aberta sobre a segurança no Bairro.

Quanto aos espaços públicos, a maioria das mulheres na verdade não conseguiram definir o que é espaço público. Como diagnosticado no tópico, 3.1.3, na verdade, no Bairro não existem áreas de sociabilização para nenhum grupo social, talvez por isto haja uma dificuldade em se reconhecer espaço público (ou seu conceito) na área. Das entrevistadas, 59% responderam que não frequentam espaços públicos no Bairro, e 41% responderam que sim. Das que responderam sim, quando questionadas qual o espaço frequentado, ou respondiam os estabelecimentos comerciais (percebe-se a confusão entre o que é público e privado), ou a UNEB, já que grande parte das entrevistas foram feitas entre alunas da universidade, como demonstra o Gráfico 3.

Em relação à segurança, confirma-se o que já foi abordado no decorrer deste trabalho e nos conceitos trazidos no tópico 3.1.2 sobre a (in)segurança das mulheres no espaço urbano. 63% das entrevistadas responderam que não se sentem segura no Bairro e 32% responderam que sim. No entanto, as que responderam que se sentem segura, são aquelas que, ou não frequentam o bairro com tanta frequência, (apenas transitam, de acordo com o gráfico 3) ou são as que ocupam lugares de maior privilégio, renda familiar entre 6 e 10 salários ou mais de 11, como visto no gráfico 1, além de não transitarem pelo Bairro à pé ou de transporte público.

Algumas das respostas obtidas quanto a segurança, das que responderam que se sentem inseguras no Bairro, apontaram as seguintes questões:

“A gente não tá segura em lugar nenhum né”?

“Os assédios fazem parte do meu dia a dia e isso faz com que eu não me sinta segura transitando pelo Bairro, esse medo constante às vezes me impede de usufruir do espaço”.

“Só quando as ruas estão bem movimentadas eu me sinto segura”.

“Principalmente durante a noite, devido a diversas ocorrências de situações violentas vividas por conhecidos”.

“Parece deserto em muitas partes pelas calçadas estreitas em relação às vias largas e os grandes muros”.

“Não me sinto segura, muito lugar deserto, sem policiamento muito homem na rua”.

Percebe-se então, que o sentimento de insegurança para as mulheres é algo que já faz parte da sua rotina, muitas respostas também foram voltadas para o medo de assalto, algumas inclusive já foram assaltadas no Bairro. Essa sensação é resultado de um conjunto de motivos, já discutido nos capítulos anteriores.

Quando perguntadas se costumam evitar alguns lugares, 64% responderam que sim e 36% não. Quanto às respostas das que evitam alguns lugares:

“Evito os pontos de ônibus, ficando mais próxima aos condomínios e esquinas. Caso tenha necessidade de fuga”!

“Locais escuros e pouco povoados, na curva do 19bc e à noite quando os comércios estão fechados, toda a Silveira Martins torna-se um local a se evitar”.

“Lugares parados como: da frente da universidade até próximo a Saboeiro, principalmente depois que escurece”.

“Lugares com muitos homens, ex: bar”.

“A região do Colégio Polivalente”.

“Trecho 19bc – Bompreço (um pouco antes)”.

“Só ando pela rua principal, e por locais mais movimentados, fora isso, evito”.

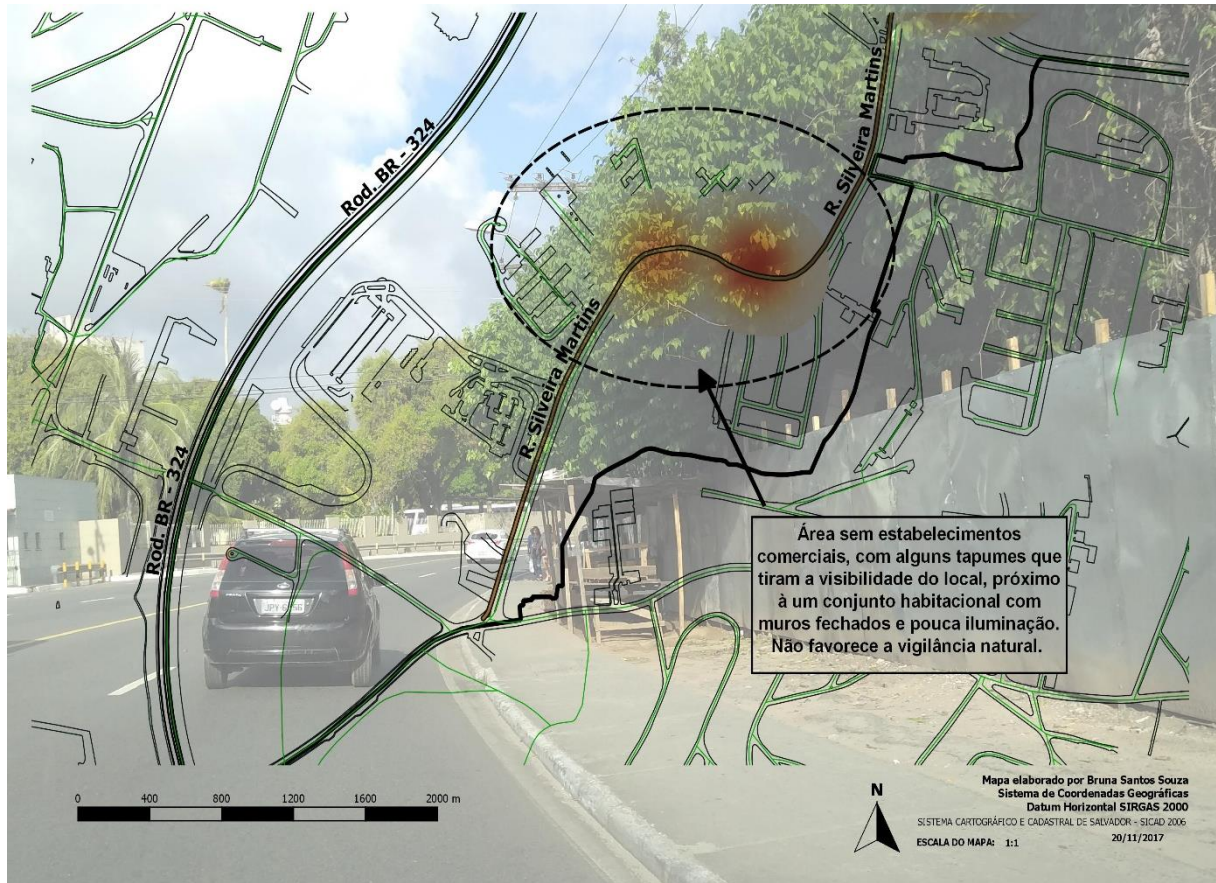
“Os lugares escuros”.

“Não saio de casa de noite porque é muito perigoso”.

Locais desertos, 19bc (19º Batalhão de Caçadores do Exército), lugares escuros, à noite, foram as respostas que mais se repetiram entre as mulheres entrevistadas. De acordo com o diagnóstico feito no tópico 3.1.2, e utilizando a metodologia de Jane Jacobs (2000) e do coletivo Hiria Kolektiboa, aqui apenas confirmamos o que foi exposto. Locais onde as mulheres não possam ser vistas e ouvidas, mal iluminados,

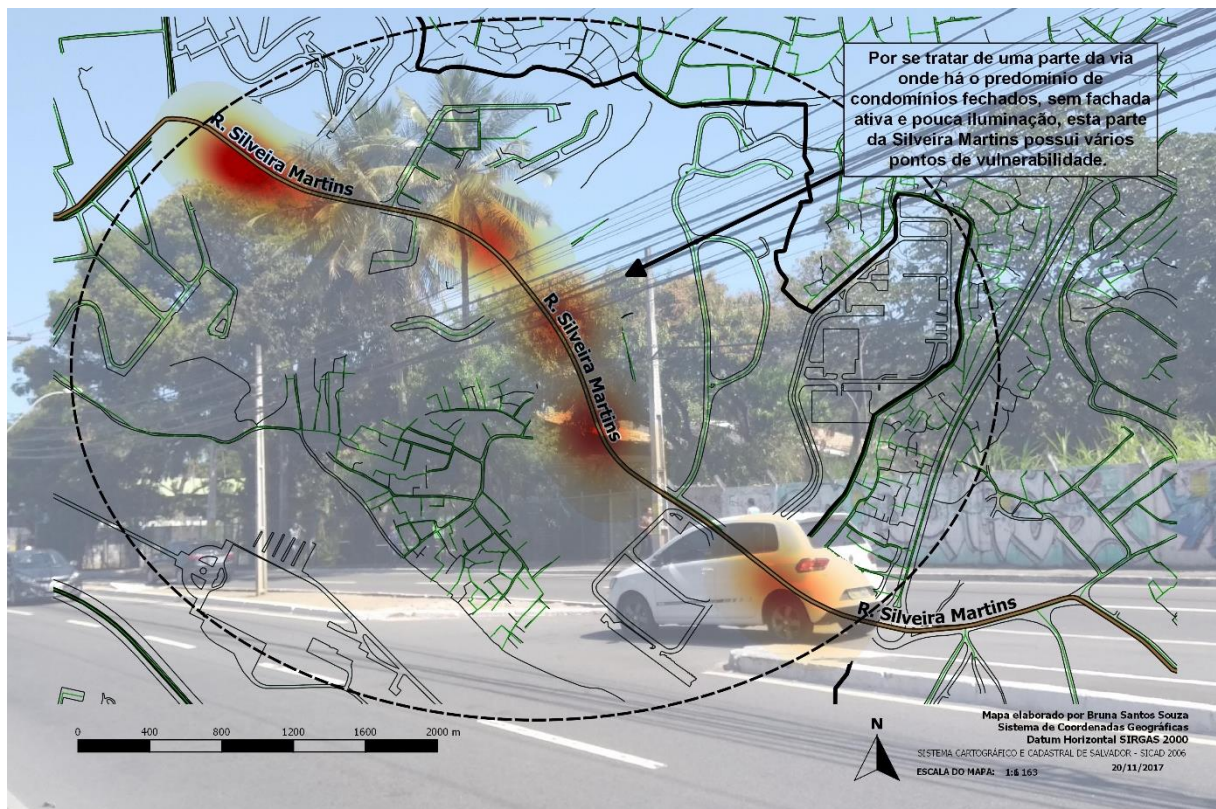
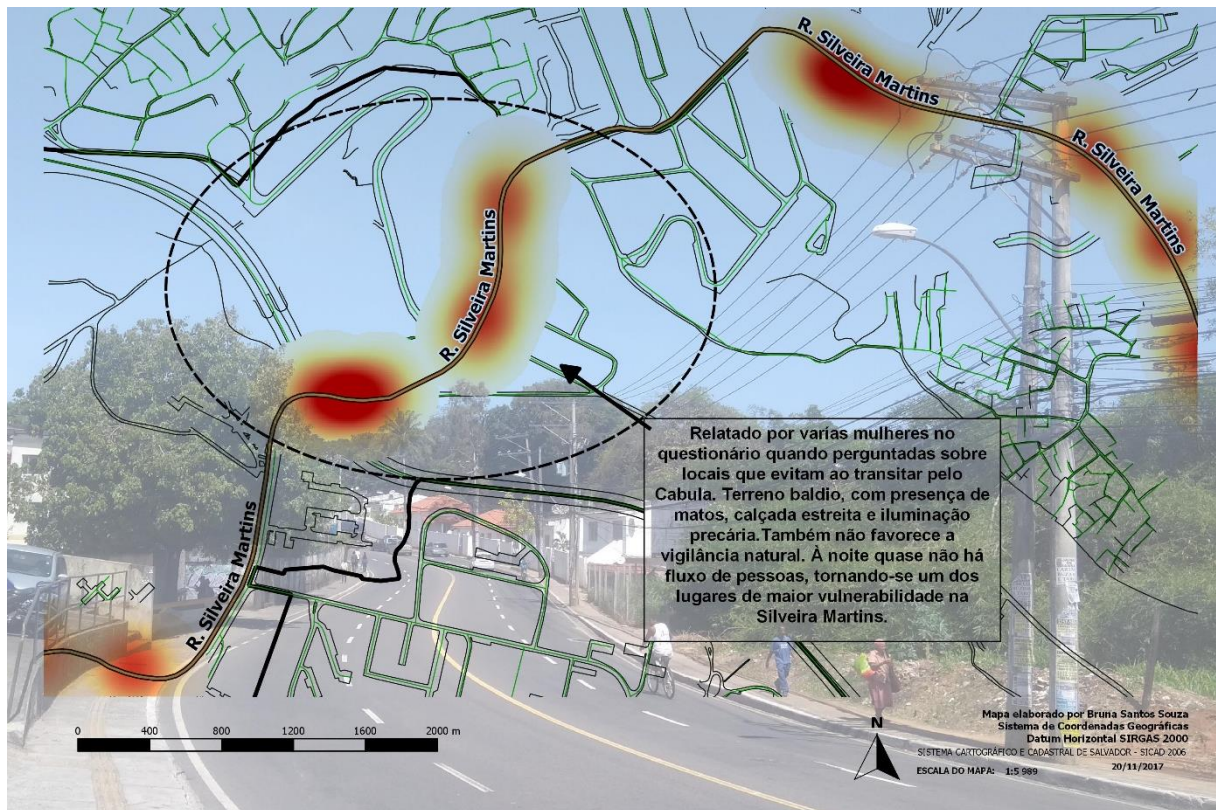
onde não existe fachada ativa, quando não conseguem ter sempre visível uma saída ou lugar para pedir ajuda, onde não tem um fluxo grande de pessoas, são de fato, os lugares de maior vulnerabilidade para elas, como espacializados nos Mapas 11 e 12.

Mapa 11: Lugares de vulnerabilidade feminina – Rua Silveira Martins



Elaboração própria, 2017.

Mapa 12: Lugares de vulnerabilidade feminina 2 – Rua Silveira Martins



Elaboração própria, 2017.

Quando perguntadas se já foram assediadas enquanto transitavam pelo Bairro, 69% das mulheres responderam que sim, contra 31% que responderam não. Desses 31% novamente, estão aquelas que não costumam transitar tanto pelo Bairro (gráfico 3), e quando transitam, se locomovem de automóvel individual, sem estarem tão expostas quanto as que andam à pé ou de transporte público. Quanto às repostas das que responderam sim, a maioria relatou assédios verbais, algumas inclusive, mencionaram que já estão acostumadas, ou seja, já existe um sentimento de conformismo, de aceitação da sua posição. Isso reflete como a construção do papel social da mulher, de inferioridade, da não autonomia do próprio corpo, está estigmatizado ao seu pensamento. Algumas mulheres, antes de responder sobre assédio, titubeavam, porque não conseguiam associar as “famosas cantadas”, como assédio, para elas isso era comum e normal, apesar de incômodo. Algumas das repostas quando perguntadas o que sentiam quando eram assediadas:

“Normalmente são só "psius", olhadas, mas sempre que acontece me sinto desconfortável, o que me faz andar na rua com um pouco de pressa, raramente ando devagar.”

“A gente até acostuma”.

“É constrangedor passar pelas ruas do Cabula, a maioria dos vendedores ambulantes, dos moradores de rua, bem como dos policiais que trabalham em um módulo próximo a UNEB, são homens, e passar por eles é sempre frustrante pois é inevitável ouvir algum tipo de piadinha, cantada barata e quando responde à altura se é sempre xingada ou inferiorizada”.

“Já ouvi assobios e olhares indecentes, fico extremamente desconfortável”.

“Abordagens invasivas e de cunho sexual feita por homens”.

“Eu fico chateada, gostaria de poder andar na rua com a mesma segurança que os homens andam”.

“Medo, raiva, impotência, tristeza, vergonha.”.

“Às vezes estou caminhando na calçada e passa algum motorista buzinando ou falando alguma coisa”.

“Já sofri assédio "leve", se é que existe uma escala (pra mim qualquer um é inaceitável). Foram piadas e comentários "elogiosos" a respeito da minha aparência. Nenhum assédio físico”.

“Uma vez eu saía da faculdade e um homem parou o carro como se fosse pedir informação... e usou do momento para me constranger... além disso de casa até a UNEB ouço piadas e me sinto muito mal e desprotegida”.

“Extremamente repugnante o machismo que sofremos constantemente enquanto mulher e estudante”.

“Sentimento de impotência e raiva, como se não pudéssemos usufruir plenamente do espaço, como se não pertencêssemos a cidade”.

Como forma de compreender qual a percepção que as mulheres entrevistadas têm de segurança, a última pergunta, se existe algum lugar em que elas se sentem mais confortáveis, trouxe respostas bastante representativas, 69% responderam que sim, contra 31% não. Das que responderam sim, o local na maioria das respostas foi a sua própria casa. Fica claro aqui, que o seu lugar de sentimento de pertencimento, construído historicamente como o espaço privado, é o local em que se sentem seguras. No espaço público sentem-se constantemente inseguras, pois não se sentem parte daquele espaço, já que este, não foi feito para elas.

Pudemos então perceber claramente, na análise dos questionários, o que já havia sido discutido no decorrer deste trabalho: As mulheres não usufruem da cidade da mesma forma que os homens, suas especificidades não são levadas em consideração quanto ao planejamento urbano, o seu papel social construído historicamente ainda traz consequências que criam barreiras para suas vivências no espaço urbano e limitam suas possibilidades de viver a cidade, a falta de representatividade não lhe proporciona o sentimento de pertencimento em determinados lugares.

Portanto, através dessa percepção, compreendemos como se dá o processo de invisibilização das especificidades das mulheres, trazendo os recortes sociais e étnicos/raciais, e com isso, demonstrar a urgência da desconstrução dos modelos de cidades que refletem as desigualdades de gênero, impedindo as mulheres de viverem plenamente o espaço urbano.

3.3 OS OLHARES FEMININOS SOBRE OS LUGARES

Diante do que foi exposto até aqui, nos perguntamos: Como seria se as cidades fossem projetadas por e para as mulheres? Como seria se os espaços públicos fossem planejados pensando nas especificidades de todos os grupos sociais? Como seria se as mulheres fossem livres para se apropriarem dos espaços urbanos, em qualquer horário, usando qualquer tipo de vestimenta, sem se preocupar com assédios e violência sexual?

Com o objetivo de chegar a uma aproximação para responder tais questionamentos, durante as entrevistas realizadas no Cabula, como parte final dos questionários, foi perguntado o que as mulheres mudariam no Bairro para melhorar a sua vivência enquanto mulher. Percebe-se, no entanto, que existe uma certa dificuldade em entender as desigualdades de gênero no espaço urbano, dada a aceitação do seu papel social construído historicamente. Muitas não souberam responder, ou quando instigadas, respondiam de forma generalizada, sem levar em consideração suas reais especificidades. Todavia, é importante considerar toda e qualquer resposta, pois representam demandas importantes e urgentes no Bairro.

A maioria das respostas foram relacionadas à segurança, quanto a iluminação e policiamento, o que de fato reflete um dos problemas mais gritantes do Bairro. Outras citaram a necessidade de mais espaços de convívio, rodas de debates e reeducação geral dos homens. Todas as repostas podem ser visualizadas no Apêndice A.

De forma geral, as Figuras 16 e 17, conseguem sintetizar algumas soluções para suprir essas demandas, de forma a conceber um espaço que seja saudável para as mulheres circularem livremente. É preciso entender como as mulheres se relacionam e percebem o espaço, ouvi-las, aproximar-se das suas demandas e discutir cada vez mais importância do seu empoderamento.

Figura 15: Melhorias para a vivência da mulher no espaço urbano.



Fonte: Mobilidade e Mulher – Planejamento. Elaborado por Adriana Souza, 2017.

Figura 16: Para repensar a cidade.



Fonte: Carolina Ito. A cidade ideal das mulheres. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/arquitetura-e-planejamento-urbano-a-cidade-ideal-das-mulheres>. Acesso em: 18/11/2017

É importante ressaltar que a relação das mulheres com a cidade tem sido cada vez mais discutida, nos ambientes acadêmicos, diversos grupos, ONG's, e até mesmo pela própria mídia, uma vez que nunca vimos falar tanto em assédios, violência sexual, importância da autonomia feminina.

Essas discussões, no entanto, se esbarram num problema maior: a falta de representatividade das mulheres nos espaços políticos e tomadas de decisões quanto à gestão e planejamento urbano. “Sem elas, as políticas públicas podem continuar sendo pensadas na perspectiva masculina – em geral, por homens brancos, heterossexuais, de classe média ou alta”. (ITO, 2017)

Então, justifica-se assim, a necessidade dos debates, do engajamento feminino na luta por mais representatividade, por implementação de políticas públicas que atuem no sentido de diminuir as desigualdades de gênero e que lidem com os diferentes recortes de classe e raça. No campo do Urbanismo, atuar de forma a reconhecer a heterogeneidade do espaço, fomentando a coexistência, a igualdade e a justiça social. A luta é árdua, longa, mas é o caminho a se seguir.

QUESTIONAMENTOS FINAIS

À frente do que foi exposto nesse trabalho, podemos concluir que a vivência das mulheres na cidade contemporânea ainda reflete a construção do seu papel na sociedade, que criou pré-determinações baseadas no patriarcalismo. Inseridas num contexto de hegemonia do gênero masculino, essa herança histórica cria barreiras, que impedem e criam limitações em que as mulheres não conseguem usufruir plenamente do espaço.

É inquestionável que as mulheres tenham conquistado diversos direitos que historicamente lhes foram negados, e hoje, ocupem lugares de maior relevância. No entanto, de maneira geral, ainda experimentam a opressão, violência e desigualdade. A sua presença no espaço urbano, não significa necessariamente que estão se apropriando de fato, apenas transitam combinando responsabilidades do âmbito doméstico e do trabalho produtivo.

A cidade se mostra sexista quando mantém uma diferente relação do direito ao seu acesso. Grupos sociais diferentes usufruem da cidade de forma desigual. Para as mulheres: o medo constante de ocupar as ruas, os incontáveis assédios e violência sexual, a falta de suporte de infraestrutura urbana, a negação das suas especificidades no planejamento, a falta de representatividade no espaços políticos, a divisão sexual do trabalho e as jornadas duplas/triplas, entre outros fatores condicionantes da sua vida urbana.

Diante de toda essa problemática, o estudo de caso realizado no Bairro do Cabula trouxe uma contribuição importante para visualizar de perto toda essa estrutura social, que se configura no espaço de forma desigual. O resultado da aplicação dos questionários comprovou o que já havia sido trazido pelo referencial teórico nos primeiros capítulo. Nesse sentido, “é impossível esperar que uma sociedade como a nossa, radicalmente desigual e autoritária, baseada em relações de privilégio e arbitrariedade, possa produzir cidades que não tenham essa característica” (MARICATO, 2001, p. 51)

Fica cada vez mais evidente a necessidade de se discutir essa temática. A urgência de reconhecer a mulher como parte importante no processo de construção do espaço, inserindo-as em todas as etapas do planejamento urbano, para que assim, as cidades

possam dialogar com suas necessidades, bem como, a médio e longo prazo, seja possível transformar os espaços urbanos em lugares justos, igualitários, e que todas possam, de fato, ter o direito de se usufruírem dele.

Por fim, é importante ressaltar que apenas reformulações e/ou reconfigurações dos espaços, mesmo sendo um passo significativo, considerando a morfologia urbana como está, não conseguem sozinhos, proporcionar soluções gerais para as desigualdades de gênero. Essas transformações na verdade, precisam perpassar pela desconstrução do papel social da mulher, através de políticas públicas de conscientização, da maior inserção de mulheres nos espaços políticos de poder e tomada de decisões, de debates, propagandas, campanhas, construção de grupos de diálogos que atuem em bairros, escolas e universidades, enfim, soluções que apontem para um caminho em que as mulheres se livrem das limitações simbólicas que lhes foram impostas durante séculos e que refletem diretamente na sua vivência do espaço urbano.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. **Mulher. Uma Trajetória épica**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1997.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação de trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2006.

BARRETO, Maria do Perpétuo Socorro Leite. PATRIARCALISMO E O FEMINISMO: Uma retrospectiva histórica. **Ártemis**, Paraíba, v. 1, n. 1, p.64-73, dez. 2004. Semestral. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/viewFile/2363/2095>. Acesso em: 10 set. 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo. II. A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Difusão *Europeia* do Livro, 1967.

BELLO, Luíse. **A man's world: queremos cidades para mulheres**. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2014/09/22/cidades-seguras-para-mulheres/>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. PORTAL BRASIL. (Org.). **Cidadania e Justiça: Conheça as principais lutas e conquistas das mulheres**. 2017. Com informações da SPM, TSE e IBGE. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/03/conheca-as-principais-lutas-e-conquistas-das-mulheres>. Acesso em: 15 out. 2017.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M.R. **Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosa, mais velhas e mais instruídas**. Disponível em <<http://www.fee.rs.gov.br>> Acesso em 25 de setembro de 2017.

CALIÓ, Sônia Alves. **Incorporando a questão de gênero nos estudos e no planejamento urbano**. [s.n.t.]; CALIÓ, Sônia Alves; LOPES, Maria Margaret. *Mulher e espaço urbano*. [s.l.:s.n.]. 1992a;

CARNEIRO, Sueli. **“Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”** (.pdf). In: *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CHOAY, Françoise. **Destinos da cidade europeia: séculos XIX e XX**. RUA – Revista de Urbanismo e Arquitetura, n. 6, Salvador: UFBA, p. 8-21, 1996.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo, ed. Ática, 1995.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016[1981]. 248 p.

FARIA, Nalu (São Paulo). Sempreviva Organização Feminista (Org.). **A divisão sexual do trabalho como base material das relações de gênero**. 2011. Disponível em: <http://www.sof.org.br/2011/06/20/a-divisao-sexual-do-trabalho-como-base-material-das-relacoes-de-genero/>. Acesso em: 19 nov. 2017.

FERNANDES, Rosali Braga et al. Histórias Urbanas e Transformações da Periferia na Cidade de Salvador - Bahia - Brasil: Processo, estrutura, função e formas no Cabula. **Actas Primer Congreso Iberoamericano de Historia Urbana: Ciudades en el tiempo: infraestructuras, territorios, patrimonio**, Santiago, v. 1, n. 1, p.448-458, nov. 2016.

FREITAS, Ana. **Por que cidades feitas para mulheres são mais igualitárias**. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/05/06/Por-que-cidades-feitas-para-mulheres-sao-mais-igualitarias>. Acesso em: 02/10/2017

FREITAS, Carolina. **Substantivos femininos: mulher e cidade**. 2013. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Cidades/Substantivos-femininos-mulher-ecidade/38/29377>. Acesso em: 07/09/2017

GARCIA, Antonia dos Santos. **Mulher Negra e o direito à cidade: Relações raciais e de gênero**. In: SANTOS, Renato Emersin dos (Org.), *Questões urbanas e racismo*. Brasília, DF: ABPN, 2012. 400p.

GEHL, Jan. **Life Between Buildings: Using Public Space**. Copenhagen: The Danish Architectural Press, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005, 4ª ed.

GILLIAM, A. (julho 1996). Anais do Seminário internacional “**Multiculturalismo e Racismo: O papel da ação afirmativa nos Estados Democráticos Contemporâneos**” (p.54). Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Direitos Humanos.

GOMES, Paulo César da Costa. **A Condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

GONZAGA, T. **A cidade e a arquitetura também mulher: planejamento urbano, projetos arquitetônicos e gênero**. São Paulo: Annablume, 2011.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

ITO, Carol. **A cidade ideal das mulheres**. 2017. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/arquitetura-e-planejamento-urbano-a-cidade-ideal-das-mulheres>. Acesso em: 18 nov. 2017.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Martins Fontes, São Paulo; 1ª edição, 2000.

KOLEKTIBOA, Coletivo Hiria. **Manual de análisis urbano**. Género y vida cotidiana. Vitoria-Gasteiz: Servicio Central e Publicacione Del Gobierno Vasco, 2010

LARA, Eliziane (Belo Horizonte). Oficina de Imagens. **O que é ser menina no Brasil?: Desigualdade de gênero desde a infância.** 2015. Disponível em: <http://oficinadeimagens.org.br/o-que-e-ser-menina-no-brasil-desigualdade-de-genero-desde-a-infancia/>. Acesso em: 15 out. 2017.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). 2006

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade.** 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Maria Lúcia Chaves; MÉLLO, Ricardo Pimentel. **As Vicissitudes da Noção de Gênero:** por uma concepção estética e antiessencialista. Gênero na Amazônia, Belém, n. 1, jan./jun., 2012.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana.** Petrópolis: Vozes, 2001.

LINKE, Clarisse (Rio de Janeiro). Gênero e Número. **“O poder público encara a política de transporte como neutra e não considera o recorte de gênero nem em seus estudos”.** 2017. Por Natália Mazotte. Disponível em: <http://www.generonumero.media/o-poder-publico-encara-a-politica-de-transporte-como-neutra/>. Acesso em: 20 out. 2017.

MARIANO, Marina. **E se essa rua fosse minha?:** A idiossincrasia da experimentação de um corpo feminino no espaço urbano. 2017. 125 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

MOSCHKOVICH, Marília. **O vagão para mulheres só anda para trás.** 2013. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/o-vagao-para-mulheres-so-anda-para-tras-1088.html>. Acesso em: 6 nov. 2017.

ONU MULHERES. **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010.** Rio de Janeiro: Cepia, 2011. 440 p.

PASKO, Priscila. Obvious. A mulher no espaço urbano: E se a rua também fosse delas?. Disponível em: <http://lounge.obviousmag.org/por-uma-linha-que-caiba/2015/08/a-mulher-no-espaco-urbano-e-se-a-rua-tambem-fosse-delas.html>. Acesso em: 17 out. 2017.

PAULILO, M.A.S.; JEOLÁS, L.S. **A Questão das Drogas na Cidade de Londrina.** Londrina, 1999. Relatório parcial. CPG/UUEL

PECCINI, Isabela Rapizo. **Cidade: Substantivo Feminino:** As desigualdades de gênero e o espaço público (não) vivenciado pela mulher. 2016. 123 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PLAN INTERNATIONAL Brasil. Por Ser Menina no Brasil: Crescendo entre Direitos e Violências. Disponível em <http://oficinadeimagens.org.br/o-que-e-ser-menina-no-brasil-desigualdade-de-genero-desde-a-infancia/> Acesso em 09/09/2017

RIO, Vicente del; GALLO, Haroldo. **O legado do urbanismo moderno no Brasil: Paradigma realizado ou projeto inacabado?**. Vitruvius, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.006/958>. Acesso em: 11 out. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. H.I.B. (1992) **Rearticulando gênero e classe social**. In: COSTA, A. de O., BRUSCHINI, C. (orgs.) Uma questão de gênero. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, pp. 183-215.

SAMPAIO, Letícia; FRANÇA, Lauro. As relações de gênero aplicadas à análise socioespacial: Como a construção cultural no espaço urbano aprisiona as mulheres. **Workshop de Geografia Cultural: Da cultura material ao simbolismo cultural**, Alfenas, v. 2, p.59-70, jun. 2015. Disponível em: <http://www.unifal-mg.edu.br/geografia/sites/default/files/genero59-70.pdf>. Acesso em: 5 out. 2017.

SCOTT, Joan W. **Gender and the politics of History**. New York: Columbia Univ. Press, 1988.

_____. Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, v.16, n.2, p., 5-22, jul/dez., 1990.

TAVARES, R. B. **Forma urbana e relações de gênero**. In: VV. AA. Ser, fazer e acontecer: mulheres e direito à cidade. Recife: SOS Corpo, 2008. p. 11-23.

TAVARES, Rossana B. **Uma análise das desigualdades de gênero em favelas do Rio de Janeiro: Perspectiva do reconhecimento para o urbanismo**: Caderno de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v. 12, n. 2, p.48-67.

VIEIRA, Claudia Andrade. **Imagens reveladas, diferenças veladas: relações de gênero na dinâmica do espaço público na cidade de Salvador, Bahia**. 283 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO**Vivência das mulheres no Bairro do Cabula, Salvador – BA****1) Qual sua idade?**

- Entre 15 e 25 Entre 26 e 40 Entre 41 e 60

2) Qual a sua raça?

- Me considero branca Me considero parda Me considero negra
 Outro

3) Estado civil

- Solteira Casada Divorciada Outro_____

4) Qual sua renda familiar?

- Até 1 salário Entre 2 e 5 Entre 6 e 10 + de 11

5) Você realiza as tarefas domésticas sozinha ou partilhada?

- Sozinha Partilhada. Com quem?_____

6) Qual sua relação com o Bairro do Cabula?

- Moro Trabalho Estudo Outro_____

7) De que forma você mais se locomove no Bairro?

- Carro Transporte Público Bicicleta À pé
 Outro_____

8) Você frequenta algum espaço público no Cabula?

- Sim. Qual/Quais_____ Não

9) Você se sente segura quando transita pelo Cabula?

- Sim Não. Por que?_____
-
-

10) Você percebe que quando está transitando pelo Cabula costuma evitar alguns lugares?

- () Não
() Sim. Quais e Por que?

11) Já foi assediada enquanto transitava pelo Cabula?

12) Existe algum lugar no Cabula em que você se sente confortável, bem, segura?

- () Não. Me sinto insegura sempre.
() Sim. Quais e Por que?

13) O que você acha que poderia mudar no Cabula para melhorar a sua vivência enquanto mulher, no Bairro?

Qual sua idade?	Qual sua raça/etnia?	Estado Civil	Qual a sua renda familiar?	Você realiza as tarefas domésticas sozinha ou partilhada?	Se partilhada, com quem?	Qual a sua relação com o bairro do Cabula?	De que forma você mais se locomove no Bairro?	Você frequenta algum espaço público no Cabula?	Se sim, qual/quais?
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Mãe e Pai	Estudo	Transporte público	Sim	UNEB
Entre 15 e 25 anos	Branca	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Sozinha		Moro, Estudo	À pé	Sim	Universidade do Estado da Bahia
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Mais de 11 salários	Partilhada	Diarista	Estudo	Carro	Não	
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Sozinha		Estudo	Transporte público	Sim	UNEB
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Meu irmão	Moro, Estudo	À pé	Não	
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Pais	Moro, Estudo	Transporte público	Não	
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Mãe, irmã e pai	Estudo	À pé	Sim	Uneb
Entre 15 e 25 anos	Branca	Solteira	Entre 6 e 10 salários	Partilhada	Mae, pai e irmão	Estudo	Transporte público	Sim	Ponto de ônibus
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Eu e minha mãe	Moro, Estudo	Transporte público	Sim	UNEB

Você se sente segura quando transita pelo Cabula?	Se não, por que?	Você percebe que quando está transitando pelo Cabula, costuma evitar alguns lugares?	Se sim, quais lugares e por que? (Quanto mais específico, melhor, pois gostaria de mapear esses lugares)	Já foi assediada enquanto transitava pelo Cabula?	Se sim, gostaria de compartilhar um pouco mais do sentimento?	Existe algum lugar no Cabula em que você se sente mais confortável, bem, segura?	Se sim, quais e por que? (Sinta-se à vontade para explicar qual a sua percepção de segurança no espaço urbano)	O que você acha que poderia mudar no Cabula para melhorar a sua vivência enquanto mulher no Bairro?	Por fim, deixo este espaço livre para a sua contribuição, qualquer experiência que queira compartilhar sobre sua vivência no Bairro. Seguiremos juntas <3
Sim		Não		Sim	Sentimento de desrespeito e vulnerabilidade	Sim.	UNEB, pois a universidade apesar de ser aberta para todos, tem setores que posso recorrer caso haja qualquer contratempo.	Segurança	
Não	Tenho medo de assalto	Sim	Passar no fundo dos carros que ficam em frente aos condomínios que tem em frente a UNEB, porque é uma área deserta e mal iluminada.	Sim	Fiquei com medo e com raiva, principalmente porque a maioria das vezes foi na padaria, então eu ficava com receio de ir, mas como não tinha outro lugar...	Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		Iluminação	
Sim		Não		Não		Sim.	Dentro da faculdade		
Não	Muitos assaltos	Sim	Engomadeira e Saboeiro	Sim	Extremamente repugnante o machismo que sofremos constantemente enquanto mulher e estudante.	Sim.	UNEB, dentro da instituição me sinto plenamente segura.	Mais policiamento realizado de forma extensiva.	
Não	Acho escuro	Sim	Evito os pontos de ônibus, ficando mais próximos aos condomínios e esquinas. Caso tenha necessidade de fuga!	Não		Sim.	Na uneb, no meu condomínio e na estrada das barreiras. Pq tem mais gente, a iluminação é maior.	Mais espaços aberto público de lazer, mais iluminação e mais atividades educativas e sociais.	
Sim		Sim	Qualquer lugar fora da principal	Sim	Em frente ao bom preço	Sim.			
Não	Receio de assaltos	Sim	Engomadeira	Não		Sim.	Uneb, por conta dos guardas e pequenos índices de assalto	Policiamento 24 horas e mais consciência por parte dos homens para evitarem assédio	
Não	Assaltos	Não		Não		Sim.	Campus da uneb, ponto de ônibus. Mas apenas quando estou acompanhada. Acho que a questão de se sentir segura ou não esta mais relacionada a determinados horários e ao fato de estar acompanhada de pessoas de confiança do q a locais específicos, apenas.	Na minha opinião não existe muito a ser feito com relação ao espaço urbano se a sociedade não mudar sua posição machista.	
Não	O medo é constante enquanto mulher no espaço urbano, medo de assédio, assalto, violência sexual, isso tudo mais intensificado à noite.	Sim	Locais escuros e pouco povoados, na curva do 19bc e a noite quando os comércios estão fechados, toda a silveira martins torna-se um local a se evitar	Sim	sentimento de impotência e raiva, como se não pudéssemos usufruir plenamente do espaço, como se não pertencêssemos a cidade.	Sim.	Dentro da uneb e nos locais da silveira martins que são mais iluminados e que há um maior fluxo de pessoas	Mais iluminação, mais espaços públicos, áreas de lazer e claro mais políticas públicas de incentivo à igualdade de gênero	

Qual sua idade?	Qual sua raça/etnia?	Estado Civil	Qual a sua renda familiar?	Você realiza as tarefas domésticas sozinha ou partilhada?	Se partilhada, com quem?	Qual a sua relação com o bairro do Cabula?	De que forma você mais se locomove no Bairro?	Você frequenta algum espaço público no Cabula?	Se sim, qual/quais?
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira				Moro, Estudo	À pé	Sim	UNEB
Entre 15 e 25 anos	Branca	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Minha mãe	Estudo, Trabalho	Carro	Sim	UNEB
Entre 26 e 40 anos	Parda	Solteira	Entre 6 e 10 salários	Partilhada	Mãe e diarista	Moro, Estudo	À pé	Sim	Uneb
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Entre 6 e 10 salários	Partilhada	Minha mãe 3	Moro, Estudo	Tanto a pé, quando de ônibus e carro	Sim	Peças, bares
Entre 41 e 60 anos	Parda	Outro	Entre 6 e 10 salários	Sozinha		Moro	Transporte público	Não	
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Entre 2 e 5 salários			Moro, Estudo	À pé		
Entre 15 e 25 anos	Parda	Outro	Entre 6 e 10 salários	Partilhada	Noivo	Apenas transito às vezes	Carro	Não	

Você se sente segura quando transita pelo Cabula?	Se não, por que?	Você percebe que quando está transitando pelo Cabula, costuma evitar alguns lugares?	Se sim, quais lugares e por que? (Quanto mais específico, melhor, pois gostaria de mapear esses lugares)	Já foi assediada enquanto transitava pelo Cabula?	Se sim, gostaria de compartilhar um pouco mais do sentimento?	Existe algum lugar no Cabula em que você se sente mais confortável, bem, segura?	Se sim, quais e por que? (Sinta-se à vontade para explicar qual a sua percepção de segurança no espaço urbano)	O que você acha que poderia mudar no Cabula para melhorar a sua vivência enquanto mulher no Bairro?	Por fim, deixo este espaço livre para a sua contribuição, qualquer experiência que queira compartilhar sobre sua vivência no Bairro. Seguiremos juntas <3
Não	Muito assediada, sinto como se alguém fosse me atacar a qualquer momento	Sim	Lugares parados como: da frente da universidade até próximo a saboeiro, principalmente depois que escurece.	Sim	Uma vez eu saía da faculdade e um homem parou o carro como se fosse pedir informação.. e usou do momento para me constranger.. além disso de casa até a UNEB ouço piadas e me sinto muito mal e desprotegida.	Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		Deveriam haver mais polícias nos locais mais desertos	Na rua que moro até me sinto tranquila.. mas a rua Silveira Martins é sempre muito desconfortável..
Não	Assaltos constantes	Não		Sim		Sim.	UNEB		
Sim		Sim	Rua direta da lagoa. Começa atrás do posto shell. Ali tem um atalho para minha casa, mas só passo de carro.	Sim	Já sofri assédio "leve", se é que existe uma escala (pra mim qualquer um é inaceitável). Foram piadas e comentários "elogiosos" a respeito da minha aparência. Nenhum assédio físico.	Sim.	As ruas do meu condomínio, pra mim, são seguras. Mesmo sabendo que já ocorreram assaltos e outros tipos de violência, tenho uma enorme sensação de segurança dentro dele. E é um condomínio parcialmente fechado. Já voltei muito tarde para casa e sempre que entro nas ruas do condomínio relaxo a atenção.	Ter uma praça. Um espaço de área verde de lazer.	
Não	Muito vazio depois das 20 não me senti segura	Não		Sim	Muito indida	Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		Mais iluminação, polícia e mais movimento	
Não	A violência esta em todos os lugares.	Não		Não		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		Mais policiamento	
Sim		Não		Sim	Um gari uma vez queria eu eu pegasse na sua mão, como eu não permitir por ele está usando luva, o mesmo passou a mão na minha barriga e tentou me agarrar. Eu revidei com palavras e me devendo, ele quase partiu para cima de mim	Sim.	No meu bairro/ rua. Por não ser assediada e poder transitar a qualquer hora, além de não correr o risco de roubo	Um espaço de lazer, algo para entreter os jovens	
Não	Casos de assalto	Sim	Timbalada porque tem muitos casos de assassinato la	Sim	O tempo todo muitas buzinas ou contadas ofensivas	Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		O trânsito	

Qual sua idade?	Qual sua raça/etnia?	Estado Civil	Qual a sua renda familiar?	Você realiza as tarefas domésticas sozinha ou partilhada?	Se partilhada, com quem?	Qual a sua relação com o bairro do Cabula?	De que forma você mais se locomove no Bairro?	Você frequenta algum espaço público no Cabula?	Se sim, qual/quais?
Entre 15 e 25 anos	Branca	Solteira	Entre 6 e 10 salários	Partilhada	Mãe	Estudo	Transporte público	Não	
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Entre 6 e 10 salários	Partilhada	mae e pai	Estudo, Apenas transito às vezes	Carro	Não	
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Até 1 salário mínimo	Partilhada	Colega de quarto	Moro, Estudo	Transporte público	Não	
Entre 26 e 40 anos	Parda	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Sozinha		Trabalho	Transporte público	Não	
Entre 15 e 25 anos	Branca	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Sozinha		Estudo	À pé	Sim	Uneb
Entre 26 e 40 anos	Negra	Solteira	Até 1 salário mínimo	Sozinha		Estudo	Transporte público	Sim	Universidade do Estado da Bahia

Você se sente segura quando transita pelo Cabula?	Se não, por que?	Você percebe que quando está transitando pelo Cabula, costuma evitar alguns lugares?	Se sim, quais lugares e por que? (Quanto mais específico, melhor, pois gostaria de mapear esses lugares)	Já foi assediada enquanto transitava pelo Cabula?	Se sim, gostaria de compartilhar um pouco mais do sentimento?	Existe algum lugar no Cabula em que você se sente mais confortável, bem, segura?	Se sim, quais e por que? (Sinta-se à vontade para explicar qual a sua percepção de segurança no espaço urbano)	O que você acha que poderia mudar no Cabula para melhorar a sua vivência enquanto mulher no Bairro?	Por fim, deixo este espaço livre para a sua contribuição, qualquer experiência que queira compartilhar sobre sua vivência no Bairro. Seguiremos juntas <3
Sim		Sim	Na rua Silveira Martins, da UNEB ao posto de gasolina	Não		Sim.	Próxima a mercados, feiras, pontos de ônibus e da própria Universidade, quando tempo gente por perto e de dia	que fossem investidas oficinas, rodas de conversa, tal como debates, com auxílio dos discentes e docentes da UNEB, sobre os abusos que a mulher tende a sofrer cotidianamente, e desconstrução de qualquer tipo de violência e cultura que enfraqueça ou objetifique a mulher - é interessante aproveitar o espaço da universidade para disseminar o conhecimento e instigar por mudanças. O espaço deve ser aberto também para homens e demais gêneros, mas vale lembrar que o espaço de fala é das mulheres.	
Não	medo de assalto	Sim	Todos, pois ha violencia em tds os lugares, engarrafamentos...	Não		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		policiamento	
Sim		Sim	Vielas desconhecidas	Sim	As vezes estou caminhando na calçada e passa algum motorista buzinando ou falando alguma coisa	Sim.	Dentro da Universidade, porque sinto que estou constantemente rodeada de pessoas que estão numa condição similar a minha e, portanto, além de não me oferecerem ameaça, podem vir a me ajudar caso uma ameaça se apresente.	Partindo do pressuposto de que as abordagens que já sofrí partiram de transeuntes, acredito que a única coisa que poderia incidir sobre a conduta deles seja intervenção urbana com mensagens reflexivas sobre respeito à mulher pedestre.	Uma vez eu estava chegando à Universidade quando um motorista abriu o vidro pra me abordar. Tive coragem de gritar para ele uma resposta somente porque já estava a alguns passos da UNEB, o que demonstra o quanto, para mim, a Universidade me oferece a sensação de segurança. - Boa sorte no projeto! (;
Não	Muito assalto	Não		Sim		Sim.	Condomínio fechado	Segurança	
Sim		Não		Sim		Sim.			
Não	Medo de ser assaltada e violência sexual.	Sim	A região da engomadeira e próximo ao Roberto Santos. Por conta do tráfico que existe nestas regiões.	Sim	Nojo, revolta, asco e medo.	Sim.	Embora seja um espaço aberto, dentro da Uneb sinto-me menos vulnerável em relação as formas de violência.	Conscientização da comunidade como um todo (independente da classe social) e maior efetivo na segurança do entorno.	Meu convívio no bairro de da por conta de ser estudante da Uneb, logo minha fala é limitada para alguns assuntos. O que me preocupa mesmo é o assédio que nós mulheres sofremos na região.

Qual sua idade?	Qual sua raça/etnia?	Estado Civil	Qual a sua renda familiar?	Você realiza as tarefas domésticas sozinha ou partilhada?	Se partilhada, com quem?	Qual a sua relação com o bairro do Cabula?	De que forma você mais se locomove no Bairro?	Você frequenta algum espaço público no Cabula?	Se sim, qual/quais?
Entre 15 e 25 anos	Branca	Solteira	Entre 6 e 10 salários	Partilhada	mãe	Estudo	Transporte público	Sim	shopping, supermercados
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Imã	Estudo	Transporte público	Sim	UNEB
Entre 41 e 60 anos	Parda	Divorciada	Entre 2 e 5 salários	Sozinha		Apenas transito às vezes	Carro	Não	
Entre 26 e 40 anos	Parda	Casada	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	marido	Moro, Trabalho	Carro	Sim	Igreja
Entre 26 e 40 anos	Negra	Solteira	Entre 6 e 10 salários			Moro	À pé	Não	
Entre 41 e 60 anos	Parda	Casada	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Filha	Moro	Carro	Não	
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Minha mãe	Estudo	Carro	Não	
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Até 1 salário mínimo	Partilhada	Com minha mãe	Moro	À pé	Sim	
Entre 26 e 40 anos	Branca	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Sozinha		Trabalho	À pé	Não	

Você se sente segura quando transita pelo Cabula?	Se não, por que?	Você percebe que quando está transitando pelo Cabula, costuma evitar alguns lugares?	Se sim, quais lugares e por que? (Quanto mais específico, melhor, pois gostaria de mapear esses lugares)	Já foi assediada enquanto transitava pelo Cabula?	Se sim, gostaria de compartilhar um pouco mais do sentimento?	Existe algum lugar no Cabula em que você se sente mais confortável, bem, segura?	Se sim, quais e por que? (Sinta-se à vontade para explicar qual a sua percepção de segurança no espaço urbano)	O que você acha que poderia mudar no Cabula para melhorar a sua vivência enquanto mulher no Bairro?	Por fim, deixo este espaço livre para a sua contribuição, qualquer experiência que queira compartilhar sobre sua vivência no Bairro. Seguiremos juntas <3
---	------------------	--	--	---	---	--	--	---	---

Não	desconfiança	Sim	lugares com muitos homens, ex: bar	Não		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		iluminação pública mais eficiente, câmeras, contudo isso não muda o comportamento das pessoas em relação a mulher e seus espaços, ainda é preciso muita desconstrução por parte delas	
Sim		Não		Sim	Chamamentos e palavras de baixo calão não rua	Sim.	Não UNEB, me sinto muito segura, por ser um lugar que frequento muito. Geralmente ao longo da Silveira Martins e nas Barreiras me sinto segura pois há sempre movimentação na rua, na maior parte do tempo.	Não sei dizer	Acredito que a UNEB deveria ter uma creche para que as mães estudantes não precisem se afastar das atividades acadêmicas para isso. Acho que deveria termina lavanderia pública e em outros bairros também.
Não	Violência urbana	Sim	Ruas desertas, rua calculê	Não		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável			
Não	Assaltos	Sim	Barreiras	Sim		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável			
Sim		Não		Não		Sim.	Minha casa		
Não	Me sinto insegura	Não		Não		Sim.	Na minha casa	Poderia ter mais iluminação pública	
Não	Não me sinto segura, muito lugar deserto, sem policiamento, muito homem na rua.	Sim	Perto do 19 bc, resgate.	Não	Medo, raiva, impotência, tristeza, vergonha.	Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		Maior policiamento, menos espaços desertos.	
Não	Muitos assaltos que são mais frequentes em mulheres	Sim	A noite não costumo transitar na rua da embasa em frente ao posto, que é um dos caminhos para eu chegar em casa	Sim		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		Acho que tem alguns lugares com pouca iluminação, o que acaba gerando a sensação de mais insegurança, a exemplo disso a própria rua principal do bairro é mal iluminada.	
Sim		Sim	Engomadeira e São Gonçalo, pois possuem conflitos e toque de recolher.	Sim	Medo, constrangimento, tristeza.	Sim.	Pracinha próxima da residência, por ter pessoas conhecidas.	Mais atividades coletivas nos espaços existentes.	Moro no Cabula desde muito pequena e considero um lugar agradável para viver. Os problemas, tanto relacionados a violência quanto a infra estrutura que ainda podem ser melhorados, não são exclusivos daqui, mas também dos demais bairros da nossa cidade. Acredito que se as pessoas conseguirem superar os medos e ocuparem mais os espaços, seja caminhando, transitando de passagem, fazendo atividades físicas, lúdicas, esses lugares se tornariam mais atrativos e seguros.

Qual sua idade?	Qual sua raça/etnia?	Estado Civil	Qual a sua renda familiar?	Você realiza as tarefas domésticas sozinha ou partilhada?	Se partilhada, com quem?	Qual a sua relação com o bairro do Cabula?	De que forma você mais se locomove no Bairro?	Você frequenta algum espaço público no Cabula?	Se sim, qual/quais?
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Até 1 salário mínimo	Partilhada	Com a minha mãe	Moro	À pé	Sim	Lanchonete, bar, churrascaria, pizzaria...
Entre 26 e 40 anos	Branca	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Mãe	Moro	Transporte público	Sim	Quadra
Entre 15 e 25 anos	Branca	Solteira	Até 1 salário mínimo	Sozinha		Moro	Transporte público	Não	
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Sozinha		Moro, Estudo	À pé	Sim	UNEB
Entre 15 e 25 anos	Negra	Casada	Até 1 salário mínimo	Partilhada	Esposo	Moro, Estudo	À pé	Não	
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Entre 6 e 10 salários	Partilhada	meus pais	Apenas transito às vezes	e transp publico	Não	
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada		Estudo	À pé	Sim	Universidade, supermercado, shopping

Você se sente segura quando transita pelo Cabula?	Se não, por que?	Você percebe que quando está transitando pelo Cabula, costuma evitar alguns lugares?	Se sim, quais lugares e por que? (Quanto mais específico, melhor, pois gostaria de mapear esses lugares)	Já foi assediada enquanto transitava pelo Cabula?	Se sim, gostaria de compartilhar um pouco mais do sentimento?	Existe algum lugar no Cabula em que você se sente mais confortável, bem, segura?	Se sim, quais e por que? (Sinta-se à vontade para explicar qual a sua percepção de segurança no espaço urbano)	O que você acha que poderia mudar no Cabula para melhorar a sua vivência enquanto mulher no Bairro?	Por fim, deixo este espaço livre para a sua contribuição, qualquer experiência que queira compartilhar sobre sua vivência no Bairro. Seguiremos juntas <3
Sim		Não		Não		Sim.	Acho o bairro do Cabula bastante tranquilo	Segurança e policiamento. Sempre bom, em todos os lugares	Me chamo Beatriz! moro no bairro à 5 anos, e acho um local bom para morar, acessível, com shopping, supermercado, farmácia.... Tem de tudo ness bairro, rrsr! Espero ter te ajudado, abraço
Não	Pq sempre tem assaltos e assédios	Sim	A região do Colégio polivalente	Sim	Indignação, nojo, revolta. Geralmente, se sinto que minha segurança não está em risco eu respondo para constrianger o assediador. As vezes dá certo, as vezes não pq há aquele sentimento masculino de achar que pode fazer qq porra.	Sim.		A resposta seria a sensação de segurança. Mas isso leva à presença de policiais que muitas vezes são assdiadores tb. Então fica difícil.. se não se falar em conscientização masculina e combate ao machismo não se revolve muita coisa a longo prazo.	
Sim		Não		Sim		Sim.	Minha residência	Mais respeito ao gênero feminino	
Não	Falta policiamento.	Não	Próximo à	Não		Sim.	Nas proximidades à minha residência. Pois me sendo mais segura ao lado de quem conheço.	Mais policiamento para melhorar a segurança, inibindo possíveis ações criminosas ou abusivas.	
Não	Devido ao alto índice de criminalidade, tentaram me assaltar em frente a UNEB.	Não		Não		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		Melhorar policiamento, pois não só no bairro do cabula, mas em todos os bairros índices de assaltos são crescentes.	O bairro do cabula é bom, porém a falta das forças armadas para combater certos meliantes nos deixa a mercê dos marginais.
Não	Alguns trechos são desertos	Sim	trecho 19bc - Bompreço (um pouco antes)	Sim		Sim.	Próximo a UNEB, por conta do fluxo de pessoas ser maior.	mais espaços públicos compartilhados para aumentar o sentimento de segurança e a vivência de rua das pessoas.	
Não		Sim		Sim	Já fui assediada e perseguida por um homem que estava se masturbando em frente ao ponto de ônibus da universidade. Ele primeiramente falou " quero chupar sua buceta" e logo depois começou a se masturbar e me seguir, gritei e ele correu	Sim.	Universidade	O mesmo para todos os lugares. Educar os homens, conscientizar	

Qual sua idade?	Qual sua raça/etnia?	Estado Civil	Qual a sua renda familiar?	Você realiza as tarefas domésticas sozinha ou partilhada?	Se partilhada, com quem?	Qual a sua relação com o bairro do Cabula?	De que forma você mais se locomove no Bairro?	Você frequenta algum espaço público no Cabula?	Se sim, qual/quais?
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Até 1 salário mínimo	Partilhada	Mãe	Estudo	Transporte público	Não	
Entre 15 e 25 anos	Branca	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Amiga que divide apartamento	Apenas transito às vezes	Transporte público	Sim	Público/privado, bares em geral, público só a UNEB.
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Até 1 salário mínimo	Partilhada	Família	Moro	Transporte público	Sim	Praças
Entre 26 e 40 anos	Negra	Solteira	Mais de 11 salários	Partilhada	02 enteadas	Moro	Transporte público	Não	
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Entre 6 e 10 salários	Partilhada	Mãe	Estudo	Transporte público	Sim	Universidade do Estado da Bahia
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Namorado	Trabalho	Carro	Não	

Você se sente segura quando transita pelo Cabula?	Se não, por que?	Você percebe que quando está transitando pelo Cabula, costuma evitar alguns lugares?	Se sim, quais lugares e por que? (Quanto mais específico, melhor, pois gostaria de mapear esses lugares)	Já foi assediada enquanto transitava pelo Cabula?	Se sim, gostaria de compartilhar um pouco mais do sentimento?	Existe algum lugar no Cabula em que você se sente mais confortável, bem, segura?	Se sim, quais e por que? (Sinta-se à vontade para explicar qual a sua percepção de segurança no espaço urbano)	O que você acha que poderia mudar no Cabula para melhorar a sua vivência enquanto mulher no Bairro?	Por fim, deixo este espaço livre para a sua contribuição, qualquer experiência que queira compartilhar sobre sua vivência no Bairro. Seguiremos juntas <3
Sim		Não		Sim	Eu fico chateada, gostaria de poder andar na rua com a mesma segurança que os homens andam	Sim.	Eu me sinto muito a vontade na UNEB, é um local em que eu posso transitar até mesmo a noite e nunca aconteceu nada contra a minha segurança	Acho que sinto falta de uma roda de debate entre as mulheres sabe? Contando suas vivências e fortalecendo a luta, talvez exista, mas provavelmente é muito fechado e eu não tenho acesso. Acredito que essa solução vai sair de uma construção em conjunto, onde uma vai complementar a outra	
Não	Por que é um bairro que vem apresentando uma quantidade de assaltos crescente.	Não		Sim	Raiva primeiramente, mas não vi na situação potencial pra maior gravidade, passo pouco tempo transitando nas ruas, e o assédio foi de caráter menos agressivo, cantadas e palavras um pouco mais agressivas quando apresentei reação.	Sim.	UNEB e condomínios fechados, pois apresentam a sensação (pela suposta existência do controle de acesso) de segurança.	Acho que não pode ser tão pontual, mas talvez ações culturais e educativas, em espaços como escolas e universidades, partindo para as ruas e espaços públicos posteriormente.	Vamos vivenciar os butecos miga <3
Sim		Sim	São Gonçalo.	Sim	Não	Sim.	Meu condomínio e a rua nossa senhora do resgate.	Mais iluminação e policiamento	
Não	Pela falta de segurança pública que atinge toda cidade.	Sim	Na região próxima a Narandiba (pelo histórico de violência, divulgado na mídia e por populares)	Não		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável	Embora sempre tenha a sensação de insegurança, a região do bairro que me causa um pouco mais de tranquilidade é nas proximidades entre a empresa OI e a entrada do Resgate.	Segurança Pública (iluminação adequada, ronda da polícia militar)	De uma maneira geral posso considerar a morada no Bairro do cabula agradável, pois trata-se de um ambiente onde predomina a edificação de condomínios fechados e mesmo de forma insuficiente há presença de policiamento nas ruas, o que de certa forma traz um pouco mais de segurança. No que refere-se a mobilidade considero uma região de fácil acesso para diversos locais a exemplo da região do Iguatemi e Paralela. Há facilidade em encontrar faculdades, mercados, farmácias, escolas o que traz mais comodidade para que mora na região.
Não	Proximidade com lugares perigosos	Não		Sim		Sim.	Na Uneb, pela sensação de que as comunidades do entorno respeitam a universidade		

Sim		Sim	Evito as ruas mais desertas, especialmente a rua das árvores	Não		Sim.	Na ladeira do Cabula VI, por ter conhecimento do local e por que é muito movimentado	A segurança	
-----	--	-----	--	-----	--	------	--	-------------	--

Qual sua idade?	Qual sua raça/etnia?	Estado Civil	Qual a sua renda familiar?	Você realiza as tarefas domésticas sozinha ou partilhada?	Se partilhada, com quem?	Qual a sua relação com o bairro do Cabula?	De que forma você mais se locomove no Bairro?	Você frequenta algum espaço público no Cabula?	Se sim, qual/quais?
Entre 15 e 25 anos	Branca	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Com minha Mãe	Apenas transito às vezes	À pé	Não	
Entre 15 e 25 anos	Parda	Divorciada	Entre 2 e 5 salários	Sozinha		Moro	Transporte público	Não	
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Até 1 salário mínimo	Partilhada	Mãe	Estudo	Transporte público	Sim	Universidade ...
Entre 26 e 40 anos	Parda	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Secretaria e família	Apenas transito às vezes	Transporte público	Não	
Entre 26 e 40 anos	Parda	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Mãe e avó	Apenas transito às vezes	Carro	Não	
Entre 26 e 40 anos	Parda	Outro	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	NA VERDADE, EU NÃO FAÇO, SÓ ARRUMO MEU QUARTO	Estudo	À pé	Não	
Entre 41 e 60 anos	Parda	Casada	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Filha	Trabalho	Transporte público	Sim	uneb
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Até 1 salário mínimo	Sozinha		Estudo	Transporte público	Sim	Faculdade
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Até 1 salário mínimo	Partilhada	Mãe	Moro, Trabalho	À pé	Não	

Entre 26 e 40 anos	Negra	Solteira	Até 1 salário mínimo	Sozinha		Trabalho	Transporte público	Não	
Entre 26 e 40 anos	Parda	Solteira	Até 1 salário mínimo	Sozinha		Trabalho	Transporte público	Não	
Entre 41 e 60 anos	Negra	Divorciada	Até 1 salário mínimo	Sozinha		Moro	À pé	Não	
Entre 15 e 25 anos	Branca	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Minha tia	Estudo	Transporte público	Sim	Uneb

Você se sente segura quando transita pelo Cabula?	Se não, por que?	Você percebe que quando está transitando pelo Cabula, costuma evitar alguns lugares?	Se sim, quais lugares e por que? (Quanto mais específico, melhor, pois gostaria de mapear esses lugares)	Já foi assediada enquanto transitava pelo Cabula?	Se sim, gostaria de compartilhar um pouco mais do sentimento?	Existe algum lugar no Cabula em que você se sente mais confortável, bem, segura?	Se sim, quais e por que? (Sinta-se à vontade para explicar qual a sua percepção de segurança no espaço urbano)	O que você acha que poderia mudar no Cabula para melhorar a sua vivência enquanto mulher no Bairro?	Por fim, deixo este espaço livre para a sua contribuição, qualquer experiência que queria compartilhar sobre sua vivência no Bairro. Seguiremos juntas <3
Sim		Não		Não		Sim.	Sim, quando transito por qualquer bairro da cidade costumo me sentir segura, pois evito transitar com objetos de valor quando estou a pé, por exemplo. Quanto aos assédios, costumo ignorar.	Acredito que não só no cabula, mas na cidade de Salvador como um todo, o que ajudaria a melhorar na segurança seria uma iluminação pública de qualidade, pois muitos locais são mal iluminados a noite, o que facilita a ação de crimes.	Não sei se você já ouviu falar, mas tem um livro muito bom que fala justamente sobre a relação das pessoas com a cidade: Acupuntura urbana, do arquiteto Jaime Lerner; fala justamente sobre a relação das pessoas com a cidade. Além dele, sugiro que busque sobre Jan Gehl. :) boa pesquisa!
Não	Ja fui assaltada	Sim		Sim		Sim.	Na minha casa		
Não	Principalmente durante a noite, devido a diversas ocorrências de situações violentas vividas por conhecidos.	Sim	calçadas em frente ao bom preço e estrada das barreiras	Sim	Abordagens invasivas e de cunho sexual feita por homens.	Sim.	"Dentro da universidade UNEB" ou em espaços privados como Shopping, supermercados	O problema no cabula quanto a minha vivência como mulher é algo que abarca diversas questões desde falta de planejamento urbano á políticas que promovam equidade de gênero a ponto de que não aja situações constrangedoras como hipersexualização.	Enquanto mulher negra perante uma sociedade racista e machista, o bairro reflete bem todos enfrentamentos que vivemos contidianamente.
Não	Parece deserto em mts partes pelas calçadas estreitas em relação às vias largas e os grandes muros	Sim		Sim		Sim.	Uneb		
Sim		Sim	Não saio da rua principal da narandiba	Sim		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável			
Sim		Não		Não		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável			
Sim		Não		Não		Sim.	Dentro da uneb	Espaços públicos de convivência, para praticar atividades, caminhar	

Sim		Não		Sim		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		
Não	Muito assaltos, assédios, lugares desertos	Sim	Só ando pela rua principal, e por locais mais movimentados, fora isso, evito	Sim	Medo	Sim.	Minha casa	Mais policiamento
Não	Já fui assaltada no Cabula, sinto muito medo	Sim	Os lugares escuros	Não		Sim.	Em frente ao Bompreço, muito movimentado	Mais segurança
Não	medo de assalto	Sim	Locais desertos	Sim	Isso é o que mais existe, a gente até se acostuma	Sim.	Minha casa	Segurança
Não	Muito assalto	Sim	Não saio de casa de noite porque é muito perigoso	Sim		Sim.	Minha casa	Não sei dizer
Não	Muitos assaltos, sentimento de medo constante, assédios	Sim	locais desertos, 19 bc e posto menor preço	Sim	Já ouvi assobios e olhares indecentes, fico extremamente desconfortável	Sim.	Na uneb	Mais iluminação, mais espaços de convivência feminina, mais segurança

Qual sua idade?	Qual sua raça/etnia?	Estado Civil	Qual a sua renda familiar?	Você realiza as tarefas domésticas sozinha ou partilhada?	Se partilhada, com quem?	Qual a sua relação com o bairro do Cabula?	De que forma você mais se locomove no Bairro?	Você frequenta algum espaço público no Cabula?	Se sim, qual/quais?
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Até 1 salário mínimo	Sozinha		Moro	Transporte público	Não	
Entre 41 e 60 anos	Parda	Solteira	Até 1 salário mínimo	Sozinha		Moro	Transporte público	Não	
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Até 1 salário mínimo	Sozinha		Estudo	Transporte público	Não	
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Até 1 salário mínimo	Sozinha		Estudo	Transporte público	Não	
Entre 26 e 40 anos	Parda	Casada	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Com uma moça que trabalha lá em casa	Trabalho	Carro	Não	

Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Minha mãe	Estudo	Transporte público	Não	
Entre 15 e 25 anos	Negra	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Sozinha		Moro, Estudo	À pé	Sim	Uneb
Entre 26 e 40 anos	Branca	Solteira	Entre 6 e 10 salários	Partilhada	Secretária	Trabalho	Carro	Não	
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Até 1 salário mínimo	Sozinha		Moro	Transporte público	Não	Não tem nenhuma praça

Você se sente segura quando transita pelo Cabula?	Se não, por que?	Você percebe que quando está transitando pelo Cabula, costuma evitar alguns lugares?	Se sim, quais lugares e por que? (Quanto mais específico, melhor, pois gostaria de mapear esses lugares)	Já foi assediada enquanto transitava pelo Cabula?	Se sim, gostaria de compartilhar um pouco mais do sentimento?	Existe algum lugar no Cabula em que você se sente mais confortável, bem, segura?	Se sim, quais e por que? (Sinta-se à vontade para explicar qual a sua percepção de segurança no espaço urbano)	O que você acha que poderia mudar no Cabula para melhorar a sua vivência enquanto mulher no Bairro?	Por fim, deixo este espaço livre para a sua contribuição, qualquer experiência que queira compartilhar sobre sua vivência no Bairro. Seguiremos juntas <3
Não	Assalto	Sim	Qualquer lugar no Cabula à noite	Sim	Assédio verbal	Sim.	Somente quando estou dentro dos estabelecimentos	Postos de atendimento à mulher, mais policiamento, mais iluminação	
Não	Medo constante de assalto	Sim	Lugares escuros e deserto, principalmente de noite	Sim		Sim.	Dentro dos lugares privados	Mais policiamento	
Não	Medo de assalto	Sim	Lugares desertos	Sim	Odeio	Sim.	Próximo a minha casa	Acabar com os assaltos	
Não	Só quando as ruas estão bem movimentadas eu me sinto segura	Sim	Lugares escuros e desertos	Sim	Raiva	Sim.	Minha casa	Mais segurança	
Sim		Não		Não		Sim.	Não transito muito pelo Bairro, somente trabalho aqui na loja, então não tenho muito o que falar sobre segurança, mas a gente sempre tem medo né? Mesmo aqui dentro eu tenho medo. (Dentro da loja)	Mais segurança, policiamento	
Não	Trânsito caótico, falta de segurança pública e localidades desertas	Sim	Perto da Subway, porque é um lugar deserto e sem iluminação	Sim	É constrangedor passar pelas ruas do Cabula, a maioria dos vendedores ambulantes, dos moradores de rua, bem como dos policiais que trabalham em um módulo próximo a UNEB, são homens, e passar por eles é sempre frustrante pois é inevitável ouvir algum tipo de piadinha, cantada barata e quando responde à altura se é sempre xingada ou inferiorizada	Sim.	UNEB, pelo fato de ter um vínculo com as pessoas	Na verdade acho que de modo geral deveriam incorporar os estudos sobre a importância da mulher na sociedade, começando pela educação na construção da história política da mulher na sociedade, para então abrir um leque para possibilidades que gerarão mudanças. Criticar as situações de gênero, pra que sejam reconhecidas as vontades dos homens em todos os aspectos e que a mulher tenha mais participação em todos os âmbitos sociais. A criação de espaços de convivência ajudaria no bairro do cabula	
Não	Os assédios fazem parte do meu dia a dia e isso faz com que eu não me sinta segura transitando pelo Bairro, esse medo constante às vezes me impede de usufruir do espaço	Sim	Locais mais desertos como o 19 bc	Sim	Medo constante	Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		Mais iluminação e espaços de convivência	
Sim		Não		Sim	Assédios verbais, nojo e constrangimento	Sim.	Perto da Vivo, está sempre muito movimentado, me sinto bem		

Não	Medo de assalto	Sim	Locais mal iluminados	Sim	Eu sempre ignoro mas é muito chato isso	Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável	Segurança e melhoras as calçadas pra a gente conseguir andar melhor pelo bairro	
-----	-----------------	-----	-----------------------	-----	---	---	---	--

Qual sua idade?	Qual sua raça/etnia?	Estado Civil	Qual a sua renda familiar?	Você realiza as tarefas domésticas sozinha ou partilhada?	Se partilhada, com quem?	Qual a sua relação com o bairro do Cabula?	De que forma você mais se locomove no Bairro?	Você frequenta algum espaço público no Cabula?	Se sim, qual/quais?
Entre 41 e 60 anos	Negra	Casada	Até 1 salário mínimo	Sozinha		Moro, Trabalho	À pé	Não	
Entre 26 e 40 anos	Parda	Solteira				Trabalho	Transporte público	Não	
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Minha mãe	Moro, Estudo	À pé	Não	
Entre 15 e 25 anos	Parda		Entre 2 e 5 salários	Partilhada	Minha irmã e minha mãe	Moro	À pé		
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Entre 2 e 5 salários	Partilhada	minha mãe	Estudo	Transporte público	Sim	uneb
Entre 15 e 25 anos	Parda	Solteira	Entre 6 e 10 salários	Partilhada	Mãe e pai.	Moro	À pé	Não	

Você se sente segura quando transita pelo Cabula?	Se não, por que?	Você percebe que quando está transitando pelo Cabula, costuma evitar alguns lugares?	Se sim, quais lugares e por que? (Quanto mais específico, melhor, pois gostaria de mapear esses lugares)	Já foi assediada enquanto transitava pelo Cabula?	Se sim, gostaria de compartilhar um pouco mais do sentimento?	Existe algum lugar no Cabula em que você se sente mais confortável, bem, segura?	Se sim, quais e por que? (Sinta-se à vontade para explicar qual a sua percepção de segurança no espaço urbano)	O que você acha que poderia mudar no Cabula para melhorar a sua vivência enquanto mulher no Bairro?	Por fim, deixo este espaço livre para a sua contribuição, qualquer experiência que queira compartilhar sobre sua vivência no Bairro. Seguiremos juntas <3
Não	Já fui assaltada aqui	Sim	Eu não sei dizer direito mas eu não gosto de andar de noite por aqui	Sim		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		Segurança, iluminação, praças	
Não	A gente não ta segura em lugar nenhum né	Sim	Aquele terreno perto do 19 bc aí em frente as americanas	Sim		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		Mais lugares que a gente possa usar né? Tipo aquelas praças que tem coisa pra malhar	
Não	Medo de assalto, estupro	Sim	Eu sempre atravesso a rua quando vejo um homem vindo na minha direção	Sim	Raiva	Sim.	Só dentro da minha casa	Eu queria poder sair a hora que eu quisesse sem ter medo, mas isso a gente não tem como mudar né? Então acho que a segurança	
Não	medo de tudo	Sim	Não é bem um lugar, mas de noite eu tenho medo de andar por aqui	Sim	A gente até acostuma	Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		Mais iluminação e segurança	
Não	Porque não considero nenhum bairro de Salvador um ambiente seguro e posso ser vítima de assalto, estupro, acidente ou outros a qualquer instante.	Não		Sim		Não. Me sinto sempre insegura, desconfortável		Não restringindo ao Cabula, mas uma ação que acredito ser indispensável é a prática do respeito, e para além do respeito, que a sociedade possa compreender que uma pessoa do sexo feminino não deve e NÃO PODE sofrer com ataques machistas e serem consideradas alvos mais fáceis de ladrões ou esturpadores.	
Não	Não muito a noite.	Sim	em frente ao 19 BC é deserto, perto da UNEB onde tem uns matos, passar pelo lado da engomadeira.	Sim	Normalmente são só "psius", olhadas.. mas sempre que acontece me sinto desconfortável, o que me faz andar na rua com um pouco de pressa, raramente ando devagar.	Sim.	Em locais onde tem maior movimento, passagem de pessoas, a Rua principal Silveira Martins, onde tem diversos colegios, farmacias, padaria, mercado é um local bastante movimentado, ando tranquilamente ali.	Sinceramente, não sei.. só reeducando todos os homens do mundo.	